

Orientes do Português

Vol. 03

2021



U. PORTO

FICHA TÉCNICA

Orientes do Português

Volume 3 - 2021

ISSN (Impresso): 2707-3122

ISSN (Eletrónico): 2707-3130

Periodicidade: anual

Editores

Universidade Politécnica de Macau

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Diretores

Im Sio Kei, Marcus

Paula Pinto Costa

Diretoras adjuntas:

Lei Ngan Lin, Vivian

Zulmira Santos

Diretores Executivos

Carlos Ascenso André

Zhang Yunfeng, Gaspar

Isabel Margarida Duarte

Consultor

Lei Heong Iok

Conselho Redatorial

Carlos Ascenso André

Sónia Rodrigues

Conselho Editorial

Anabela Rato — Carlos Morais — Catarina Xu — Cristina Martins — Diana Zhang — Esther Rinke — Frederico Fernandes — Fuqiang Zhou — Hu Jing, Helena — Iva Svodobová — Joice Guimarães — Jorge Alexandre Pinto — Liao Yiran, Lígia — Liliana Inverno — Lucila Etsuko Gibo — Luís Gonçalves — Margarete Schlatter — Margarita Correia — Michael J. Ferreira — Min Xuefei, Ângela — Nelson Viana — Nildiceia Aparecida Rocha — Perpétua Gonçalves — Rui Pereira — Sabrina Sedlmayer — Sílvia Yan — Sofia Minfeng Zhan — Teresa Cid — Zhou Miao

Organização gráfica

Mariana Selas

Os artigos publicados estão sujeitos a “peer review”.

<https://orientes-do-portugues.mpu.edu.mo/>

Sumário

Nota de apresentação

Carlos Ascenso André 5-7

O uso de esquemas de construção de palavras por aprendentes chineses de PLNM

Rui Pereira 9-36

Investigação para o guia digital bilingue chinês-português na perspetiva das paisagens linguísticas de Macau: o caso das placas de nome de rua

Xuechun Yu 37-56

The Use of Discourse Markers in narrative by Chinese speakers of L2 European Portuguese

Liuyang He; Qinxue Li; Aoran Yang 57-80

O Governador Ferreira do Amaral e Zhiliang: uma reflexão sobre heróis criados em Macau, a partir de experiência pedagógica com alunos chineses

Alda Mourão 81-103

ECOS DA MEMÓRIA: A escrita do como forma de denúncia em *Estátua de sal* de Maria Ondina Braga

Pedro D'Alte 105-124

Nota de apresentação

Carlos Ascenso André

Com a publicação do número 3, relativo ao ano de 2021, a revista *Orientes do Português*, em boa hora editada pelo então Instituto Politécnico de Macau, retomará o seu ciclo de vida e, assim se espera, recuperará muito em breve a sua normalidade.

É devido um pedido de desculpas aos autores dos artigos, que esperaram pela publicação dos seus trabalhos mais do que seria desejável e expectável, e aos leitores, por terem visto defraudar as expectativas de uma revista científica da área do Português produzida a Oriente.

Para esta irregularidade, entretanto, vários factores contribuíram:

Alterações substanciais na equipa responsável pela edição da revista, em resultado de mudança de funções dos seus membros e, em muitos casos, mudança de local de trabalho para fora da RAEM. Foi um número significativo de alterações, o que exigiu uma adaptação nada fácil à nova realidade.

Por outro lado, com vista a uma maior internacionalização da revista, decidiu-se alterar o seu perfil editorial: o número 2, relativo a 2020, já saíra numa parceria com a Universidade do Porto; este número e os que se seguirão mantêm essa parceria, mas com a Faculdade de Letras da mesma Universidade. Dada a natureza da revista, é, sem dúvida, a parceria mais adequada.

Além disso, a natureza da instituição de Macau responsável pela fundação de *Orientes do Português* alterou-se: o que era o Instituto Politécnico de Macau passou a ser a Universidade Politécnica de Macau. Não se trata de uma questão de pormenor; ser "Universidade" implica um nível particular de exigência que não pode deixar de reflectir-se numa publicação científica como esta pretende ser.

No quadro de todas estas alterações, o Senhor Reitor da Universidade Politécnica de Macau pediu-me que assumisse a tarefa de dirigir pessoalmente a revista e que assumisse nela também a responsabilidade pela equipa redactorial, juntamente com a Professora Sónia Rodrigues, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Aceitámos ambos com todo o gosto, no meu caso não apenas por ter estado ligado à sua fundação,

mas também porque, depois dos seis anos passados em Macau, considero a UPM a minha segunda casa — o que é para mim uma grande honra.

Este conjunto de mudanças (onde não é irrelevante o facto de dirigir a revista a partir de Portugal) exigiram a solução de problemas logísticos diversos, o que tomou algum tempo. Mas tudo está superado e entraremos num ritmo normal ao longo do corrente ano, como a seguir se explicará.

A primeira novidade verdadeiramente substancial tem a ver com o facto de a revista resultar agora de um processo de estreita cooperação entre duas instituições universitárias, uma de Macau — a Universidade Politécnica de Macau —, outra de Portugal — a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Trata-se de uma cooperação pouco usual que honra ambos os parceiros e que em muito contribui para o prestígio da revista.

Prestigia esta revista desde logo porque a Faculdade de Letras do Porto é uma instituição de excelência e qualidade inquestionáveis, com enorme experiência e elevadíssimo prestígio.

Além disso, porque, através desta parceria, a revista passará a estar disponibilizada *online* nas plataformas da FLUP. Isso permitirá aos autores beneficiarem das vantagens a que têm direito, como sejam a imediata atribuição de DOI aos seus trabalhos, o que não era antes possível.

Por outro lado, será mais fácil o percurso com vista à sua indexação em bases de dados internacionais, com vantagem, uma vez mais, para os autores dos artigos e para o prestígio da publicação.

Algumas palavras a respeito do número 3 agora editado.

É um volume, como acima se diz, relativo a 2021.

O número 4, relativo a 2022, sairá ainda durante o presente Verão ou, no máximo, no início do Outono e reunirá as contribuições trazidas ao seminário realizado na UPM, em 16 de Fevereiro de 2023, com o tema *Paisagens semióticas interculturais: diálogos com a China*.

Até ao final do ano contamos publicar o número 5, relativo a 2023, assim consolidando a regularidade da revista.

Conforme foi anunciado já, a revista mantém aberta a chamada para colaborações (*call for papers*). Atendendo a este esforço no sentido de consolidar a regularidade da publicação, são bem vindos artigos, em especial, mas não só, de estudiosos e investigadores que exercem as suas funções na China e, em geral, no Oriente.

Antecipadamente se agradece as colaborações sob a forma de artigos que nos forem submetidas.

O presente volume reúne cinco trabalhos, de dimensão considerável, qualquer deles, e de variada temática, como se pretende que seja a marca identitária da revista *Orientes do Português*:

Há três artigos da área da linguística, genericamente considerada, dois deles especificamente ligados ao ensino do português como Língua Estrangeira — um sobre o processo de "construção de palavras" por aprendentes chineses, o outro sobre o uso de "marcas narrativas" por parte de falantes chineses de português europeu; o terceiro da área da linguística dedica-se ao estudo das "paisagens linguísticas" de Macau, a partir dos nomes de ruas, um universo verdadeiramente interessante e que é uma das características da rica simbiose entre culturas que se verifica em Macau.

Os outros dois trabalhos são, respectivamente, da área da história mais ou menos recente de Macau ou, melhor dizendo, da história cultural, e da literatura portuguesa com ligações a Macau e ao interior da China, no caso um estudo sobre a escritora Maria Ondina Braga.

São, portanto, trabalhos todos eles enquadrados naquele que se pretende seja o espírito da revista *Orientes do Português*: uma publicação de carácter científico e de qualidade (por isso todos os trabalhos são submetidos a revisão por pares anónimos), feita a partir de Macau, sobre temas relacionados com a língua portuguesa, com as culturas e literaturas de língua portuguesa, com o ensino do Português, em especial a estrangeiros, com a história do longo diálogo entre a língua portuguesa e suas culturas e o Oriente, com particular realce para a China.

É, em suma, uma revista multidisciplinar: língua, linguística, literatura, cultura, história, todas essas áreas são bem vindas, com visões a partir da China, do Oriente em geral, mas também a partir do Ocidente, numa perspectiva intercultural que é a marca do nosso diálogo desde há cinco séculos.

É o Oriente visto pelo prisma do Português, o Português visto do Oriente, um novo encontro de culturas, afinal.

Todas as colaborações serão bem vindas.

O uso de esquemas de construção de palavras por aprendentes chineses de PLN

Rui PEREIRA

Faculdade de Letras / Celga-Iltec, Universidade de Coimbra

rui.pereira@uc.pt

Resumo

Neste artigo analisa-se o uso de palavras morfologicamente construídas por parte de aprendentes de português que têm o mandarim ou o cantonês como língua materna. O estudo desenrola-se em dois eixos: (i) a inventariação dos esquemas morfológicos usados e (ii) a análise dos desvios apurados no domínio da formação de palavras. O primeiro eixo da investigação dar-nos-á uma ideia do *intake* da aprendizagem da língua-alvo (LA), ou seja, da informação que os aprendentes retêm do *input* e usam nas suas produções escritas (Corder 1967). O segundo eixo permitirá observar as estratégias usadas por estes aprendentes para preencher as lacunas do seu léxico quando escrevem em português e, em particular, a emergência da competência derivacional dos aprendentes nesta língua, entendida como a capacidade que cada um deles tem de, num determinado momento, relacionar e/ou construir palavras derivadas ou compostas.

Palavras-chave: português; morfologia; formação de palavras; afixos; aquisição de L2

Abstract

This paper analyzes the use of morphologically constructed words by learners of Portuguese who have Mandarin or Cantonese as their first language. The study is twofold: (i) the inventory of the morphological schemas used and (ii) the analysis of the deviations found in word formation. The first axis of the research will give us an idea of the *intake* of learning of the target language, that is, the information

that learners retain from the *input* and use in their written productions (Corder, 1967). The second axis will allow us to observe the strategies used by these learners to fill gaps in their lexicon when writing in Portuguese and, in particular, the emergence of the learners' derivational competence in this language, understood as the ability that each of them has, at a given moment, to relate and/or construct derived or compound words.

Keywords: Portuguese; morphology; word formation; affixes; L2 acquisition

1. Introdução

O presente estudo pretende investigar os padrões de construção lexical usados pelos aprendentes de Português como Língua Não Materna (PLNM) que têm o mandarim ou o cantonês – línguas doravante designadas em conjunto como chinês – como língua materna (LM) a partir das representações das unidades lexicais morfológicamente construídas. Com base em produções escritas autênticas de estudantes chineses adultos em contexto de imersão, procuraremos descrever os constructos morfolexicais efetivamente usados pelos aprendentes chineses e analisar as estratégias a que eles recorrem para suprir as lacunas do léxico quando escrevem em português.

No âmbito dos estudos sobre a aquisição/aprendizagem de PLNM, poucos são os estudos com enfoque na morfologia derivacional e ainda mais reduzido o número daqueles que analisam as produções de alunos chineses (Jesus 2010; Leiria 2006; Nunes 2012; Pereira 2022). Entre estes, destacamos particularmente o estudo de Leiria (2006), no qual se conclui o seguinte: (i) está afastada a possibilidade de o informante chinês recorrer à sua LM e dela transferir material morfolexical – ocasionalmente o aprendente recorre ao inglês (e.g. *example, portuguese, problem*); (ii) para suprir o vocabulário indisponível, os aprendentes chineses recorrem a várias estratégias, nomeadamente ao uso de “empréstimos”, de “neologismos a partir de empréstimos”, “neologismos formais” e de “combinatórias aproximadas”; (iii) há evidências de que, após algum tempo de exposição ao português, certos processos relativos à formação de palavras começam a ser adquiridos, nomeadamente a capacidade de gerar verbos da primeira conjugação (*maiorar* por <umentar>).

Ao analisar a produção lexical dos aprendentes de uma língua não materna (LNM), o investigador confronta-se com um conjunto muito diverso de constructos nem sempre coincidentes com os itens da língua-alvo (LA), nem sempre fáceis de classificar e nem

sempre gerados sob influência de uma língua-fonte (LF)¹. Entre as tipologias de classificação desses constructos mais conhecidas conta-se a de Haugen (1950), que, na caracterização das situações de contacto linguístico, distingue três tipos de “empréstimo” (*loan*): (1) *loanwords* (estrangeirismos), sem substituição morfé mica; (2) *loanblends* (construções híbridas), com substituição morfé mica parcial; e (3) *loanshifts* (tradução de empréstimos ou empréstimos semânticos), com substituição morfé mica completa. A estas três classes de empréstimos, Haugen (1950: 220) acrescenta ainda uma quarta categoria, a que dá o nome de *creations* (criações), para designar uma série de palavras que não surgem como imitações diretas de um modelo da língua-fonte, mas são criadas exclusivamente dentro da língua-alvo.² Estas categorias configuram diferentes estratégias usadas para suprir as falhas no conhecimento lexical da LA. Através de mecanismos de imitação e/ou de adaptação, o aprendente pode transferir para o português não apenas unidades lexicais que mantêm a forma fonológica característica da LF (os empréstimos), mas também esquemas de construção de palavras que sofrem processos de acomodação, em graus variáveis, à fonologia e morfologia da LA. Paralelamente, pode construir palavras não dicionarizadas com base, exclusivamente, em esquemas de construção e em material morfolexical da LA.

A análise da competência derivacional dos aprendentes não nativos surge geralmente integrada e diluída em estudos que abordam o fenómeno da transferência ou influência translinguística. Embora o conceito de *transferência* continue a ser alvo de intenso debate entre os investigadores (e.g. Alonso Rei 2015; Grosjean 2011; Jarvis 2000, 2009; Odlin 2003; van Coetsem 1988, 2000; Winford 2005), neste trabalho tomar-se-á este termo na aceção que lhe dão Gass e Selinker (1993: 234): «language transfer is the use of native language (or other language) knowledge – in some as yet unclear way – in the acquisition of a second (or additional) language». Como esta definição deixa entrever, é possível encontrar nas construções dos aprendentes de uma determinada língua-alvo exemplos de transferência não apenas da sua LM, mas também de outra(s) língua(s) por eles adquirida(s) antes da LA.

¹ Usaremos neste estudo o termo “língua-fonte” (LF) para designar o idioma de origem do material linguístico alogénico usado pelo aprendente, que tanto pode ser a sua língua materna (LM ou L1) como uma segunda língua (L2) previamente adquirida.

² No âmbito da aquisição do PLNM, Leiria (2006) propõe, como vimos, uma tipologia ligeiramente diferente, baseada em quatro categorias: (i) empréstimos; (ii) neologismos a partir de empréstimos; (iii) neologismos formais; (iv) combinatórias aproximadas.

O presente trabalho, que se ancora nos princípios postulados pela Morfologia Construcional (Booij 2010, 2016) e pela Morfologia Relacional (Jackendoff & Audring 2016, 2019), encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira parte, apresentam-se sumariamente os processos de construção de palavras em português (secção 2); segue-se uma breve análise da estrutura interna das palavras em chinês, a língua materna dos aprendentes selecionados (secção 3), e do processo de aquisição do conhecimento morfológico (secção 4); na segunda parte (secção 5), apresentam-se os dados da pesquisa efetuada e discutem-se os resultados obtidos.

2. Processos de construção de palavras em português

No cerne deste trabalho estão os conceitos de *competência derivacional* e de *palavra morfológicamente construída*. A *competência derivacional* consiste no conjunto de conhecimentos que o falante/aprendente adquire e que lhe permite analisar, relacionar e/ou construir unidades lexicais com graus de complexidade morfológica variável. Por via desse conhecimento, é capaz de processar *palavras morfológicamente construídas*, designação que abrange (i) as *palavras derivadas*, isto é, palavras em cuja estrutura interna figura uma base lexical, que pode ser seguida, precedida ou rodeada por um afixo derivacional (cf. 1)³, ou que vê a sua classe léxico-sintática ser alterada por um processo de derivação não-afixal (também designado como conversão) (cf. 2), e (ii) as *palavras compostas*, ou seja, palavras construídas a partir de duas ou mais bases lexicais (cf. 3).

- (1) a. *infeliz* [in + feliz]_{ADJ}
b. *estudante* [estuda + nte]_N
c. *envelhecer* [en + velh + ecer]_V

- (2) a. (o) *corte* _N, (a) *venda* _N ↔ cortar _V, vender _V
b. *azedar* _V, *vacinar* _V ↔ azedo _{ADJ}, vacina _N

- (3) a. *biblioteca* [biblio + teca]_N
b. *guarda-chuva* [guarda + chuva]_N

³ Usa-se a seguinte notação: ADJ = adjetivo; N = nome; V = verbo.

Existe ainda um conjunto de mecanismos de alteração formal (fonológica, prosódica ou gráfica) das unidades lexicais, podendo envolver o cruzamento vocabular (*portunhol* < *português* + *espanhol*), a truncação (*prof* < *professor*), a reduplicação (*bombom*) e a siglação/acronímia (*PSP*, *IVA*).⁴

Importa notar que, na formação de palavras, estão em causa não só aspetos de natureza sintagmática, atinentes à organização linear dos constituintes morfolexicais (bases e afixos), mas também informações de natureza paradigmática, tendo em conta as relações formais e semântico-categoriais que se estabelecem entre as unidades lexicais, e de natureza convencional ou idiomática, isto é, especificidades de cada língua. Por exemplo, em português, a construção de nomes denominais locativos, isto é, nomes que denotam lugares ou espaços onde se encontram determinados seres ou objetos, pode envolver diversos sufixos, nomeadamente *-ad(o)* (*ducado*, *consulado*), *-al* (*batatal*, *olival*), *-ari(a)* (*frutaria*, *livraria*), *-ári(o)* (*aviário*, *infantário*), *-ed(o)* (*arvoredado*, *vinhedo*), *-eir(o/a)* (*palheiro*, *pedreira*), *-i(a)* (*capitania*, *reitoria*), *-il* (*canil*, *gatil*) (Rio-Torto 2016: 157-158). O facto de um determinado semantismo estar associado a múltiplos esquemas afixais é algo que complexifica e dificulta a tarefa de construção lexical, mormente quando realizada por aprendentes de PLN. De facto, embora vários produtos derivacionais sejam estruturalmente possíveis e passíveis de ser construídos, apenas alguns (às vezes apenas um) estão fixados e institucionalizados na língua, sendo esse(s) que os membros da comunidade linguística esperam ver produzidos numa situação concreta. Por exemplo, na designação de um ‘lugar onde podemos ler, consultar e/ou requisitar livros, sem intenção de os comprar’, espera-se que o falante/aprendente use o nome *biblioteca*; qualquer outro produto derivacional (por hipótese, *livraria*) causará estranheza entre os nativos da língua-alvo, porque inesperado e/ou pragmaticamente inadequado (cf. *Ando a ler um livro de Saramago. Requisitei-o na livraria (?) da faculdade*).

3. Morfologia do chinês

Assume-se geralmente que as palavras da LA são inicialmente associadas, por tradução, às palavras da LM do aprendente e só mais tarde se estabelecem os pareamentos entre forma e função (Jiang 2002; Hall 2002). As características das palavras do chinês

⁴ Para uma análise mais detalhada destes mecanismos, veja-se Rodrigues (2016) e Pereira (2016).

levantam, no entanto, algumas dificuldades à análise morfológica nos moldes em que esta é feita nas línguas ocidentais. Em primeiro lugar, muitas palavras chinesas têm uma forma longa (dissilábica) e uma forma curta (monossilábica) sem que reflitam necessariamente padrões morfológicos regulares (Duanmu 2002). Em segundo lugar, a organização em caracteres ortográficos, correspondentes geralmente a uma única sílaba, faz com que, em chinês, a noção de ‘palavra’ seja muito difícil de definir e que a distinção entre bases lexicais e afixos nem sempre seja clara e/ou fácil de estabelecer. Não obstante, não há evidências de que o chinês seja fundamentalmente diferente do português ou de outras línguas ocidentais no que à morfologia diz respeito (Packard 2000; Duanmu 2002).

A estrutura das palavras chinesas, originariamente monossilábica, foi-se tornando polissilábica com o passar do tempo e várias unidades afixais ganharam produtividade, sobretudo alguns afixos com função derivacional. Segundo alguns investigadores (Arcodia 2011, 2012; Packard 2000; Duanmu 2002; Tiee 1979; Xinjuan 2007), existem em chinês vários esquemas construcionais que se enquadram no que em morfologia se concebe como derivação. São exemplo disso formações como X-学 / X-*xué* “o estudo de X” (e.g. 心理学 *xīnlǐxué* ‘psicologia’) ou X-性 / X-*xìng* “a propriedade de (ser) X” (e.g. 重要性 *zhòngyàoxìng* ‘importância’).

Ao chinês também não é estranha a construção de palavras seja por composição – esta língua apresenta, tal como o português, compostos de estrutura [N+N]_N (e.g. 鸡毛 *jīmáo* ‘pena de frango; 斑马 *bānmǎ* ‘zebra’) e [V+N]_N (e.g. 领事 *lǐngshì* ‘cônsul) (cf. Basciano, Kula & Melloni 2011) – seja através de processos não concatenativos, nomeadamente a construção de palavras por abreviação de construções complexas. Como se pode verificar nos casos que se seguem (cf. 4), a nova palavra resulta da junção do primeiro carácter de cada uma das palavras que lhe servem de base, sendo uma forma particular de cruzamento vocabular.

(4) a. 科研 *kēyán* ‘pesquisa científica’

< 科学 *kēxué* ‘científica’ + 研究 *yánjiū* ‘pesquisa’

b. 北大 *Běidà* ‘Universidade de Pequim’

< 北京 *Běijīng* ‘Pequim’ + 大学 *dàxué* ‘universidade’

Se existe alguma coincidência no tipo de processos de construção de palavras ativados em chinês e em português, é evidente a divergência entre as duas línguas no que

à forma fonológica (e escrita) das unidades morfolexicais diz respeito. Ora, a coincidência formal entre unidades linguísticas das línguas em contacto tem sido apontada como um fator determinante, porque facilitador, para o reconhecimento e a aprendizagem das palavras em LNM (Ringbom 2007). Todavia, quando é exposto ao português, o aprendente chinês rapidamente percebe que poucas palavras da LA apresentam coincidências ou parelhas formais com a sua LM. Em contrapartida, o aprendente pode encontrar similaridades com unidades de outra LNM (e.g. *surf*, *internet*), potenciando que a aquisição e processamento lexical se possa dar através da mediação do conhecimento de outra língua (por exemplo, o inglês) adquirida antes da língua-alvo.

4. Aquisição do conhecimento morfológico

Tanto na Morfologia Construcional (Booij 2010, 2016) como na Morfologia Relacional (Jackendoff & Audring 2016, 2019), as palavras morfológicamente construídas são vistas como instanciações de esquemas mentais de construção. Em (5), representa-se o esquema de construção de nomes de lugar (ou locativos) terminados em *-aria* (e.g. *livraria*, *sapataria*, *pastelaria*), segundo o modelo proposto em Booij (2016: 425).

$$(5) \langle [x]_{Ni} \text{ aria} \rangle_{Nj} \leftrightarrow [\text{lugar relacionado com SEM}_i]_j \rangle$$

Estes esquemas construcionais têm duas importantes funções: (i) uma função relacional, uma vez que capturam generalizações entre as palavras existentes, e (ii) uma função gerativa, pois podem ser usados na construção de novas palavras. Ou seja, o conhecimento dos esquemas construcionais permite que um falante/aprendente, uma vez exposto a palavras com uma determinada estrutura morfolexical, infira a forma de outros possíveis membros desse paradigma derivacional, ainda que não façam parte do *input*.

Note-se, porém, que o facto de o aprendente usar uma palavra complexa não significa necessariamente que ele tenha consciência da sua morfologia interna. No domínio da formação de palavras é mais ou menos consensual a ideia de que muitas palavras complexas podem ser mentalmente armazenadas e ativadas de forma holística. Assume-se geralmente que quanto maior for a frequência dessas palavras (a frequência de *token* e, sobretudo, a frequência de tipo), maior será a probabilidade de serem memorizadas pelo falante, embora vários outros fatores sejam relevantes para este processo, nomeadamente a transparência fonológica e semântica, a relevância pragmática e a

experiência do falante face ao esquema construcional que lhe está subjacente (Bell & Schäfer 2016; Booij 2016; Bybee 2008; Jackendoff & Audring 2019).

Embora a aquisição da LM e de uma LNM sejam distintas em vários aspetos (idade de aquisição, *input*, conhecimentos prévios, etc.), assume-se que o processo de aquisição da competência morfológica passa sensivelmente pelas mesmas fases em ambos os contextos (Hudson 2008; Lowie 1998; Robinson & Ellis 2008). Primeiro, os aprendentes adquirem um pequeno conjunto de palavras que instanciam um determinado esquema de formação de palavras (e.g. *livraria*, *sapataria*, *peixaria*). Após uma exposição suficiente a esse *input* (fase 1), o falante passa a ser capaz de reconhecer um esquema como o representado em (5), que sintetiza o conhecimento inferido a partir desse conjunto de palavras complexas (fase 2). Ou seja, o falante, gradualmente, vai-se dando conta da relação formal e semântica existente entre alguns nomes de seres e objetos (*livro*, *sapato*, *peixe*) e os correspondentes nomes locativos terminados em *-aria*.

Uma vez adquirido este conhecimento de natureza relacional, ele passa a ser capaz de cunhar por si próprio novas palavras, isto é, palavras derivadas que não faziam parte do *input* (e.g. *sushiaria*, *bifanaria*). No entanto, nesta fase, a cunhagem de novas palavras pode ainda não se ancorar no conhecimento de exceções e convenções idiomáticas. Isso levá-lo-á, por vezes, a sobregeneralizar a aplicabilidade dos esquemas construcionais e a gerar palavras com uma forma diferente da que está institucionalizada na língua portuguesa. O conhecimento de *peixaria* ('lugar onde se compra/vende peixe') poderá motivar, por exemplo, a produção de *carnaria*, em vez de *talho*, para designar o 'lugar onde se compra/vende carne'. Este é o tipo de situação que caracteriza as *interlínguas* (Selinker 1972) de muitos aprendentes de PLNM. Numa fase posterior, ele aprenderá exceções e restrições inerentes ao uso dos esquemas de construção. Por via disso, as construções lexicais que não apresentam a estrutura esperada pela comunidade linguística vão desaparecendo gradualmente, sendo substituídas pelas correspondentes palavras institucionalizadas na língua-alvo. Este grau de conhecimento parece ser, porém, muito difícil de ser atingido plenamente pelos aprendentes de LNM.

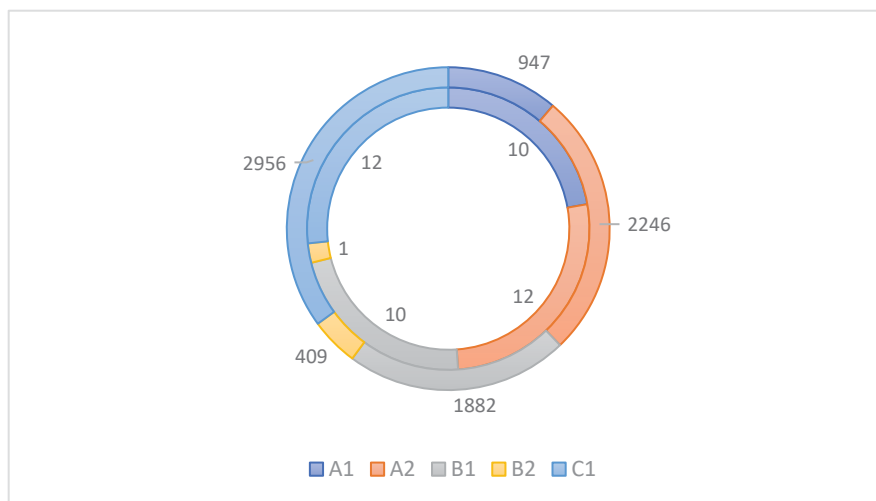
5. Pesquisa

5.1. Recolha de dados

Os dados utilizados neste estudo foram extraídos do “Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2/CELGA)” (Martins et al. 2019). Dos 629 textos que

integram esta base de dados, seleccionaram-se apenas os produzidos por aprendentes que têm o mandarim (76%) ou o cantonês (24%) como LM⁵, agrupados e codificados sob a designação genérica de “chinês”. Deste modo, a base empírica para o presente estudo é constituída por 45 textos (8440 palavras) produzidos por 38 informantes adultos que frequentavam, aquando da recolha de dados (entre 2009 e 2011), os diferentes níveis de aprendizagem formal (A1 a C1) oferecidos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), no âmbito dos Cursos de Português para Estrangeiros. O Gráfico 1 apresenta os valores da amostra recolhida e a sua distribuição por níveis do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL) (Conselho da Europa 2001).

Gráfico 1 - Relação entre a distribuição do número de textos da amostra (anel interior) e do número de palavras (anel exterior) em função do nível QECRL do informante.



5.2. Resultados

Nos textos seleccionados, procurámos, em primeiro lugar, quantificar o uso de palavras morfológicamente construídas (PMC) (cf. Quadro 1).

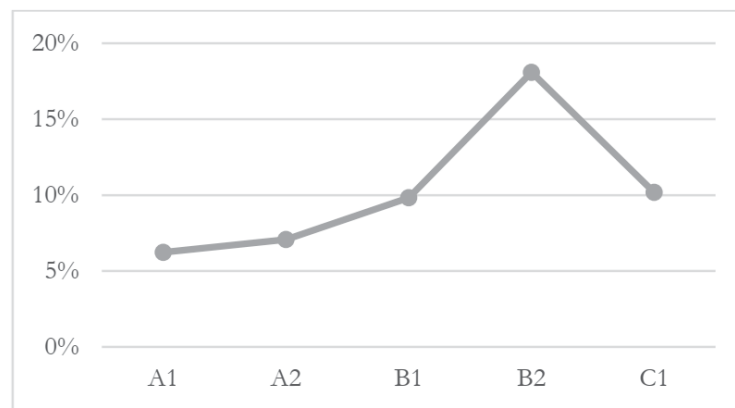
⁵ A maioria dos aprendentes chineses conhece, para além da LM (mandarim ou cantonês), uma ou mais L2, nomeadamente o inglês (36), francês (5), japonês (3) e espanhol (1).

Quadro 1 - Número total de palavras morfológicamente construídas por nível de proficiência⁶

Nível	PMC
A1	59
A2	159
B1	185
B2	74
C1	301

Importa referir que os valores apresentados para o nível B2 são condicionados pelo facto de corresponderem a produções de um único informante. Todavia, se analisarmos os dados tendo em conta a relação entre o número de PMCs e o número total de palavras produzidas, o nível B2 destaca-se positivamente (cf. Gráfico 2), constituindo as palavras complexas 18% das palavras produzidas. Nos restantes níveis, o uso de PMCs varia entre os 6 % (nível A1) e os 10% (níveis B1 e C1).

Gráfico 2 - Percentagem de ocorrências de palavras morfológicamente construídas por nível do QECRL dos participantes



As PMCs atestadas resultam da ativação de diversos processos de construção de palavras, nomeadamente a composição (e.g. *biblioteca, casa de banho*), a afixação (e.g.

⁶ A quantificação apresentada tem por base o número de *tokens*, ocorrências no texto, incluindo as repetições de um mesmo item.

antigamente, estudante) e a conversão/derivação não-afixal (e.g. *o abraço, o desfile, a escolha, melhorar*). No Quadro 2 indica-se o número total de lexemas⁷ que resultam de cada um destes três padrões de formação de palavras.

Quadro 2 - Número total de lexemas formados por composição, afixação e conversão por nível de proficiência

Nível	Composição	Afixação	Conversão
A1	6	16	1
A2	10	61	9
B1	15	83	15
B2	2	63	7
C1	14	186	20

Em relação aos lexemas em cuja construção está envolvido algum afixo, apresenta-se, de seguida, a sua distribuição em função do processo afixal instanciado.

Quadro 3 - Número de lexemas construídos por prefixação, sufixação e circunfixação por nível de proficiência

Nível	Prefixação	Sufixação	Circunfixação
A1	2	16	--
A2	8	53	--
B1	15	68	--
B2	12	52	--
C1	37	154	2

⁷ O termo *lexema* designa a palavra considerada como unidade abstrata do léxico, atualizável por meio de diversas *palavras morfossintáticas* (Mota 2020).

Segue-se a distribuição dos constituintes afixais por nível de proficiência.

Quadro 4 - Número de ocorrências dos prefixos por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
Prefixos					
<i>a-</i>	1		2		6
<i>auto-</i>			1	1	1
<i>co-/com-</i>	1	1	3	3	2
<i>de-</i>					2
<i>des-</i>		2	3	2	6
<i>dis-</i>				2	
<i>en-</i>			1		1
<i>entre-</i>				1	
<i>e-/ex-</i>			1	1	1
<i>in-</i> (negativo)		2			10
<i>in-</i> (ilativo)			1		
<i>mal-</i>					1
<i>pro-</i>				1	
<i>quilo-</i>					1
<i>re-</i>		3	1		5
<i>sobre-</i>			1		
<i>super-</i>			1	1	
<i>trans-</i>					1
TOTAL	2	8	15	12	37

Quadro 5 - Número de ocorrências dos sufixos⁸ nominalizadores por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
Sufixos deverbais					
<i>-ção</i>	1	6	7	8	12
<i>-(s)ão</i>			2		5
<i>-da</i>	1	1			2
<i>-dor</i>	3		3	1	3
<i>-mento</i>	1		5	3	6
<i>-nça</i>			2		
<i>-ncia</i>		2	3		1
<i>-nte</i>	2	5	6	9	15
<i>-or</i>		1		1	
<i>-tório</i>			1		
<i>-ura</i>			2		1
TOTAL	8	15	31	22	45
Sufixos deadjetivais					
<i>-ez</i>					1
<i>-eza</i>					2
<i>-ia</i>					2
<i>-ície</i>					1
<i>-idade</i>	1	3	6	7	10
<i>-ura</i>		1	2		3
TOTAL	1	4	8	7	19
Sufixos denominais					
<i>-ada</i>					2
<i>-ado</i>					1
<i>-ão</i>		1			
<i>-aria</i>		1			1
<i>-ário</i>		2	1		
<i>-ato</i>					1
<i>-eira</i>		1			
<i>-eiro</i>	1				
<i>-ia</i>		1			2
<i>-io</i>			1		1
<i>-ista</i>		1			
<i>-tório</i>					1
TOTAL	1	7	2		9

⁸ Por uma questão de simplicidade, optámos por representar os sufixos com as vogais de tema associadas.

Quadro 6 - Número de ocorrências dos sufixos adjetivalizadores por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
Sufixos deverbais					
<i>-(t)iv(o, a)</i>		2		3	2
<i>-vel</i>		2	1	2	5
TOTAL		4	1	5	7
Sufixos denominais					
<i>-al</i>		4	5	5	15
<i>-an(o, a)</i>				2	1
<i>-ar</i>			1		3
<i>-ári(o, a)</i>			1		3
<i>-eir(o, a)</i>			1		3
<i>-ês/-esa</i>	2	3	2		3
<i>-eu</i>			1		
<i>-ic(o, a)</i>	1	2	1	3	8
<i>-il</i>					1
<i>-in(o, a)</i>			2		1
<i>-os(o, a)</i>		6	3	1	3
TOTAL	3	15	17	11	41

Quadro 7 - Número de ocorrências dos sufixos verbalizadores por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
Sufixos denominais/deadjetivais					
<i>-ífic(ar)</i>		1			1
<i>-e(ar)</i>		1	1		2
<i>-it(ar)</i>			1	2	3
<i>-iz(ar)</i>				2	2
TOTAL		2	2	4	8

Quadro 8 - Número de ocorrências do sufixo adverbializador *-mente* por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
Sufixo de adjectival					
<i>-mente</i>	1	10	8	1	16

Para além de palavras com os constituintes sufixais acima referidos, encontram-se atestados diminutivos em *-inho* (A1: *beijinho, lojinha*; B2: *coisinhas*; C1: *Aninha, beijinho, passarinhos, camioneta*), um aumentativo (C1: *fotão*) e dois superlativos (C1: *lindíssimos, muitíssimo*). De referir ainda o uso, no nível C1, de um esquema de circunfixação (*a...ecer*) na construção de dois verbos (*adormecer, amanhecer*).

5.3. Desvios

Para a consecução do segundo objetivo deste trabalho – a análise da competência derivacional dos aprendentes e das estratégias usadas na construção lexical das palavras do português –, tão relevantes como os “acertos”, são os “desvios” atestados nas suas produções escritas.

O conceito de *desvio* é um conceito muito evasivo quando se trata de analisar a morfologia derivacional de uma LNM, sendo difícil estabelecer fronteiras rígidas entre o que é aceitável ou não. Entre o “correto” e o “errado” há um *continuum* de constructos lexicais que ora se aproximam mais de um ora mais do outro polo da escala de correção linguística.

A construção de palavras em português envolve um conjunto muito diversificado de conhecimentos, nomeadamente o conhecimento dos paradigmas de formação de palavras, dos esquemas formativos instanciados e das suas condições de ativação. Para além deste conjunto de conhecimentos, que determina o que (não) é possível construir de acordo com a gramática das palavras do português, o aprendente precisa ainda de conhecer um conjunto de convenções idiomáticas, que estabelecem ‘o que é esperável’ pela comunidade linguística num determinado contexto. Como nota Leiria (2006: 3),

O desafio para o falante não é ser original (essa possibilidade fica reservada aos escritores de alguns poucos géneros literários), mas sim conformar-se o mais possível com o que é esperável numa dada situação. [...]

E é também essa mesma falta de liberdade que pode levar o professor a devolver a um dos seus alunos um texto escrito sem marcas de correcção, mas acompanhado de outro, redigido pelo professor, e precedido da seguinte observação: «A sua composição não tem erros mas eu diria assim: ...»

Existe, pois, uma zona de desvio que podemos perceber na produção de um falante não nativo mesmo quando os mecanismos envolvidos na construção das palavras são respeitados. Neste estudo, tomar-se-á o termo *desvio* na aceção que Lennon (1991: 182) dá ao termo “error”, ou seja, «a linguistic form [...] which, in the same context [...] would in all likelihood not be produced by the learner’s native speaker counterparts.» Esta aceção lata de *desvio* chama a atenção para a necessidade de se ir mais além do mero critério da boa ou má formação de uma palavra, acolhendo não apenas palavras que exibem divergências formais e/ou semânticas em relação às palavras do português, mas também palavras morfológicamente bem construídas, mas não institucionalizadas, cujo uso causa alguma estranheza pelo facto de trair as expectativas do interlocutor nativo.⁹

No domínio da morfologia derivacional, foram referenciados 37 desvios, o que corresponde a apenas 0,004% do total de palavras do *corpus* recenseado e a 0,048% das PMCs atestadas.

Quadro 9 – Número total de desvios relativos à morfologia derivacional por nível de proficiência

A1	A2	B1	B2	C1
2	15	7	3	10

Tal como em Leiria (2006), não foi recenseado nenhum desvio resultante da transferência de unidades lexicais ou morfológicas do chinês. A língua-fonte (LF) dos desvios encontrados não é, pois, a LM, como muitas vezes acontece na aquisição de L2, mas o inglês, uma LNM previamente adquirida pelos aprendentes. São fruto da influência do inglês, os empréstimos *surf* (A2) por ‘navegar’ na internet e *room-mate* (C1), em vez de ‘colega de quarto’.

⁹ Para uma análise mais aprofundada deste conceito, veja-se James (1998).

A maioria dos desvios atestados diz respeito à codificação grafemática (e.g. *fricorífigo, sinificar, rapitamente, bibilteca, expliênci*a). Alguns destes erros ortográficos estão provavelmente relacionados com dificuldades características destes aprendentes nos planos fonológico e/ou prosódico; outros, porém, relevam – ou podem ser equacionados como tal – da interação entre o conhecimento adquirido da LA e o conhecimento linguístico prévio, particularmente o relativo à língua inglesa (e.g. *localisação* (A2) ~ ing. *localisation*; *oportunidade* (A2) ~ ing. *opportunity*). Encontrámos ainda três desvios referentes à configuração do tema da palavra, sendo os lexemas em causa inseridos em classes temáticas diferentes das convencionalizadas em português (*never* (A2) por <nevar>; *amizada* (B1) por <amizade>; *autocarra* (B1) por <autocarro>). Refira-se, no entanto, que nem sempre é fácil determinar se o caráter desviante de uma determinada ocorrência resulta de dificuldades no processamento morfológico ou decorre simplesmente de um conhecimento pouco sólido da ortografia do português.

No domínio afixal, os desvios decorrem sobretudo do uso de esquemas de construção diferentes dos convencionalizados em português, afetando cerca da 0,03% das PMCs produzidas. Em muitos casos, isso traduz-se na construção de palavras com um número de constituintes afixais superior ou inferior ao que está convencionalizado. Por exemplo, encontram-se ocorrências de palavras sufixadas em vez de palavras simples (e.g. *conversicar* (A2) por <conversar>; *reservação* (A2) por <reserva>; *alimentações* (B1) por <alimentos>). Noutros itens, verifica-se o uso de uma palavra simples em vez da palavra complexa institucionalizada em português (e.g. *relaxo* (A2) por <relaxante>; *canto* (A2) por <cantor>). Existem ainda casos em que o aprendente prescinde do uso dos elementos prefixais que caracterizam essas palavras em português (e.g. *proximação* (B1) por <aproximação>; *brocharam* (C1) por <desabrocharam>).

Alguns dos desvios recenseados resultam da seleção de esquemas afixais diferentes dos usados em português na combinatória com determinadas bases (e.g. *enterremento* (B1) por <aterro>; *aluminam* (C1) por <iluminam>; *discriminalidade* (B2) por <discriminação>), revelando um deficiente conhecimento ou dificuldades no acesso às palavras complexas institucionalizadas na LA. Regista-se também um caso de confusão entre *-mento* e *-mente* (*raramento* (C1) por <raramente>), sufixos muito próximos do ponto de vista fonológico e gráfico.

De referir ainda que um aprendente de nível C1 usa a palavra *fotão*, não dicionarizada¹⁰, construída a partir da base lexical *foto* e do sufixo *-ão* de valor aumentativo, para designar “foto muito boa”.

Em suma, excluídos os desvios de natureza ortográfica, flexional e de atribuição de género, os desvios atestados na construção de palavras revelam a ativação de conhecimentos morfolexicais da LF e da LA em graus variáveis, distribuindo-se pelas seguintes categorias:

Quadro 10 – Desvios atinentes à formação de palavras

Construções interlinguísticas	inspectando, localização, magnificante, montanosas, oportunidade, reservação, transportação
Criações morfolexicais	alimentações, aluminam, brocharam, canto, comprados, conversiçar, discriminalidade, enterremento, fotão, aproximação, relaxo, raramento

Nas construções interlinguísticas é visível ou equacionável a influência, ainda que parcial, do conhecimento da LF, o inglês. Nalguns casos, essa influência manifesta-se apenas ao nível da representação gráfica (*localização* (A2) ~ ing. *localisation*; *oportunidade* (A2) ~ ing. *opportunity*; *montanosas* (C1) ~ ing. *mountainous*); noutros casos, nota-se uma convergência com os esquemas construcionais usados no inglês, nomeadamente em *reservação* (A2) (~ ing. *reservation*), *transportação* (B2) (~ ing. *transportation*) e *magnificante* (C1) (~ ing. *magnificent*). Em ambas as situações, em vez da imposição total da forma fonológica do item da LF, como acontece em *surf* e em *room-mate*, a palavra sofre um processo de adaptação ou acomodação, em que a forma fonológica da LF é adaptada, em graus variáveis, às propriedades da LA, o que geralmente se reflete na adoção de afixos formalmente coincidentes com a LA (cf. *-ção*, *-idade*, *-nte*, *-os(o/a)*). No caso de *inspectando*, verifica-se a acomodação do verbo inglês *to inspect* à morfologia verbal do português, o que se traduz na adjunção da vogal temática *-a-*, que inscreve este verbo no paradigma dos verbos da 1.^a conjugação.

¹⁰ Existe uma palavra formalmente idêntica, mas com um significado totalmente distinto: na teoria dos quanta (Física Nuclear), *fotão* designa uma partícula elementar de energia luminosa.

Por sua vez, nas criações morfolexicais, o aprendente, sem influência aparente da LF, produz palavras com configurações morfolexicais (e.g. *aluminam*, *conversisar*, *discriminalidade*) ou com pareamentos de forma-função (e.g. *canto*, *comprados*) diferentes dos convencionalizados atualmente em português.

5.4. Discussão dos resultados

Os textos analisados permitiram-nos entrar em contacto, ainda que de forma indireta, com a “gramática emergente” (Hopper 1987, 1998) dos aprendentes chineses num determinado momento da sua aquisição do PLN, focada especificamente numa das suas componentes, a gramática derivacional.

O primeiro dado que ressalta da análise efetuada é o diminuto número de desvios lexicais atestados (0,005% das ocorrências; 0,048% se tomarmos em consideração apenas as PMCs atestadas), não obstante o chinês e o português serem idiomas tipologicamente muito diferentes. A hipótese levantada por Leiria (2006: 272) para explicar este facto é a de que os aprendentes chineses transferem para a aprendizagem do português muitas das estratégias e das competências gerais adquiridas aquando da aquisição da sua LM, nomeadamente uma memória visual e uma capacidade de memorização apuradíssimas.

Para suprirem as falhas no seu léxico, os aprendentes chineses usam várias estratégias, algumas delas coincidentes com as dos falantes nativos, a saber: (i) o recurso a empréstimos de outra língua, neste caso o inglês, uma LNM adquirida antes da LA; (ii) a relexificação de palavras da LF da qual resultam construções interlinguísticas, nas quais se manifesta a confluência de informação morfológica de duas línguas diferentes, o inglês (LF) e o português (LA); (iii) a criação de novas palavras a partir dos recursos morfolexicais e dos esquemas construcionais usados em português.

Nas produções escritas dos informantes, o recurso a empréstimos é pouco significativo. Foram recenseados apenas dois empréstimos diretos da língua inglesa (*surf* e *room-mate*). Uma parte dos desvios encontrados consiste em construções interlinguísticas, ou seja, lexemas construídos a partir da imposição de itens da LF (sistematicamente o inglês) e da sua adaptação à morfologia e fonologia do português. Essa adaptação passa geralmente pela instanciação de afixos derivacionais com uma forma fonológica coincidente com a LA ou, na ausência destes, de um dos constituintes temáticos previstos na formatação morfológica das palavras em português. Pertencem a esta categoria as seguintes ocorrências: *localização* (A2) ~ ing. *localisation*; *oportunidade* (A2) ~ ing. *opportunity*; *inspetar* (B1 - *inspetando*) ~ ing. *to inspect*;

montanosas (C1) ~ ing. *mountainous*). A forma gráfica das bases deixa transparecer a influência (negativa) da língua-fonte, mas não se exclui a possibilidade de em alguns casos o desvio resultar de um conhecimento pouco sólido da ortografia do português.

Existe um segundo conjunto de palavras desviantes cuja forma da base é coincidente com a LA, mas em que a escolha do sufixo parece ser motivada pela LF (*reservação* (A2) ~ ing. *reservation*, *transportação* (B2) ~ ing. *transportation* e, talvez, *magnificante* (C1) ~ ing. *magnificent*).

Estes dois grupos de desvios são manifestações do que alguns investigadores designam como “tradução de empréstimos” (Haugen 1950; Winford 2005), “tradução equivalente” (Lowie 1998), “replicação” (Weinreich 1953), “relexificação” (Muysken 1981; Leiria 2006) ou “empréstimo de padrões” (Sakel 2007; Gardani 2018), implicando um complexo sistema de correspondências entre os esquemas de construção de palavras da LA e da LF. Em muitos casos, os aprendentes limitam-se, provavelmente, a transpor para a interlíngua uma palavra da LF, acompanhada da adaptação morfológica à estrutura do português, consubstanciada geralmente na substituição do afixo da LF pelo afixo análogo na LA (e.g. *-(a)tion* ↔ *-ção*; *-ity* ↔ *-idade*). Ainda assim, estes exemplos mostram que o aprendente chinês não apenas é capaz de analisar morfológicamente as palavras, como desenvolveu a capacidade de estabelecer correspondências entre constituintes morfológicos das duas línguas.

Muitas vezes o aprendente baseia a sua produção lexical no pressuposto (errado) de que as palavras do inglês e do português apresentam esquemas construcionais similares. Não obstante existirem muitas formações cognatas (e.g. *formação* ~ ing. *formation*; *motivação* ~ ing. *motivation*; *intuição* ~ ing. *intuition*), não se pode deduzir que a correspondência é total e sistemática (cf. Rio-Torto 2011). Por vezes, estas línguas diferem quanto aos padrões construcionais instanciados, seja porque usam esquemas afixais diferentes (ing. *expectation* vs. port. *expectativa*), seja porque uma das línguas, mas não a outra, opta por um esquema não afixal (ing. *reservation*, *transportation* vs. port. *reserva*, *transporte*). Confirma-se, assim, a ideia defendida por Haspelmath (2020: 348) de que «Different languages often use different structures or different building blocks to render equivalent ideas».

Outra estratégia atestada no *corpus* analisado é a criação de novas palavras a partir dos esquemas construcionais e recursos morfolexicais disponíveis em português. Alguns dos desvios atestados resultam do uso de esquemas afixais divergentes dos utilizados nas formas institucionalizadas em português (e.g. *enterremento* (B1) por <aterro>;

proximação (B1) por <aproximação>; *discriminalidade* (B2) por <discriminação>; *brocharam* (C1) por <desabrocharam>). Noutros casos, os aprendentes usam esquemas afixais quando o português recorre a padrões não afixais (e.g. *comprados* (A1) por <compras>; *alimentações* (B1) por <alimentos>; *habitação* (B1) por <hábito>), ou vice-versa (e.g. *canto* (A2) por <cantor>; *relaxo* (A2) por <relaxante>). Atesta-se ainda um caso em que o aprendente, perante uma necessidade designativa, faz uso de um esquema produtivo de formação de palavras: para designar ‘foto muito boa’, um aprendente de nível C1 usa a palavra *fotão* (*fot(o)* + *-ão*).

Após uma suficiente exposição ao léxico do português, os aprendentes começam a reproduzir alguns esquemas construcionais instanciados nesse acervo lexical. Por exemplo, tanto a construção de *fotão*, uma palavra possível, mas não dicionarizada com o sentido pretendido, como a construção de formas inesperadas, do tipo de *inspectando* ou *enterramento*, revelam que os aprendentes já interiorizaram alguns esquemas de construção de palavras, ou seja, deixam transparecer algum grau de conhecimento da morfologia derivacional do português. Falta, todavia, a estes aprendentes um conhecimento aprofundado da componente convencional da língua, ou seja, o conhecimento das unidades lexicais que a comunidade linguística elege, entre as várias possibilidades estruturais, para usar efetivamente. Por isso, alguns dos lexemas criados pelos aprendentes chineses, ainda que estruturalmente possíveis, não apresentam uma forma coincidente com as formas institucionalizadas em português.

Com efeito, uma das grandes dificuldades colocadas aos aprendentes de PLNM advém do facto de a formação de palavras em português ter subjacente uma singular organização paradigmática, em cujo seio se instituem relações forma-função de um-para-muitos e de muitos-para-um. Não só um constituinte afixal pode estabelecer diferentes relações de forma-função – por exemplo, o sufixo *-ão* pode ser usado não apenas na formação de avaliativos (*carrão*, *bonitão*), como também na construção de nomes locativos (*vidrão*, *pilhão*), nomes deverbais eventivos (*empurrão*, *puxão*) ou agentivos (*mijão*, *comilão*) (Rio-Torto 1998) – como, no âmbito de um determinado paradigma de formação de palavras, podem ser ativados diversos processos e constituintes afixais. Por exemplo, para a formação de nomes de evento deverbais, o português dispõe de um conjunto de esquemas construcionais que podem ou não implicar o uso de sufixos. A ativação de um ou outro esquema decorre, muitas vezes, da presença de determinadas condições estruturais, nomeadamente determinadas propriedades fonológicas, morfossintáticas ou semânticas das bases (Rodrigues 2016). Por exemplo, o sufixo *-mento*

não se pode juntar a bases verbais sufixadas com *-ific-* ou *-iz-*; por sua vez, o sufixo *-ção* não se junta a bases verbais sufixadas com *-ec-*. Assim, dizemos *purificação* e *hospitalização*, mas não **purificamento* e **hospitalizamento*; dizemos *emagrecimento* e não **emagrecição*. Outras vezes, a seleção de um determinado esquema construcional estará relacionada com a necessidade de exprimir um valor semântico-pragmático diferente – por exemplo, a partir do tema do verbo *falar* formam-se diferentes nomes eventivos, nomeadamente *falação*, *faladura*, *falatório*, *fala*, com significados não inteiramente coincidentes. A seleção dos esquemas construcionais pode ainda decorrer de preferências de um determinado falante ou de uma comunidade específica de falantes. São exemplo disso as divergências entre o Português Europeu e o Português do Brasil no que à forma dos adjetivos gentílicos ou pátrios diz respeito. As palavras *canadiano*, *polaco* e *israelita* usadas na variante europeia são preteridas em favor de *canadense*, *polonês* e *israelense* na variante americana do português. Ou seja, falar uma língua implica conhecer não apenas um conjunto de unidades e esquemas de construção, mas também um conjunto específico de convenções linguísticas. Os dados levam-nos a pensar que, no que à construção de palavras diz respeito, grande parte desse conhecimento só será (se for) atingido em fases mais avançadas da aquisição linguística.

Por fim, os dados parecem indicar que, ao nível do processamento, as unidades morfológicas da LF e da LA concorrem entre si. Isso leva a que, na interlíngua, ocorram unidades lexicais com diferentes proveniências e configurações: unidades coincidentes com a LA, unidades coincidentes com a LF (empréstimos) e conglomerados de constituintes da LA e da LF (construções interlinguísticas).

Importa ainda referir que a quase totalidade dos desvios apurados corresponde a ocorrências únicas pelo que não é possível aferir se se trata de desvios sistemáticos ou de lapsos ocasionais, comuns também entre os falantes nativos.

6. Conclusão

Neste artigo fizemos o inventário e quantificação dos padrões de construção de palavras usados por aprendentes chineses de português nas suas produções escritas. Não sendo possível rastrear e aceder ao *input* recebido, o estudo realizado fornece informação sobre os dados que os aprendentes interiorizaram e usaram em alguns contextos específicos.

Verificámos que, desde os níveis iniciais, estes aprendentes fazem uso não apenas de palavras derivadas, mas também de palavras formadas por composição. Não sendo estes

processos lexicogenéticos estranhos à língua chinesa, procurámos investigar até que ponto as produções escritas dos aprendentes apresentariam evidências de transferência da LM. Em linha com o que já tinha sido observado por Leiria (2006), os dados revelam que a língua-fonte dos desvios lexicais produzidos por este conjunto de aprendentes não é a sua LM, mas o inglês, uma LNM adquirida pelos sujeitos antes da língua-alvo, o português.

Entre os desvios atestados, e excluídos os erros relativos à ortografia, flexão e à atribuição de género, encontram-se empréstimos, construções interlinguísticas, para as quais tanto a LA como a LF contribuem com esquemas construcionais e/ou material morfolexical, e criações morfolexicais, formadas exclusivamente com recurso a material morfolexical do português. O conhecimento pouco profundo da morfologia do português, sobretudo da morfologia derivacional, leva os aprendentes chineses, em vários casos, a transpor para o português esquemas de construção de palavras do inglês que eles supõem ter idêntica aplicabilidade. Todavia, as línguas naturais são marcadas por algum grau de especificidade e convencionalidade, sendo esse conhecimento só adquirido (quando é) após uma longa e profunda exposição à língua-alvo. Consequentemente, em vários casos, a concatenação entre base e afixo efetuada pelos aprendentes diverge dos esquemas de construção instanciados e institucionalizados na língua portuguesa.

O uso de palavras morfológicamente construídas não implica que elas sejam processadas necessariamente por decomposição ou computação. Efetivamente, quer as palavras derivadas quer as compostas podem ser armazenadas no léxico mental e usadas como um todo não analisado. No entanto, como vimos, o uso de algumas formas não coincidentes com as palavras institucionalizadas em português revela que o aprendente, para além de usar palavras percebidas no *input*, é capaz de gerar palavras com base nos esquemas de construção e nas unidades morfolexicais que ele supõe serem característicos da língua-alvo.

Importa, por fim, referir que é possível que alguns dos resultados apurados decorram diretamente da relação particular observada entre o perfil linguístico do aprendente e a língua-alvo de aprendizagem. Na verdade, a percepção que os aprendentes chineses têm da relação entre o português e a sua LM, por um lado, e entre o português e o inglês, por outro, será um dos fatores que mais decisivamente orienta os seus comportamentos, justificando a maioria das suas opções ao nível da produção (escrita) de palavras morfológicamente construídas. Eventualmente, aprendentes com outras LM e outras experiências linguísticas prévias recorrerão a estratégias não inteiramente coincidentes.

Futuros estudos que comparem, quantitativa e qualitativamente, os desempenhos de aprendentes com distintas LM são, pois, necessários para confirmar esta hipótese.

Referências

- ALONSO REY, R. (2015) «Compreensão lexical no PLE: transferência vs. interferência no reconhecimento de palavras próximas no caso dos falantes de espanhol». Em *Estudos da AIL em Ciências da Linguagem: língua, linguística, didáctica*, ed. por R. Samartim et al., pp. 185-197. Santiago de Compostela/Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas.
- ARCODIA, G. F. (2011) «A Construction Morphology account of derivation in Mandarin Chinese». *Morphology* 21: 89-130.
- ARCODIA, G. F. (2012) *Lexical derivation in Mandarin Chinese*. Taipei City: Crane Publishing.
- BASCIANO, B., KULA, N. & MELLONI, C. (2011) «Modes of compounding in Bantu, Romance and Chinese». *Rivista di Linguistica* 23(2): 203-249.
- BELL, M. J.; SCHAFER, M. (2016) «Modelling semantic transparency». *Morphology* 26(2): 157-199.
- BOOIJ, G. (2010) *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- BOOIJ, G. (2016) «Construction morphology». Em *The Cambridge Handbook of Morphology*, ed. por A. Hippisley e G. T. Stump, pp. 424-448. Cambridge: Cambridge University Press.
- BYBEE, J. (2008) «Usage-based grammar and second language acquisition». Em *Handbook of Cognitive Linguistics and second language acquisition*, ed. por P. Robinson & N. C. Ellis, pp. 216-236. New York/London: Routledge.
- CONSELHO DA EUROPA (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Asa.
- CORDER, P. (1967) «The Significance of Learners' Errors». *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching* 5: 161-170.

- DUANMU, S. (2002) «Review of “The morphology of Chinese: A linguistic and cognitive approach”, by Jerome L. Packard. Cambridge University Press, 2000». *Diachronica* 19(1): 190-200.
- GARDANI, F. (2018) «On morphological borrowing». *Language and Linguistics Compass* 12(10): 1-17.
- GASS, S.; SELINKER, L. (1993) *Language Transfer in Language Learning* (revised edition). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- GROSJEAN, F. (2011) «An attempt to isolate, and then differentiate, transfer and interference». *International Journal of Bilingualism* 16(1): 11-21.
- HALL, C. J. (2002) «The automatic cognate form assumption: Evidence for the Parasitic Model of vocabulary development». *International Review of Applied Linguistics* 40: 69-87.
- HASPELMATH, M. (2020) «The structural uniqueness of languages and the value of comparison for language description». *Asian Languages and Linguistics* 1(2): 346-366.
- HAUGEN, E. (1950) «The analysis of linguistic borrowing». *Language* 26(2): 210-231.
- HOPPER, P. J. (1987) «Emergent grammar». *Berkeley Linguistic Society* 13: 139-153.
- HOPPER, P. J. (1998) «Emergent grammar». Em *The new psychology of language. Cognitive and functional approaches to language structure*, ed. por M. Tomaselo, pp. 155-175. Mahwah: Erlbaum Associates.
- HUDSON, R. (2008) «Word grammar, cognitive linguistics, and second language learning and teaching». Em *Handbook of Cognitive Linguistics and second language acquisition*, ed. por P. Robinson & N. C. Ellis, pp. 89-113. New York/London: Routledge.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. (2016) «Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues». *The mental lexicon* 11: 467-493.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. (2019) «Relational morphology in the parallel architecture». Em *The Oxford handbook of morphological theory*, ed. por J. Audring e F. Masini, pp. 390-408. Oxford: Oxford University Press.

- JAMES, C. (1998) *Errors in language learning and use. Exploring error analysis*. London / New York: Longman.
- JARVIS, O. (2000) «Methodological rigor in the study of transfer: identifying L1 influence in the interlanguage lexicon». *Language Learning* 50(2): 245-309.
- JARVIS, O. (2009) «Lexical transfer». Em *The bilingual mental lexicon: interdisciplinary approaches*, ed. por A. Pavlenko, pp. 99-124. Multilingual Matters.
- JESUS, D. M. A. (2010) *Produção e reconhecimento de substantivos abstractos deadjectivais em português L2*. Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado.
- JIANG, N. (2002) «Form-meaning mapping in vocabulary acquisition in a second language». *Studies in Second Language Acquisition* 24(4): 617-637.
- LEIRIA, I. (2006) *Léxico, aquisição e ensino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- LENNON, P. (1991) «Error: some problems of definition, identification and distinction». *Applied linguistics* 12: 180-196.
- LOWIE, W. (1998) *The acquisition of interlanguage morphology: a study into the role of morphology in the L2 learner's mental lexicon*. University of Groningenmore, PhD Dissertation.
- MARTINS, C. et al. (2019) *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2): Subcorpus Português Língua Estrangeira*. CELGA-ILTEC. Disponível em <<http://teitok2.iltec.pt/peapl2-ple/index.php?action=home>>. Acesso em: 11, fev., 2021.
- MOTA, M. A. (2020) «Introdução à morfologia». Em *Gramática do português*, org. por E. B. P. Raposo et al., vol. III, pp. 2787-2831. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MUYSKEN, P. (1981) «Halfway between Quechua and Spanish: The case for relexification». Em *Historicity and variation in creole studies*, ed. por A. Highfield e A. Valdman, pp. 52–78. Ann Arbor: Karoma.
- NUNES, S. M. (2012) «Conhecimento lexical e consciência morfológica em alunos chineses de PLE: reconhecimento, interpretação e utilização de elementos prefixais

- do português». *Exedra*, número temático “Português: investigação e ensino”: 243-257.
- ODLIN, T. (2003) «Cross-linguistic influence». Em *The handbook of second language acquisition*, ed. por C. J. Doughty e M. H. Long, pp. 436-486. Malden: Blackwell.
- PACKARD, J. L. (2000) *The morphology of Chinese. A linguistic and cognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PEREIRA, M. I. P. (2016) «Processos de construção não concatenativa». Em *Gramática derivacional do português* (2.^a ed.), org. por G. Rio-Torto, pp. 521-553. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PEREIRA, R. (2022) «Estudos sobre a aquisição da competência derivacional em português língua não materna». *Portuguese Language Journal* 16: 1-13. DOI: 10.56515/PLJ562476679
- RINGBOM, H. (2007) *Cross-linguistic similarity in foreign language learning*. Multilingual Clevedon/Buffalo/Toronto: Matters.
- RIO-TORTO, G. (1998) *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.
- RIO-TORTO, G. (2011) «Convergência e divergência morfológica nas línguas românicas e no inglês: os sufixos provenientes de *-tio(nis)*». *Alfa* 55(1): 11-29.
- RIO-TORTO, G. (2014) «Prefixação e composição: fronteiras de um contínuo». *Verba* 41: 103-121.
- RIO-TORTO, G. (2016) «Nomes denominais». Em *Gramática derivacional do português* (2.^a ed.), org. por G. Rio-Torto, pp. 149-173. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ROBINSON, P.; ELLIS, N. C. (2008) «Conclusion: Cognitive Linguistics, Second Language Acquisition and L2 Instruction – Issues For Research». Em *Handbook of Cognitive Linguistics and second language acquisition*, ed. por P. Robinson & N. C. Ellis, pp. 489-545. New York/London: Routledge.
- RODRIGUES, A. S. (2016) «Noções basilares sobre a morfologia e o léxico». Em *Gramática derivacional do português* (2.^a ed.), org. por G. Rio-Torto, pp. 35-133. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- SAKEL, J. (2007) «Types of loan: Matter and pattern». Em *Grammatical borrowing in cross-linguistic perspective*, ed. por Y. Matras e J. Sakel, pp. 15–29. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- SELINKER, L. (1972) «Interlanguage». *International Review of Applied Linguistics* 10: 209-231.
- TIEE, H. H.-Y. (1979) «The productive affixes in Mandarin chinese morphology». *Word* 30(3): 245-255.
- VAN COETSEM, F. (1988) *Loan phonology and the two transfer types in language contact*. Dordrecht: Foris.
- VAN COETSEM, F. (2000) *A general and unified theory of the transmission process in language contact*. Heidelberg: Winter
- WEINREICH, U. (1953) *Languages in contact, findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York.
- WINFORD, D. (2005) «Contact-induced changes – classification and processes». *Diachronica* 22: 373-427.
- XINJUAN, W. (2007) «Formação de palavras nas duas línguas e ensino do vocabulário a falantes nativos chineses». Em *Actas do I Encontro académico e ensino curricular de português e de tradução chinês/português*, coord. por L. Changsen e M. F. R. S. Pedro, pp. 100-109. Macau: Instituto Politécnico de Macau.

**Investigação para o guia digital bilingue chinês-português
na perspetiva das paisagens linguísticas de Macau:
o caso das placas de nome de rua**

Xuechun Yu

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

yuxuechun@campus.ul.pt

Resumo

Na cidade de Macau, as línguas oficiais são o chinês e o português como definido na legislação deste território, que tem um contexto multicultural e multilingue, formando múltiplas paisagens linguísticas. As placas de nome de rua em Macau são uma paisagem linguística representativa, em particular as expressões dos nomes de rua são obrigatoriamente apresentadas em chinês e português. Neste contexto, é indispensável produzir um guia digital bilingue chinês-português na perspetiva das paisagens linguísticas de Macau, com o qual se pode facilitar a aprendizagem do português e formar talentos bilingues, uma ideia que também é promovida pelo governo e executada em políticas correspondentes. No caso das placas de nome de rua, o presente trabalho pretende aumentar o interesse e as capacidades linguísticas dos aprendentes, bem como estimular a memória histórica das pessoas, apresentar símbolos multiculturais da cidade de Macau e atrair mais turistas para visitar Macau.

Palavras-chave: guia digital bilingue; Chinês-Português; placas de nome de rua; Macau

Abstract

In Macau, the official languages are Chinese and Portuguese as defined in the legislation of this territory, which has a multicultural and multilingual context, forming multiple linguistic landscapes. Street name signs in Macau are a representative linguistic landscape, in particular, street name expressions are necessarily in Chinese and Portuguese. In this context, it is indispensable to produce

a bilingual Chinese-Portuguese digital guide from the perspective of the linguistic landscapes of Macau, in which way can facilitate the learning of Portuguese and train bilingual talent, an idea that is also promoted by the government and implemented in corresponding policies. In the case of street name signs, the present work aims to increase the interest and language skills of learners, as well as stimulate people's historical memory, present multicultural symbols of the city of Macau and attract more tourists to visit Macau.

Key-words: bilingual digital guide; Chinese-Portuguese; street name signs; Macao

1. Introdução

Macau é uma cidade multicultural e multilingue. Resultado das medidas de política linguística, a paisagem linguística de Macau permite a esta cidade ter características culturais exclusivas. Como é que se utilizam as paisagens linguísticas da cidade de Macau na Linguística Aplicada (LA) e na sociolinguística? Face às paisagens linguísticas que nos são familiares, é fácil ignorá-las no quotidiano; tal sucede com as placas de nome de rua. Como é que se ativa a atenção para essas imagens estáticas e de que modo elas podem ajudar a preservar a memória histórica? Como é que se enriquecem os guias digitais bilingues com recurso a situações autênticas, facilitando e melhorando o ensino-aprendizagem bilingue? Este trabalho pretende investigar a pertinência de criar um guia digital bilingue chinês-português, baseado nas características culturais de Macau, com o intuito de formar talentos bilingues de chinês-português com capacidades interculturais e digitais. O trabalho vai fundamentar-se num elemento da paisagem linguística de Macau— as placas de nome de rua em Macau, que servem de referência e inspiração para o desenho dos materiais digitais bilingues.

2. Multilinguismo na cidade de Macau

No ano de 1987, na *Declaração Conjunta Do Governo Da República Portuguesa e Do Governo Da República Popular Da China Sobre a Questão De Macau*, o quinto ponto da segunda cláusula diz que “Além da língua chinesa, poder-se-á usar também a língua portuguesa nos organismos do Governo, no órgão legislativo e nos Tribunais da Região

Administrativa Especial de Macau” (Legislação de Macau, 1988) e, no ano de 1993¹, admitiu-se que o português e o chinês seriam as duas línguas oficiais². Depois de a China retomar o exercício da soberania (1999), Macau tornou-se oficialmente uma cidade com duas línguas oficiais. Entretanto, à medida que a população total de Macau aumenta, o português, apesar de ser uma das línguas oficiais, na sua proporção de utilizadores não segue a tendência do aumento da população total, como se pode ver no gráfico 1 e na tabela 1, porquanto o âmbito da utilização do português ficou relativamente reduzido a um uso mais oficial e académico.

Gráfico 1– População de Macau (DSEC 1993,1997, 2002, 2007, 2012, 2017)³

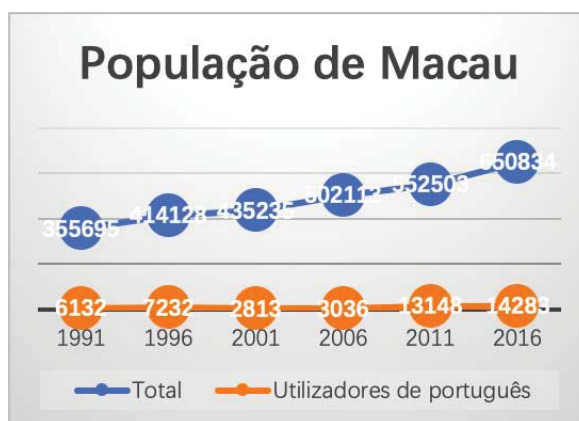


Tabela 1– Percentagem correspondente aos dados do gráfico 1

Ano	Taxa de crescimento populacional	Taxa de crescimento do uso de português	Proporção do uso de português
1991	/	/	1,72%
1996	16,4%	1,8%	1,75%
2001	5,1%	-61,1%	0,65%
2006	15,4%	7,9%	0,61%
2011	10,0%	333,0%	2,5%
2016	17,8%	8,6%	2,2%

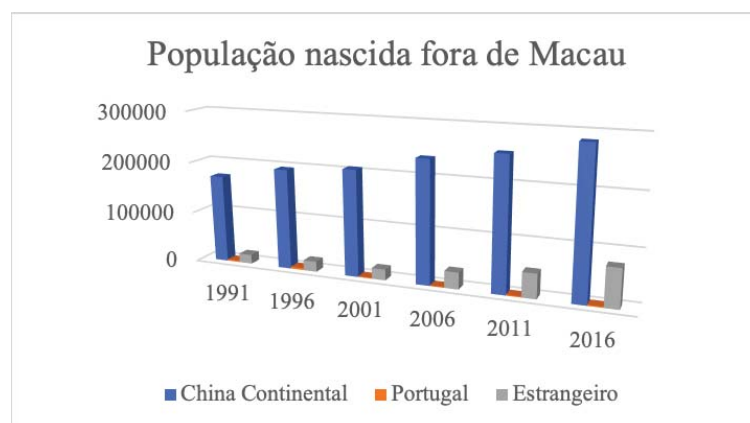
¹ Adotada em 31 de março de 1993, pela Primeira Sessão da Oitava Legislatura da Assembleia Popular Nacional da República Popular da China e promulgada pelo Decreto n.º 3 do Presidente da República Popular da China para entrar em vigor no dia 20 de dezembro de 1999. (Legislação de Macau, 1988).

² Além da língua chinesa, pode usar-se também a língua portuguesa nos órgãos executivo, legislativo e judiciais da Região Administrativa Especial de Macau, sendo também o português língua oficial. (Imprensa Oficial do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 1993).

³ Macau efetua um censo a cada 10 anos e um censo intermédio a cada 5 anos – cf. <https://www.dsec.gov.mo/Censos2021/pt-PT/#about>.

Em termos da composição da população, a cidade mantém um contacto com Portugal e reúne as culturas dos países lusófonos, mas também de outros países onde se falam outras línguas românicas. Além disso, hoje em dia, Macau atrai cada vez mais pessoas que nasceram nos países onde o inglês é a língua oficial. Como se pode ver no gráfico 2, a cidade atrai cada vez mais pessoas que nasceram fora de Macau. À medida que o tempo passa, pode dizer-se que Macau é um ponto de cruzamento da cultura chinesa, da cultura portuguesa, como também de outras culturas, entre elas, a cultura anglo-saxónica.

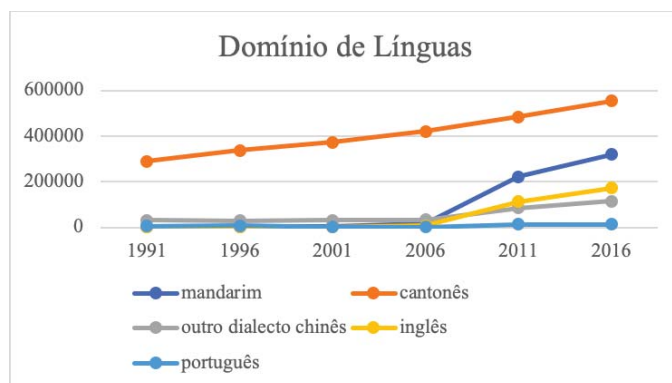
Gráfico 2 –População Nascida fora de Macau (DSEC, 1993: 56, 1997: 41, 2002: 134, 2007: 123, 2012: 113, 2017: 99)⁴



A língua é parte da cultura e é também um instrumento de apresentação da cultura. A promoção da diversidade linguística e uma atitude positiva para as diferentes culturas de Macau manifestam-se no multilinguismo desta cidade. Como se pode ver no gráfico 3, o mandarim, o cantonês, o português e o inglês são as línguas mais faladas nesta cidade.

⁴ O maior grupo de imigrantes no grupo designado como “Estrangeiro” é o filipino; o seu aumento é de 1,2% em 2001 até 2,6% em 2011 (DSEC, 2002; DSEC, 2012); além disso, durante os dez anos seguintes, imigraram para Macau cada vez mais pessoas de Vietname, Indonésia, etc.

Gráfico 3– Domínio de línguas (DSEC, 1993: 72, 1997: 41, 2002: 153, 2007: 124, 2012: 118, 2017: 106)⁵



Em Macau, há 553.596 pessoas que usam o cantonês como língua corrente, o que corresponde a 85,1% da população; além disso, com o aumento da entrada das pessoas nascidas fora de Macau, o número de falantes de mandarim aumentou 4,9% e de falantes de inglês 2,7% (DSEC, 2017). No que diz respeito à língua portuguesa, como o gráfico 3 mostra, no período em que a China retomou o exercício da soberania, surgiram entre portugueses e macaenses⁶ vagas de uma imigração para Portugal, causando uma queda do número de falantes do português. No entanto, em época mais recente, o desenvolvimento da economia e o apoio das políticas linguísticas levaram a que o seu número tenha voltado a subir.

Face a esta situação de utilização das línguas, o governo de Macau promulgou uma política de multilinguismo que permite a liberdade de escolha de expressão linguística.⁷ Sendo este território habitado por uma comunidade multicultural e multilingue, a coexistência das línguas em Macau promove a integração das diversas culturas e a compreensão mútua; no desenvolvimento da economia e na promoção das políticas

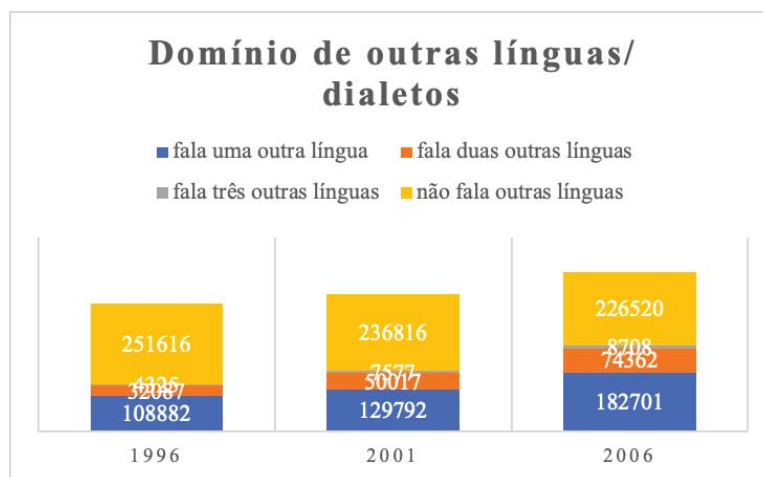
⁵ A divulgação do inglês é principalmente baseada na economia. Sendo uma língua franca no mundo inteiro, o inglês torna-se cada vez mais popular, tomando um papel importante nos negócios, economia, ensino, tecnologia, em Macau, como em outras regiões do mundo.

⁶ Macaenses são descendentes de portugueses, sendo uma etnia mista de portugueses e asiáticos. Eles falam patuá macaense / crioulo de Macau que descende da língua portuguesa. Em 2011, os macaenses ocupam apenas 0,8% da população total em Macau (552.503 no total), o que diminuiu 0,4%, quando comparado com o ano 2001 (DSEC, 2002; DSEC, 2012), fazendo com que o Patuá seja quase uma língua extinta. A designação pode também ser aplicada a pessoas que não nasceram em Macau, mas que residem em Macau.

⁷ De acordo com o Decreto-Lei n° 101/99/M de 13 de dezembro: “Assim, o presente diploma consagra as línguas portuguesa e chinesa como línguas oficiais de Macau, bem como o princípio da sua igual dignidade, alicerçando a disciplina que, nos domínios legislativo, administrativo e judiciário, prevê e assegura a coexistência e o uso de ambas em condições de plena igualdade, e, ao mesmo tempo, garante expressamente a liberdade individual em matéria de expressão linguística” (Imprensa Oficial do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 1999)

linguísticas, cada vez mais pessoas se tornam bilingues ou até trilingues, como o gráfico 4 mostra.

Gráfico 4⁸– Domínio de línguas faladas/ dialetos falados da população residente (DSEC, 1997: 110-111, 2002: 154, 2007: 221)



3. As placas de nome de rua como paisagem linguística de Macau

No contexto multilingue de Macau, as placas de nome de rua bilingues são resultado da política linguística, sendo definido pelo governo que devem ser escritas em chinês e português. A investigação sobre as placas de nome de rua é, por um lado, uma explicação para a história e cultura silenciosas por muitos anos; por outro lado, elas são um símbolo da cidade que orientam uma viagem por Macau. Os diversos contextos históricos e culturais tornaram-se uma paisagem linguística excelente.

Landry e Bourhis (1997) consideram que Paisagem Linguística (PL) «refers to the visibility and salience of languages on public and commercial signs in a given territory or region» (Landry & Bourhis 1997: 23). Nesta descrição, o ponto nuclear é o espaço público ou a “esfera pública” de Habermas (Habermas 1989). No sentido da “esfera pública”, ela não se refere necessariamente a um espaço identificado, mas é uma sociedade urbana (Florian 2009:14). Assim, quanto à PL, ela refere-se aos objetivos linguísticos que marcam a esfera pública (Eliezer 2009: 41); segundo Landry e Bourhis (1997), a PL indica “the language of public road signs, advertising billboards, street

⁸ “Resultados dos Censos 1991”, “Resultados dos Censos 2011” e “Intercensos 2016” não mencionam esta parte; o censo 2011 e censo 2016 consideram que as línguas utilizadas em Macau são mais de uma.

names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration” (Landry & Bourhis 1997: 25). Neste sentido, a PL começou a ser alvo de estudos pela Linguística Aplicada (LA) e pela sociolinguística. Conforme uma investigação para os sinais em *Chinatown* de *Washington D. C.* de Leeman e Modan, durante os anos 70 e 80, a PL mostra a função da transmissão das informações e a função simbólica nos anos 90 (Leeman & Modan 2009), que apresentam também as duas funções principais da PL. Ben-Rafael et al (2006) propuseram a abordagem de *top-down, bottom-up* da PL, que distingue respetivamente os sinais oficiais ou governamentais e os sinais privados ou comerciais (Ben-Rafael et al. 2006), para demonstrar melhorar as constituições linguísticas sociais no local. Em Macau, comparando com os sinais privados ou individuais, “a paisagem linguística de Macau não é fielmente representativa do repertório linguístico típico da diversidade etnolinguística da cidade, mas, sim, dos recursos linguísticos que indivíduos e instituições valorizam na esfera pública e na construção simbólica do espaço” (Rocha & Dias 2020: 32). A investigação do presente trabalho vai concentrar-se na paisagem linguística do espaço público de Macau, nas placas de nome de rua, construídas após o momento em que a China retomou o exercício da soberania, para analisar as medidas de políticas linguísticas em Macau, fazendo com que cada vez mais pessoas conheçam as funções das placas de nome de rua nesta cidade.

Macau tem no total 1255 ruas e vielas, segundo dados do ano de 2011 (Instituto para os Assuntos Municipais, 2019). As placas de nome de rua são feitas de azulejo branco, com contorno em azul, em clara manifestação de um estilo português. No início, as ruas em Macau eram designadas com nomes em português; desde o século XX que se colocam na parede os azulejos ao estilo português, com os nomes de rua pintados em versão bilingue. A maioria das placas obedece aos hábitos tradicionais dos locais e não foi traduzida com base nos nomes em português (Song 2019: 161-162)⁹.

No que diz respeito às placas bilingues, para alguns o chinês tradicional fica em cima e o português em baixo, como se vê na figura 1; em outros, o chinês tradicional fica no lado direito e o português no esquerdo, como a figura 2 mostra. De acordo com Scollon & Scollon (2003), o espaço preferencial para o texto é o topo, à esquerda, ou no centro; o espaço marginal é a parte de baixo, à direita ou nas margens (Scollon & Scollon 2003:

⁹ A citação é traduzida pelo presente trabalho.

120). Nesta base, nos tipos das placas de nome de rua verticais, o chinês é a língua dominante; já nas placas horizontais, o português domina os nomes bilingues.

Figura 1– O chinês tradicional fica em cima e o português em baixo (Butcher, 2017)



Figura 2– O chinês tradicional fica no lado direito e o português no esquerdo (The Paper, 2019)



No que se refere aos sítios onde as placas ficam, algumas estão na parede (figura 2) e algumas estão no chão (figura 3). A escolha das palavras bilingues obedece ao princípio de tornar o texto curto, para facilitar a memorização e a leitura dos nomes de rua. A escolha das palavras nas placas de nome de rua às vezes é dependente dos significados do chinês, às vezes do português, e também é feita em função da pronúncia do cantonês. Por isso, pode-se concluir que o bilinguismo nas placas de nome de rua é traduzido para uma língua em função das outras.

Figura 3—A placa de nome de rua fica no chão
(The Museum of Dr. Sun Yat-Sen, n.d.)



As placas de nome de rua, sendo uma PL em Macau, são um testemunho da história da cidade, da evolução da paisagem histórica e humana, que integra os espaços linguísticos e sociais. A PL pode formar o pensamento bilingue e as competências linguísticas das pessoas, ao mesmo tempo que protege o português, especialmente, como uma herança cultural. “O uso da PL como recurso educativo tem já uma história pedagógica instituída nas aulas de língua materna [.....] começa agora a ser uma área de interesse crescente em contextos educacionais multilingues” (Rocha & Dias 2020:33). Pode-se aproveitar as características das placas de nome de rua como uma paisagem linguística na cidade de Macau para desenhar materiais digitais bilingues adaptados às necessidades dos alunos.

4. O guia digital bilingue na perspetiva das paisagens linguísticas

4.1 Necessidade

Em 2016, o *Relatório das Linhas de Ação Governativa para o Ano Financeiro de 2016* foi promulgado para “promover o reforço da formação de talentos bilingues em chinês e português [.....] a fim de transformar Macau numa base de formação de talentos bilingues em chinês e português” (Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China 2015:19); até ao ano 2018, a Comissão de Desenvolvimento de Talentos do Governo da RAEM lançou um *Plano de Ação Quinquenal do Programa de Formação de Quadros Qualificados a Médio e Longo Prazo em Macau (Plano de Ação*, de forma abreviada), que se ofereceu como um guia de ação para a formação de talentos, conforme o ponto 4.1 do *Plano de Ação*, a fim de concretizar o cumprimento da construção da “Base de formação de talentos bilingues em chinês e português”. A

formação de talentos bilingues pode, por um lado, estimular a utilização da língua portuguesa e alargar o âmbito da utilização de português, fazendo com que a população dos utilizadores de português aumente estavelmente; por outro lado, pode desenvolver e praticar a perceção bilingue e a capacidade de comunicação intercultural, a fim de reforçar a cooperação sino-portuguesa, bem como da China com os países de Língua Portuguesa.

Foram programadas em Macau muitas atividades e criaram-se centros de formação, tais como: Seminário sobre Ensino e Formação de Bilingues entre a China e os Países de Língua Portuguesa¹⁰, Centro de Ensino e Formação Bilingue Chinês-Português¹¹, etc., que se dedicam à formação de talentos bilingues em comércio, cultura e literatura, direito, tradução e interpretação, entre outros aspetos, que responde às necessidades da sociedade de Macau.

Nos últimos anos, criaram-se nos institutos de ensino superior de Macau muitas competições para divulgar a língua portuguesa, como por exemplo: “Concurso de Declamação de Poesia em Português para Instituições de Ensino Superior da China”, “Concurso de Debate em Língua Portuguesa para Instituições de Ensino Superior da China e da Ásia” e “Concurso Mundial de Tradução Chinês-Português”, de modo a aumentar a influência da língua portuguesa no mundo e as dinâmicas e interesses da aprendizagem do português. Com uma comunidade onde se promove o bilinguismo e porque Macau é o sítio que reúne mais talentos chinês-português da China, o ensino de português em Macau tem desenvolvido muito o ensino e a formação dos talentos bilingues de chinês (mandarim e cantonês) - português.

Em 2019, o Fundo do Ensino Superior do Governo da RAEM apelou à “exploração de materiais didáticos eletrónicos para cursos bilingues em Chinês e Português, de ferramentas de aprendizagem complementares e de cursos *on-line*” (Fundo do Ensino Superior do Governo da RAEM 2019: 2), o que demonstra uma perspetiva atualizada em relação às ideias da formação de talentos bilíngues na era digital, que é uma exigência elevada relativamente à literacia digital¹² dos talentos.

Esses materiais didáticos eletrónicos referidos, por vezes, são considerados apenas como a digitalização dos materiais didáticos impressos, incluindo *e-book*, mochila

¹⁰ Inaugurado respetivamente em 2015 e 2018, por Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e a Universidade de Macau.

¹¹ Criado na Universidade de Macau em 2017.

¹² A literacia digital de acordo com Jones & Flannigan (2006) “is usually regarded as a measure of the ability of users to perform tasks in digital environment.” (Jones & Flannigan 2006: 6).

eletrónica (*e-schoolbag*)¹³, etc., baseados nos manuais utilizados para auxiliar o ensino. De acordo com Yuan (2009), a técnica de transformação eletrónica “toma o computador e tecnologia de comunicação como uma base e as informações digitais como objetivos e conteúdos, efetuando a utilização e a divulgação de informações através do computador e da internet” (Yuan 2009)¹⁴, o que quer dizer que é uma integração das informações digitais baseada no computador e na partilha de dados através da internet. No dicionário de Cambridge, “digital” significa “recording or storing information as a series of the numbers 1 and 0, to show that a signal is present and absent” (digital, n.d.), ou seja, que se torna os conteúdos físicos aos números 0 ou 1 para os computadores os identificarem; neste sentido, pode dizer-se que os materiais eletrónicos passam o processo da digitalização à transformação eletrónica. A ideia da digitalização aprofundou-se através dos sistemas de metadados e repositórios de informação acessível na internet. Os produtos eletrónicos tornaram-se digitais e inteligentes com base nos interesses individuais e nos hábitos de leitura, recomendando conteúdos correspondentes à satisfação das necessidades dos indivíduos. Em suma, os materiais novos, quer os eletrónicos quer os digitais, referem-se aos materiais que experimentaram processos de “digitalização—transformação eletrónica—inteligência”.

Do exposto, o presente trabalho enquadra-se na investigação sobre os materiais eletrónicos nos materiais digitais (MDIG), que revelam um âmbito de aprendizagem inteligente, adaptável às necessidades individuais dos alunos e que oferece aos utilizadores (professores e alunos) um ensino contextualizado e situacional, graças às técnicas digitais e aos diversos *media*.

A meta do desenho dos MDIG bilingues na paisagem linguística é formar os talentos bilingues para os ajudar a obter melhores competências linguísticas. O desenho deve basear-se em conteúdos curriculares e em situações da vida real. Quanto à formação dos talentos bilingues, além dos aspetos da formação referidos no presente trabalho que existem atualmente em Macau, há ainda outras áreas que também necessitam dos talentos e essas áreas podem proporcionar os conteúdos para facilitar o ensino-aprendizagem, tal como o turismo.

¹³ Indica-se uma plataforma digital que inclui materiais didáticos digitais, recursos digitais relacionados com conteúdos pedagógicos, que cobre quatro partes: conteúdos de aprendizagem, terminais de aprendizagem, ferramentas de aprendizagem e serviços de aprendizagem. (Wu, Lin, Ma, & Zhu 2013: 227)

¹⁴ A citação é traduzida pelo presente trabalho.

Nesta base, o presente trabalho vai tomar as placas de nome de rua existentes em Macau como o material base para o guia, analisando de que forma o desenho pode ajudar os aprendentes a aumentar as suas competências linguísticas e culturais.

4.2 Desenvolvimento no caso das placas de nome de rua

O guia digital bilingue (GDB) que o presente trabalho pretende desenvolver é baseado nas características dos MDIG, com um desenho para satisfazer as necessidades dos aprendentes e atingir os objetivos do guia digital bilingue (GDB) já enunciados antes, associados a uma utilização autónoma.

No caso das placas de nome de rua, foram lançados até agora dois livros eletrónicos sobre as ruas de Macau: *As histórias das ruas de Macau*¹⁵; *Homepage das Ruas de Macau*¹⁶, com uma organização dos nomes de rua em Macau em diferentes fases históricas¹⁷. Estes livros eletrónicos são direcionados para ajudar as pessoas a conhecer as histórias das ruas de Macau. Estes materiais digitais proporcionam bons exemplos para o desenho do GDB; o primeiro foca-se na narração da história de produção dos nomes de rua e o segundo oferece guias de viagem pelas ruas, orientados pelas características turísticas de Macau, tais como figuras, lojas, etc. Nesta base, o GDB no presente trabalho vai concentrar-se no contexto histórico de produção e na tradução dos nomes de rua, nos sinais oficiais, não apenas para aumentar a competência linguística bilingue, como também para apoiar o conhecimento da história e cultura dos nomes de rua, a fim de formar os talentos bilingues.

5. Um desenho do GDB chinês-português de Macau

5.1 Uma paisagem linguística multimodal

No desenho do GDB consideram-se os conteúdos como elementos importantes, quer do ponto de vista das competências linguísticas e comunicativas, quer do ponto de vista dos conhecimentos culturais. O desenho implica também a combinação de *online* e

¹⁵ Produzido pela Escola Pui Tou de Macau em chinês, referem-se à Associação da História da Escola Pui Tou de Macau (n.d.) Este documento em formato eletrónico encontra-se disponível ao público em <<http://www.pooito.edu.mo/middleschool/students/history/mss/index.html>>.

¹⁶ Produzido pelo governo da RAEM em bilingue chinês e português, referem-se ao Instituto para os Assuntos Municipais. (2018). Disponível em <<https://macaostreets.iam.gov.mo/p/info/default.aspx>>.

¹⁷ Há o livro *Arruamentos da Região Administrativa Especial de Macau* editado pelo Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais em chinês e português que regista os nomes da rua em Macau; a terceira edição foi publicada em 2013. (Macau G. d., *Arruamentos da Região Administrativa Especial de Macau*, 3a. Edição, n.d.)

offline; a palavra e a multimodalidade¹⁸; a língua e cultura histórica, com o intuito de oferecer aos utilizadores um âmbito de imersão em aprendizagem ou em viagem.

A combinação de *online* e *offline* implica que no GDB há uma série impressa correspondente ao digital, o que permitiria aos guias turísticos levar o guia impresso para pesquisar os pontos turísticos onde preferem ir; depois de chegar a um lugar podem visualizar o *Scanner* impresso no guia para entrar no GDB.

Na era digital, o sistema do guia das compras inteligente é cada vez mais familiar nos centros comerciais; pode-se ver a figura 4. Este sistema do guia inteligente pode ajudar as pessoas a consultar informações rapidamente, mas também se tornou um símbolo na cidade, tendo funções semelhantes às placas de nome de rua. O desenho do GDB no presente trabalho vai basear-se neste sistema inteligente; como a figura 4 mostra, pode-se aproveitar o ecrã eletrónico em cima para apresentar as informações históricas, culturais, turísticas e linguísticas como o GDB e a luz em baixo para mostrar os nomes de rua, iluminando a rua.

Figura 4— O desenho da placa inteligente da “Avenida de Lisboa” (getLISBON, 2020, Pacemaker Sign, 2019, editado)



Quando se carrega no nome de rua no sistema, há três opções: consulta das linhas, pronúncia e cultura histórica. A consulta das linhas depende dos mapas da cidade; a escolha de pronúncia permite ouvir a pronúncia do nome de rua em chinês (mandarim e

¹⁸ A multimodalidade “describes approaches that understand communication and representation to be more than about language.” (Jewitt 2009 :14)

cantonês) e em português; na opção cultura histórica, apresenta-se o seu contexto de tradução e respetiva história.

Tomando a “Avenida de Lisboa” como um exemplo, pela figura 4, o contexto da tradução inclina-se para a explicação em chinês. A palavra “Lisboa” no nome de rua não foi traduzida diretamente no seu significado geral do chinês, mas é uma forma como “a capital de Portugal”: —葡京[p^{hu}35 kɿŋ55]¹⁹, pelo que Lisboa em pronúncia de cantonês é “里斯本 [leɪ13 si:55 pu:n35]”; a pronúncia em cantonês é muito parecida com “[neɪ13sɛ:35 pu:n35]” (你舍本) que implica um significado de “perda da sorte”; ora, considerando que esta avenida fica ao lado do Casino de Lisboa de Macau, a tradução chinesa escolheu o significado “capital de Portugal” para evitar aquela fonética (Song, 2019).

Através do sistema do GDB, as pessoas podem clicar para ouvir a pronúncia do nome de rua. Além do contexto de tradução, o GDB também pode oferecer vídeos, imagens e relativas ligações externas para ajudar os utilizadores a ampliarem os seus conhecimentos.

Com as características da inteligência do GDB, o guia vai basear-se em macrodados para organizar as informações de viagem. Os utilizadores podem escolher a que sítios querem ir em Macau. O GDB também vai recomendar conteúdos aos utilizadores em que eles potencialmente podem ter interesse, para que ofereça uma experiência de imersão na aprendizagem ou viagem.

5.2 Objetivo e função propostos

O desenho do GDB no caso das placas de nome de rua pretende ativar as imagens estáticas na vida, a fim de motivar os interesses da aprendizagem dos aprendentes.

O GDB no ensino-aprendizagem bilingue quer, em primeiro lugar, facilitar a memorização do vocabulário, formando a consciência linguística dos aprendentes, para que se reduza a dependência da língua materna ou da tradução; em segundo lugar, formar as competências pragmáticas, com situações autênticas, de modo a que os utilizadores conheçam melhor a situação de comunicação, incluindo o âmbito multicultural, e possam escolher as frases e as palavras apropriadas nas diferentes ocasiões; finalmente, pretende-se aumentar a literacia digital e dos *media*, fortalecendo a capacidade de descarregar, partilhar e transmitir as informações e a utilização dos conteúdos em rede.

¹⁹ 葡[p^{hu}35] significa Portugal, e 京[kɿŋ55] indica a capital. A fonologia cantonesa baseia-se no Wikcionário, Disponível em: https://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcionário:Página_principal.

Sob o ponto de vista da sua função prática, as placas de nome de rua não só são materiais ou recursos do GDB, mas têm uma função prática que é identificar o espaço, além de se terem tornado símbolos da cidade. Uma digitalização e visualização das placas de nome de rua pode estender as suas funções, pois permitem também reforçar a herança cultural, evocando a memória histórica das pessoas e atraindo mais pessoas a visitar Macau.

6. Conclusão

O presente trabalho baseia-se nas características multiculturais e multilingues de Macau, investigando o multilinguismo desta cidade e as suas paisagens linguísticas. As placas de nome de rua, sendo um elemento da paisagem linguística de Macau, são orientadas pelas políticas linguísticas e, ao mesmo tempo, tornaram-se uma atração turística de Macau, como também um elemento revelador dos muitos contextos históricos através das estratégias de tradução nelas utilizadas. Neste sentido, propõe-se o desenho de um material digital bilingue adequado às necessidades e características de Macau, dependente da característica paisagem linguística bilingue desta cidade, em particular as placas de nome de rua.

As placas de nome de rua tornam-se um recurso excelente para o guia digital bilingue (GDB), o que pode, por um lado, oferecer aos aprendentes um âmbito linguístico bilingue, favorecendo o desenvolvimento da competência linguística e das capacidades de comunicação intercultural dos utilizadores, mas também a consciência linguística bilingue; por outro lado, no que diz respeito às placas de nome de rua, este guia tenta tornar as placas de nome de rua num elemento interativo pelo apoio técnico na era digital. As placas de nome de rua através da plataforma digital podem: evocar a memória histórica das pessoas, por meio da introdução dos contextos históricos relativos à produção e à tradução dos nomes de rua; apresentar os símbolos multiculturais desta cidade, de acordo com a descrição para a função dos sinais oficiais; transformar os sinais de viagem com o objetivo de atrair mais turistas mediante a publicidade de ruas.

No futuro, pretende-se pôr em prática o desenho do GDB, para com a sua criação e aplicação contribuir para investigações futuras sobre o desenho dos guias ou outros materiais digitais para formação de talentos bilingues, bem como sobre o estudo da paisagem linguística através das placas de nome de rua.

Referências

- Ben-Fafael, E. (2009). «A Sociological Approach to the Study of Linguistic Landscapes». Em *Linguistic Landscape_Expanding the Scenery*. Eds. por Elana, S. & Durk, G., pp: 40-54. London: Routledge.
- Ben-Rafael, E., Shohamy E., Amara M. H. e Trumper-Hecht, N. (2006). «Linguistic landscape as symbolic construction of the public space: The case of Israel». Em *Linguistic Landscape. A New Approach to Multilingualism*. Ed. Por Gorter D., pp. 7–30. Clevedon: Multilingual Matters
- Butcher, P. (2017). *Chineses comem pastéis de Belém em Macau, mas não falam português*. Folha de S. Paulo. Disponível em <https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/06/1893240-o-desaparecimento-da-lingua-portuguesa-em-macau.shtml>.
- Centro de Ensino e Formação Bilingue Chinês-Português. (2018). *Seminário sobre Ensino e Formação de Bilingues entre a China e os Países de Língua Portuguesa*. Universidade de Macau. Disponível em <https://cpc.fah.um.edu.mo/pt-pt/news-pt-pt/seminario-sobre-ensino-e-formacao-de-bilingues-entre-a-china-e-os-paises-de-lingua-portuguesa/>.
- Comissão de Desenvolvimento de Talentos do Governo da Região Administrativa Especial de Macau. (2018). *Plano de Acção Quinquenal do Programa de Formação de Quadros Qualificados a Médio e Longo Prazo em Macau*. Governo da Região Administrativa Especial de Macau. Disponível em https://www.scdt.gov.mo/pdf/talents_5yr_plan_pt_01022018.pdf.
- Cambridge University Press. (n.d.). *Digital*. Cambridge Dictionary. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/digital>.
- Direção de Serviços de Estatística e Censos. (1993). *91 Censos*. Disponível em https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/701ade5a-2470-4c20-8b9b-25e686bd055c/C_CEN_PUB_1991_Y.aspx.
- . (1997). *Intercensos 96: Resultados Globais*. Disponível em https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/5fec02be-51f1-4577-bcb1-b42d99c3b496/C_ICEN_PUB_1996_Y.aspx.

- (2002). *Resultados Globais dos Censos 2001*. Disponível em https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/ff47afd0-16bc-4a26-8f6b-00202354d439/C_CEN_PUB_2001_Y.aspx.
- (2007). *Resultados Globais dos Intercensos 2006*. Disponível em https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/2840365f-23a1-415c-a51e-32c082fe50d1/C_ICEN_PUB_2006_Y.aspx.
- (2012). *Resultados dos Censos 2011*. Disponível em https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/d1195d4e-8854-4122-851e-51d05ef1baa0/C_CEN_PUB_2011_Y.aspx.
- (2017). *Intercensos 2016: Resultados Globais*. Disponível em https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/b9eb6f4f-f164-4ff5-b55e-c0e4fbda9511/C_ICEN_PUB_2016_Y.aspx.

Florian, C. (2009). «Linguistic Landscaping and the Seed of the Public Sphere». Em *Linguistic Landscape Expanding the Scenery*. Eds. por Elana, S. & Durk, G., pp: 13-24. London: Routledge.

Fundo do Ensino Superior (2019). *Plano de Financiamentos Especiais para Formação de Quadros Qualificados Bilingues em Chinês e Português e para a Cooperação do Ensino e da Investigação das Instituições do Ensino Superior de Macau: Orientações de Candidatura*. Governo da Região Administrativa Especial de Macau. Disponível em https://www.dses.gov.mo/appform2/2020/guidelines_pt.pdf.

getLISBON. (2020). *7 Sinais de Lisboa em Macau*. getLISBON. Disponível em <https://getlisbon.com/descobrimdo/sinais-de-lisboa-em-macau/>.

Habermas, J. (1989). *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Cambridge Polity Press.

Imprensa Oficial do Governo da Região Administrativa Especial de Macau. (1999). *Boletim Oficial: Decreto-Lei n° 101/99/M*. Disponível em <https://bo.io.gov.mo/bo/i/99/50/declei101.asp>.

Imprensa Oficial do Governo da Região Administrativa Especial de Macau. (adotada em 31 de Março de 1993, entrar em vigor no dia 20 de Dezembro de 1999). *Lei Básica*

da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China.
Disponível em <<https://bo.io.gov.mo/bo/i/1999/leibasica/index.asp>>.

Imprensa Oficial do Governo da Região Administrativa Especial de Macau. (1988, junho 6). *Declaração Conjunta Do Governo Da República Portuguesa e Do Governo Da República Popular Da China Sobre a Questão De Macau.* Disponível em <<https://bo.io.gov.mo/bo/i/88/23/out01.asp#1>>.

Instituto para os Assuntos Municipais. (2019). *Curiosidades sobre Ruas e Vieiras de Macau.* Homepage das Ruas de Macau. Disponível em <<https://macaostreets.iam.gov.mo/p/streetknowledge/detail.aspx>>.

—. (n.d.). *Arruamentos da Região Administrativa Especial de Macau, 3a. Edição.* Homepage das Ruas de Macau. Disponível em <<https://macaostreets.iam.gov.mo/p/book/detail.aspx?id=96775285-b193-41ee-b4d4-4fab7eaf2646>>.

Jewitt, C. (2009). «An Introduction to multimodality». Em *The Routledge Handbook of Multimodal Analysis*. Ed. por Jewitt, C., pp. 14-27. London: Routledge.

Jones, B., & Flannigan, S. L. (2006). «Connecting the digital dots: Literacy of the 21st century». *Educause Quarterly*. 29 (2): 8-10. Disponível em <<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=c2fbd52466a35cd62d1476a9840e5064e88118c4>>.

Landry, R. & Bourhis, R. Y. (1997). «Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study». *Journal of Language and Social Psychology*. 16(1): 23-49. Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0261927x970161002>>.

Leeman, J. & Modan, G. (2009). «Commodified language in Chinatown: A contextualized approach to linguistic landscape». *Journal of Sociolinguistic*. 13(3): 332-362. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/227898642_Commodified_language_in_Chinatown_A_contextualized_approach_to_linguistic_landscape>.

Pacemaker Sign. (2019). *Forum购物中心标识导视系统设计.* Disponível em <<https://www.chinasigns.com.cn/articles/forumg.html>>.

- Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China. (2015, Novembro 17). *Relatório das Linhas de Ação Governativa para o Ano Financeiro de 2016*. Disponível em <https://www.gov.mo/pt/wp-content/uploads/sites/3/2017/10/2016_policy_pt.pdf>.
- Rocha, R. & Dias, A. P. P. (2020). «Para uma pedagogia da paisagem linguística: breve análise empírica na cidade de Macau». Em *Português para Falantes de Outras Línguas: Língua e Cultura em Tempos de Perplexidade*, coord. por Rubens Lacerda de Sá, pp. 24-38. Lidel.
- Scollon, R. & Scollon S. W. (2003). *Discourses in Place: Language in the Material World*. London: Routledge.
- Song, H. (2019). «Sobre a situação de diferença da semântica sino-portuguesa em nomes da rua de Macau na perspetiva multicultural». *Chinese Translators Journal* 40(5):160-166. Disponível em <<https://d.wanfangdata.com.cn/periodical/zhongguofy201905023>>.
- The Museum of Dr. Sun Yat-Sen. (n.d.). 澳门孙逸仙大马路. The Museum of Dr. Sun Yat-Sen. Disponível em <<http://www.sunyat-sen.org/index.php?m=content&c=index&a=show&catid=52&id=7513>>.
- The Paper. (2019). 澳门回归20周年|这几间小庙大屋, 曾决定历史走向. Disponível em <https://www.thepaper.cn/newsDetail_forward_5150153>.
- Wu, Y., Lin, L., Ma, X., & Zhu, Z. (2013). «Research on the E-textbook and E-schoolbag in China: Constructing an Ecosystem of E-textbook and E-schoolbag». *IADIS International Conference on Cognition and Exploratory Learning in Digital Age*, 225-232. CELDA.
- Yuan, Y. (2009). «The Essential Concepts and Applications of Digitization, Electronization, Networking and Virtualization». *Journal of Academic Libraries*. 27(5):13-17. Disponível em <http://en.cnki.com.cn/Article_en/CJFDTOTAL-DXTS200905003.htm>
- Zhang, Y. & Zhang, B. (2016). «Multilingualism in the Linguistic Landscape of Macau». *Applied Linguistics*. 2(1):45-54. Disponível em <http://en.cnki.com.cn/Article_en/CJFDTOTAL-YYYY201601007.htm>.

**The Use of Discourse Markers in narrative
by Chinese speakers of L2 European Portuguese**

LIUYANG HE

Beijing International Studies University
heliuyang@bisu.edu.cn

QINXUE LI

Beijing International Studies University
liqinxue@bisu.edu.cn

AORAN YANG

Beijing International Studies University
Aoran02041109@gmail.com

Abstract

In an attempt to examine the use of discourse makers by Chinese speakers of Second Language (L2) European Portuguese (EP) in oral narrative production, the current study is oriented by two research questions: (1) how is the frequency, distribution and variety of the discourse makers used by Chinese speakers of L2 EP? (2) is L2 proficiency level a potential factor that affects the use of discourse markers in narrative? On the basis of quantitative and qualitative analysis on the empirical data collected from 13 Chinese learners of EP, the results reveal that learners at a higher L2 level tend to produce more discourse markers in narrative, especially the structuring discourse markers. However, when it comes to the variety and distribution of this linguistic term, it seems that the richness of discourse markers does not correlate positively with L2 level and that almost all these expressions occur in the sentence-initial position.

Keywords: discourse markers; narrative discourse; Chinese speakers; Portuguese as Second Language.

Resumo

Tendo como objetivo verificar o uso de marcadores discursivos por falantes chineses de Português Europeu como Língua Segunda (PL2), procede-se ao presente trabalho orientado pelas duas questões de pesquisa: (1) como é a frequência, distribuição e variedade dos marcadores discursivos usados por falantes chineses de PL2? (2) o nível de proficiência em PL2 pode constituir um fator potencial que influencia o uso de marcadores discursivos na produção oral de narrativas? Baseados na análise quantitativa e qualitativa elaborada em relação à data empírica recolhida a partir de 13 aprendentes chineses, os resultados mostram que os aprendentes em um nível de proficiência mais alto tendem a produzir mais marcadores discursivos nas narrativas, sobretudo os marcadores da estruturação. No entanto, no que diz respeito à variedade e à distribuição, parece que não existe uma correlação positiva entre a diversidade dos marcadores discursivos e o nível de proficiência e quase todas as expressões deste género ocorrem no início de frase.

Palavras-chave: marcadores discursivos; discurso da narrativa; aprendentes chineses; Português como Língua Segunda.

1. Introduction

The notion “discourse markers”, albeit with no definition universally accepted, refers to a wide range of linguistic expressions that serve as devices in oral discourse to “manage the interaction (...), to smooth interpersonal relations through politeness discourse strategies (...) and (...) to contribute to discourse coherence” (Lopes 2016: 441). Some examples of this linguistic term in European Portuguese (henceforth EP) are *certo?* (“right”), *ora bem* (“well”) and *porém* (“however”). Moreover, it should be pointed out that discourse markers share some common properties, as suggested by Müller (2005) and Lopes (2016), such as syntactically heterogenous class of linguistic expressions, a range of prosodic contours and syntactic distributions, syntactic independence, lack of semantic content, orality and multifunctionality.

Taken into consideration the features of discourse markers mentioned above, there is no doubt that these linguistic elements fulfil essential functions in communication. For this reason, there have been many studies, since the nineties, which use empirical data

with the aim of describing native and non-native speakers' performance on the use of discourse markers, for a number of researchers on Second Language Acquisition (SLA) have acknowledged the importance of communicative competence in Second Language (L2). That is to say, only knowledge of grammatical rules and vocabulary itself does not suffice and an L2 learner also needs "a large store of procedural knowledge, including that required to fill in its own gaps by drawing on the necessary bits of declarative knowledge and incorporating them seamlessly into one's communicative behaviour" (DeKeyser 2017: 18).

However, despite the fact that discourse markers have become an area of concern in L2 development of communicative competence, the use of this linguistic item by L2 EP speakers is under-studied in the literature (for L2 English speakers, see Hays 1992, Müller 2005, Buysse 2012; for L2 German speakers, see Rösler 1982, Fishcher and Drescher 1996).

In response to the above, the research goal of the current study is to explore the use of discourse markers in oral narrative produced by Chinese speakers of L2 EP with regard to their frequency, distribution and variety. In addition, the study also sets out to examine if the L2 proficiency can be one of the potential factors that affect the use of discourse markers in narrative discourse.

To achieve these goals, the structure of the article is as follows: Section 2 is dedicated to a brief description on some crucial properties of discourse markers, as well as their relationship with L2 development of communicative competence. Section 3 will specify the research questions and introduce the methodology that guides the collection of empirical data used for the current study. Section 4 and Section 5 will present statistical evidence based on the results and discuss the use of discourse markers found in the oral narrative discourse produced by Chinese speakers of L2 EP, concerning the frequency, distribution and variety of discourse markers, according to different L2 proficiency levels.

2. Theoretical background

2.1. Discourse markers: definition, functions and its properties

Taken into consideration different approaches in different theoretical frameworks, the definition of Discourse Markers, term used by Shiffrin (1987), Schourup (1999) and Jucker and Ziv (1998), has been widely discussed from a large range of perspectives, such as Cohesion (for example Halliday & Hasan 1976; Schiffrin 1985; Lenk 1995) and Relevance Theory (for example Blakemore 2002). The cohesion framework, which

focuses more on the textual functions, underlines that discourse markers “provide contextual coordinates for utterances: they index an utterance to the local contexts in which utterances are produced and in which they are to be interpreted” (Schiffrin 1987: 326). However, Relevance Theory pays much more attention to cognitive processes, indicating that discourse markers are the expressions that can “encode a constraint on pragmatic inferences” (Blakemore 2002: 4), that is, the number of possible interpretations can be reduced through the use of discourse markers.

According to Lopes (2016), the concept of this term can include two sub-categories with regard to its polyfunctionality, although both of these subsets (almost) do not alter the propositional meaning of an utterance (Lopes 2016). The first category, also known as “pragmatic markers” (Watts 1988), concentrates more on “(...) the interactional aspects between the participants that are expressed through the use of particles (...)” (Lenk 1997: 2) in an unplanned and spontaneous conversation, such as *certo?* (“right?”) and *olha* (“look”) in EP. The second category of discourse markers is assumed to establish the coherence between different segments of a discourse, which can help the hearer or the reader to form a mental representation of the whole discourse (Schiffrin 1987; Lopes 2016). Some examples of these discourse markers in EP are *porém* (“however”), *efetivamente* (“actually”) and *portanto* (“so”).

Therefore, in this study, we choose to follow the descriptive analyse elaborated by Lopes (2016) exclusively about discourse markers in EP and focus only on the second onset of these linguistic expressions, which seems to be a very plausible option since in the current study the narrative approach will be adopted in order to analyse the use of discourse markers by the Chinese speakers of L2 EP.

As for the properties of discourse markers, several common properties are addressed by Müller (2005) and Lopes (2016), such as syntactically heterogenous class of linguistic expressions, a range of prosodic contours and syntactic distributions, syntactic independence, lack of semantic content, orality and multifunctionality. Between these properties, let us take a look at two individual features that are closely related to the present study: a range of syntactic distributions and multifunctionality.

About the syntactic distribution of discourse markers, they usually occur in the sentence-initial position. However, some may not be restricted to this distribution and can be used in the middle or the end of an utterance, as long as they do not “occur within noun phrases or prepositional phrases” (Lopes 2016: 443), as shows in the following examples with *portanto* (“so”) in EP (Lopes, Pezatti & Novaes 2001):

- (1) a. *Não há ninguém em casa. Portanto, os meus pais já saíram.*
b. *Não há ninguém em casa. Os meus pais, portanto, já saíram.*
c.* *Não há ninguém em casa. Os, portanto, meus pais já saíram.*
“There is nobody at home. Therefore, my parents have already left.”

As for multiple functions, Aijmer (2002) considers that the multifunctionality is one of the fundamental properties through which we can distinguish discourse markers from other linguistic expressions, as she claims: “Discourse particles are different from ordinary words in language because of the large number of pragmatic values that they can be associated with. Nevertheless, speakers are not troubled by this multifunctionality” (Aijmer 2002: 3). In EP, for example, the discourse marker *enfim* (“finally”) can fulfil different functions. See the following sentences taken from Lopes (2016):

(2) a. *E o sucesso desta novela (...) prende-se com pontos tão inequívocos como a boa direção de autores, a utilização de uma história portuguesa (...), enfim, a introdução de um ritmo de trabalho espartano.*

“And the success of this soap opera is the outcome of the director’s role concerning the actores, the choice of a Portuguese story, *and, finally*, the introduction of a spartan rhythm of work.”

b. *Carrego água para o gado, trato do gado, trabalho com o tractor, enfim, faço tudo o que é preciso fazer.*

“I feed and water the cattle, work with the tractor, *well/to sum up*, I do everything necessary.”

As we can observe, the discourse marker *enfim* (“finally”) in EP can be interpreted as a discourse-structuring discourse marker in (2a), which helps to organize and order the discourse segments, or as a summary discourse marker in (2b). Therefore, at this point, the classes of discourse markers in EP will be discussed in the next section.

2.2. Classes of discourse markers in European Portuguese

In an attempt to analyse the use of discourse markers by Chinese speakers of L2 EP, it is decided to follow the existing categorizations of Lopes (2016), which are based on

seven functional categories: elaborative, contrastive, conclusive, justificative, reformulative, summary and discourse-structuring.

Elaborative discourse markers are assumed to provide additional information, specifying the content of the previous utterance. Discourse markers in the contrastive category are considered to mark two distinct discourse relations or two comparable situations. Conclusive discourse markers are thought to lead a conclusion of what has been stated. Discourse markers in the justificative category can introduce an utterance that serves as a justification for what was previously said. Reformulative discourse are used to rephrase an utterance, clarifying the previous discourse segments in order to avoid possible communicative misunderstandings. Summary discourse markers not only can introduce an utterance considered to be a summary of previous utterances, but also “signal that the next utterance is the final part of a discourse sequence on a common topic” (Lopes 2016: 452). The final category, discourse-structuring discourse markers, fulfils textual functions on how the flow of discourse is to be segmented. See Table 1 for a summary of the categories, functions and examples of discourse markers in EP.

Table 1 - Categorization of discourse markers in EP according to functions

Functions	Example items
Elaborative	de facto, com efeito, na verdade, na realidade, a saber, por exemplo, nomeadamente, em particular, por um lado...por outro lado, além do mais
Contrastive	porém, contudo, todavia, no entanto, mas, pelo contrário, ao invés
Conclusive	logo, portanto, então, assim, por conseguinte
Justificative	pois, porque, que, visto que
Reformulative	ou seja, quer dizer, isto é, por outras palavras, ou antes, aliás
Summary	em suma, em resumo, enfim, numa palavra
Structuring	em primeiro lugar, para começar, a seguir, depois, finalmente, por último

2.3. Communicative competence and discourse markers

Referring to research in SLA, many authors agree that when talking about the successful acquisition of a L2, not only learning of different linguistic forms but also how they are used by L2 speakers in communication should be taken into consideration (for example Ellis 1994). From this perspective, the term “communicative competence”, first proposed by Hymes (1972) and later developed by other academics (for example Canale and Swain 1980), has been frequently mentioned in works on SLA. The main components

of communicative competence encompass four categories: linguistic competence, pragmatic competence, discourse competence and strategic competence.

Linguistic competence, according to Liu (2017), refers to “knowledge of pronunciation, vocabulary, morphology, semantics and syntax of the language” (Liu 2017: 482) and it is “the necessary prerequisite for any communication at least to some degree” (Müller 2005: 18). In this sense, the use of discourse markers is related to this competence, since, for example, discourse markers cannot occur within any noun phrases or prepositional phrases, like we mentioned before. However, use of discourse markers is generally thought to be more related to pragmatic, discourse and strategic competence (Müller 2005; Liu 2017).

Pragmatic competence is defined as “an aspect of communicative competence which refers to the ability to communicate appropriately in particular contexts of use” (Jaworski 1998: 249) and can include two components: illocutionary competence and sociolinguistic competence. In this sense, use of discourse markers can contribute to the formation of coherence in discourse, as well as the negotiation of the relationship between the speaker and the hearer. As for discourse competence, it is assumed that language learners should learn to organize and order their discourse segments in various ways, such as taking conversation turns and marking its continuation, succession and conclusion. Therefore, this is no question that use of discourse markers is relevant to L2 speakers’ discourse competence. Concerning the term “strategic competence”, Müller (2005) summarizes that it “manifests itself when non-native speakers use discourse markers to express or to introduce the expression of lexical difficulties (...) or to appeal for the hearer’s understanding” (Müller 2005: 18). Hence, as Liu (2015) claims, use of discourse markers can be a filler or delaying tactic when the speaker meets the difficulty of finding the appropriate or intended expression for a later utterance.

3. The present study

3.1. Research questions

The purpose of this study is to analyze the use of discourse markers by Chinese speakers of L2 EP by observing what discourse markers they used and how they used them in an oral narrative task. In order to achieve these objectives, the current study is oriented by two specific research questions:

(1) How is the frequency, distribution and variety of different discourse markers used by Chinese speakers of L2 EP in a narrative discourse?

(2) If the proficiency level in L2 can be a factor that affects the use of discourse markers in a narrative discourse produced by Chinese speakers of L2 EP?

3.2. Participants

The task of collecting discourse markers in an oral narrative was applied to a sample of 13 participants (n=13). Results from a sociolinguistic background questionnaire, applied to the participants before the task, showed that all the thirteen participants are fourth-year undergraduate students of L2 EP from the same university in Beijing. They are aged between twenty-one to twenty-two years old.

All participants speak mandarin Chinese as their native language (L1) and have learned English in formal instruction setting for at least 10 years in China. As for their European Portuguese language learning experience, all of them have learnt Portuguese as L2 for three years and most of the student shared the same group of teachers during their study which are from mainland China, Portugal and Brazil. Concerning the study abroad context, 12 participants have never been to any Portuguese-speaking country. However, one student had studied in a Portuguese as Foreign Language program in Portugal for 8 months before we elaborated the current study. In addition, all the participants confessed that they are fully motivated to learn the Portuguese language and hope to achieve a good level of proficiency in Portuguese. In this sense, we can assume that there exists a linguistic homogeneity with regard to the participants' sociolinguistic background (such as previous language knowledge, learning context and motivation in L2 learning).

Besides, participants were asked, at the end of the questionnaire, to evaluate their Portuguese proficiency according to the *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL, Common European Framework of References for Languages) and they were divided into three experimental groups based on their self-evaluation: Group 1 with 5 B1 level participants, Group 2 with 5 B2 level students and Group 3 with 3 students of C1 level. The description of the three groups can be seen in Table 2:

Table 2 - Participants' self-assessed proficiency level in European Portuguese

Experimental group	Number of participants	European Portuguese level
Group 1	5	B1
Group 2	5	B2
Group3	3	C1

3.3. Data collection

In this section, two aspects related to data collection of the current study are presented: the procedure of collecting and the processing of data.

Two instruments were adopted to collect data: a questionnaire and an oral narrative task (story retelling). The questionnaire was used to get the sociolinguistic background of all the participants, in which they were asked about their age, university courses, language-learning experience, motivation of learning Portuguese and if they have been to any Portuguese-speaking country. After obtaining the basic information, the students were asked to make a self-evaluation about their level of Portuguese proficiency, the aim of which is to divide the participants into 3 different groups according to their level. The self-evaluation was based on the *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECL, Common European Framework of References for Languages).

As for the oral narrative task, the recording of the narratives took place in September of 2021, in a classroom where there was only one participant and one investigator at the same time. All the members of each group were required to watch the same video. The video was a three-minute fragment of American animation “*Tom and Jerry*”. To avoid any potential influence on participants, there was no dialogue nor narration voice in the video. After watching the animation fragment, participants were told to retell the story within three minutes. Participants all gave permission to be recorded during their narratives, but they were not told about the aim of the study. We’d like to point out that this oral narrative task was totally non-elicited. No instructions or elicitations were given by the investigator, and there was no interaction between the researcher and participant during the narrative. Thus, participants finished the narratives all by themselves.

The data includes thirteen audio files of narratives in Portuguese between one minute and half to three minutes. The files were transcribed into texts by researchers following the transcription conventions of Müller (2005: 281) (see Appendix 1). The investigator identified and marked the discourse markers appeared with bold letters, indicated the frequency of each discourse markers used by different groups, and classified them by their functional categories (Lopes 2016), which are: elaborative, contrastive, conclusive, justificative, reformulative, summary and discourse-structuring.

As to the processing of data, the current study made use of both quantitative and qualitative analysis methods. The quantitative approach helped us to offer an overview of the results by presenting the frequency and variety of the discourse markers used by

each level of participants. Supported by this overview, we can verify if the level of Portuguese could influence the use of discourse markers in such language (Müller 2005; Lopes 2016).

Certainly, we are aware of that this study shares one of the limitations of many discourse markers studies: the volume of sample is small. However, a small corpus has its own advantage, since “a small corpus is seen as a body of relevant and reliable evidence and (...) the evidence is interpreted by the scholar directly” (Sunclair 2001: xi).

4. An overview of the results

In this section, we will present the results that are found in the empirical data. First of all, the total number of tokens and discourse markers produced by the participants was calculated. As we can observe in Table 3, although B1 group produced more words than the other groups (622 tokens), it is C1 group that used discourse markers with the highest frequency in their narrative (12.11%).

Table 3 – Absolute percentage of discourse markers produced in narrative

Level	Words spoken	Discourse markers spoken	
		Total	%
B1	622	64	10.29
B2	544	45	8.27
C1	545	66	12.11

In order to assess the variety of discourse markers produced by the participants of different L2 levels, further analyses were carried out with respect to the percentage of each functional category in each experimental group. Regarding the contrastive and conclusive categories, it is B1 group that produced them with the highest frequency (4.67% and 1.45%, respectively). However, C1 group produced more the structuring discourse markers than the other two experimental groups (7.52%), as in Table 4.

Table 4 – Absolute percentage of different classes of discourse markers produced in narrative

Level	Words spoken	Elaborative		Contrastive		Conclusive		Justificative		Reformulative		Summary		Structuring	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
B1	622	1	0.16	29	4.67	9	1.45	0	0	0	0	0	0	25	4.02
B2	544	1	0.18	12	2.01	1	0.18	1	0.18	0	0	0	0	30	5.51
C1	545	1	0.18	12	2.20	1	0.18	1	0.18	0	0	0	0	41	7.52

4.1. Use of discourse markers by B1 learners

We will now start with B1 level, which encompasses 5 participants. The results are presented in Table 5.

Table 5 - Use of discourse markers of EP in narrative by Chinese speakers of B1 level

Item	Occurrence	Function
1. Mas	28	contrastive
2. E	12	structuring
3. Então	9	conclusive
4. Depois	3	structuring
5. No mesmo tempo	2	structuring
6. Neste momento	2	structuring
7. De repente	2	structuring
8. Em primeiro lugar	1	structuring
9. Simultaneamente	1	structuring
10. Pelo contrário	1	contrastive
11. No início	1	structuring
12. De facto	1	elaborative
13. No fim	1	structuring

Participants of B1 level used in total 64 discourse markers. The most used discourse marker in this group is *mas* (“but”, “however”, etc.), which is used 28 times. The second most used one is *e* (“and”, “besides”, etc.), being used 12 times, followed by *então* (“then”, “therefore”, etc. 9 times), *depois* (“after”, 3 times), *no mesmo tempo* (“at the same time”, twice), *neste momento* (“at this moment”, twice), *de repente* (“suddenly”, twice). Other discourse markers which occur only once are *em primeiro lugar* (“first”, “in the first place”, “first of all”, “to start” etc.), *simultaneamente* (“simultaneously”,

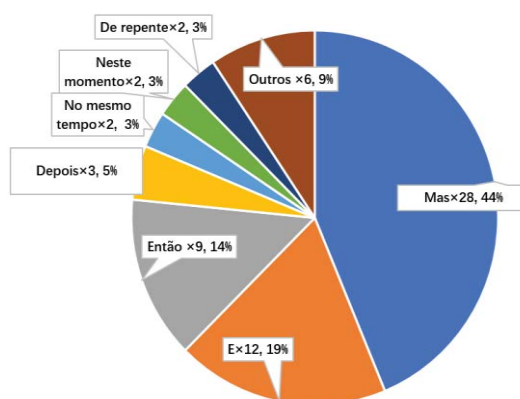
“alongside”, etc.), *pelo contrário* (“conversely”, “on the other hand”), *no início* (“at the beginning”), *de facto* (“actually”) and *no fim* (“finally”).

Concerning the function of discourse markers, participants of B1 level produced four different discourse markers: contrastive, structuring, conclusive and elaborative. As for contrastive, *mas* (“but”) and *pelo contrário* (“conversely”) are selected by this level. As for conclusive, *então* (“then”) seems to be the only choice; for elaborative, students used only *de facto* (“actually”). The structuring discourse markers used by this level include *e* (“and”), *depois* (“after that”), *no mesmo tempo* (“at the same time”), *neste momento* (“at this moment”), *de repente* (“suddenly”), *em primeiro lugar* (“in the first place”), *simultaneamente* (“simultaneously”) *no início* (“at the beginning”) and *no fim* (“finally”).

Therefore, except for structuring discourse markers, the other four categories in this level only contain one item respectively. Therefore, we will now concentrate on structuring discourse markers and see the percentage of each item contained within it. The structuring discourse markers are applied in total 25 times, among which, 48% is *e* (“and”), 12% is *depois* (“then”), 8% is *no mesmo tempo* (“at the same time”), another 8% is *neste momento* (“at this moment”), the last 8% is *de repente* (“suddenly”). As for *em primeiro lugar* (“in the first place”), *simultaneamente* (“simultaneously”), *no início* (“at the beginning”) and *no fim* (“finally”), each accounts for 4%.

To enable better understanding of the data, we also presented the data in Diagram 1 below, which presents each item with its appropriate percentage.

Diagram 1 - Use of discourse markers of EP in narrative by Chinese speakers of B1 level



The three most used discourse markers in B1 level are *mas* (“but”), *e* (“and”) and *então* (“then”). To make the data more convictive, we selected 3 segments respectively in the narrative of this level, in which *mas* (“but”), *e* (“and”) and *então* (“then”) appear most frequently and the transcription is presented below.

(3) a. *Mas* (“but”)

“(…)o gatinho toma, toma um banho na casa de banho, uh **mas mas** o rato, **mas** o rato uh desaparece. Uh neste, neste momento, uh o gato quer, o o o gato quer apanhar este rato, **mas .. mas não... mas não.. mas não.. uh.. mas não viu, mas não viu este rato este rato. (...)**” (Participant 3)

b. *E* (“and”)

“(…) **E...** uh quando o rato uh uh apareceu uh apareceu, uh apareceu, uh... o gatinho.. uh..uh.. fica muito uh refresca **e** uh o rato uh quer fazer amizade com o gatinho(...)

” (Participant 2)

c. *Então* (“then”)

“(…) **Então** o, **então**, o gatinho é .. é enviado uh pelo pelo gato para apanhar este este rato. Uh pelo contrário, ele, ele.. ele quer, até ele quer.. ele quer ser amigo, quer ser amigo com o gatinho. **Então...** uh mas, mas, mas este gato (...)” (Participant 5)

4.2. Use of discourse markers by B2 learners

As for B2 level, we observed a rather different result, which is presented in Table 6.

Table 6 - Use of discourse markers of EP in narrative by Chinese speakers of B2 level

Item	Ocurrence	Function
1. E	21	structuring
2. Mas	8	contrastive
3. No final	5	structuring
4. Neste momento	1	structuring
5. Por isso	1	conclusive
6. Enquanto	1	contrastive
7. Em vez de	1	contrastive
8. Apesar de	1	contrastive
9. Por exemplo	1	elaborative
10. No fim	1	structuring
11. No início	1	structuring
12. No entanto	1	contrastive
13. Como	1	justificative
14. De repente	1	structuring

It is obvious that there are 45 discourse markers registered for this level, among which, *e* (“and”), in contrast to the previous level, placed first with 21 occurrences; followed by *mas* (“but”, “otherwise”, etc.) with 8 incidences and *no final* (“in the end”) which occurred 5 times. Other discourse markers only occur once: *neste momento* (“at this moment”), *por isso* (“thus”, “so”, “then”, “therefore”, etc.), *enquanto* (“while”, “whereas”), *em vez de* (“instead of”, “rather than”), *apesar de* (“although”, “though”), *por exemplo* (“for exemple”), *no fim* (“at the end”, “in the end”, “at last”), *no início* (“at first”, “at the beginning”), *no entanto* (“but”, “however”, “though”), *como* (“as”, “since”), *de repente* (“suddenly”).

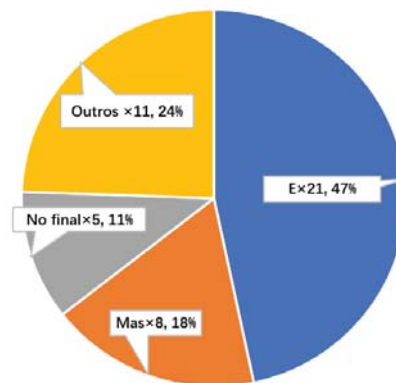
From the data presented in Table 6, it is not difficult to identify that there are five different types of discourse markers used by students of B2 level compared to B1, that is to say, there is no justificative discourse markers in B1 level, but this category took place in the narrative discourse produced by participants of B2 level.

Concerning the frequencies of each class of discourse markers, there are five items containing in contrastive, among which 66.67% is *mas* (“but”). As for *enquanto* (“while”, “whereas”), *em vez de* (“instead of”), *apesar de* (“although”), *no entanto* (“however”), each accounts for 8.33%. Structuring discourse markers in B2 contain 6 items, of which

70% are *e* (“and”), 16.67% are *no final* (“in the end”). As for *neste momento* (“at this moment”), *no fim* (“finally”), *no início* (“at the beginning”) and *de repente* (“suddenly”), each accounts for 3.33%. Conclusive discourse markers in B2 carry only one item: *por isso* (“so”, “then”). Similarly, elaborative discourse markers also carry only one item: *por exemplo* (“for example”). As for the justificative category, there is only one item containing in justificative, namely, *como* (“as”).

Again, to enable better understanding of the data, we have presented the data in Diagram 2 below, which indicates each item with its appropriate percentage.

Diagram 2 - Use of discourse markers of EP in narrative by Chinese speakers of B2 level



The three most used discourse markers in B2 level are *e* (“and”), *mas* (“but”) and *no final* (“in the end”) in B2 level and we selected three segments respectively in which *e* (“and”), *mas* (“but”) and *no final* (“in the end”) appear most frequently and the transcriptions are presented below.

(4) a. *E* (“and”)

“(…)Neste momento uh o.. o rato... uh.. o rato Jerry uh apareceu e .. e .. uh.. e.. per.. perguntou o Tom (...)” (Participant 10)

b. *Mas* (“but”)

“(…) **mas** o rato faz algo para destruir este ensino. E o Tom quero apanhar o rato e, **mas** durante este processo, o rato escrever gatos e ratos são amigos, e o gato quero apanhar o rato, **mas** ele não é inteligente (...)” (Participant 6)

c. *No final* (“in the end”)

“(…) *No final uh no final o... gatinho começou, começou a aprender com o rato e proteger proteger o rato. E... o ao... no final o Tom ficou muito zangado e.. uh continuava a uh... apanhar o Jerry (...)*”. (Participant 8)

4.3. Use of discourse markers by C1 learners

The next level to be analyzed is the C1 level.

Table 7 - Use of discourse markers of EP in narrative by Chinese speakers of C1 level

Item	Occurrence	Function
1. E	27	structuring
2. Mas	12	contrastive
3. Então	11	conclusive
4. Depois	5	structuring
5. Enfim	2	structuring
6. Aquele momento	2	structuring
7. No final	2	structuring
8. Ao mesmo tempo	1	structuring
9. De facto	1	elaborative
10. Por acaso	1	structuring
11. Porque	1	justificative
12. Após	1	structuring

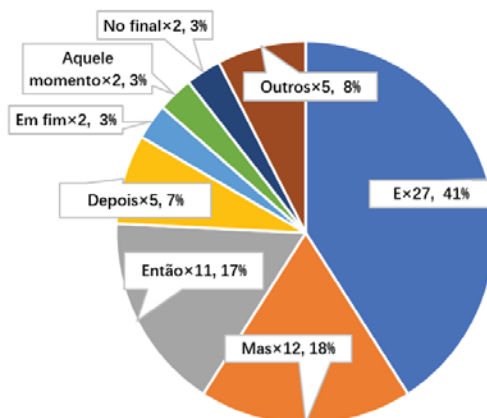
In comparison to the other two levels, this level has the least variation. The overall use of discourse markers is limited to twelve. We can observe from the Table 7 that the most used discourse marker in C1 is *e* (“and”), which occurs 27 times; followed by *mas* (“but”), which occurs 12 times; *então* (“then”, “therefore”, “thus”) was used 11 times, *depois* (“after”, “then”) 5 times, *em fim* (“finally”) twice, *aquele momento* (“at that time”) twice and *no final* (“finally”) twice. Other discourse markers were used only once in this level: *ao mesmo tempo* (“at the same time”), *de facto* (“actually”), *por acaso* (“by chance”), *porque* (“because”), *após* (“after”, “then”).

In terms of the function, we can divide the discourse markers used by students of C1 level into five categories: structuring, contrastive, conclusive, elaborative and justificative. Except for the structuring discourse marker, the other four categories in this level contain only 1 item.

E (“and”) is the most popular one in structuring, with a frequency of 65.9%. *Depois* (“then”, “after that”) takes the second place with a frequency of 12.2%. *Enfim* (“finally”), *aquele momento* (“at that time”), *no final* (“in the end”) account for 4.9% respectively and *ao mesmo tempo* (“at the same time”), *por acaso* (“by chance”), *após* (“after”, “then”) account for 2.4% each.

To enable better understanding of the data, we have presented Diagram 3 to show each item with its appropriate percentage.

Diagram 3 - Use of discourse markers of EP in narrative by Chinese speakers of C1 level



As with the B1 and B2 levels, we selected three segments respectively in which the 3 most frequently used discourse markers in the C1 level, *e* (“and”), *mas* (“but”) and *então* (“then”), appear most frequently and the transcriptions are presented below.

(5) a. *E* (“and”)

“(…) *mas* uh o gato pequeno não ouviu nada e .. uh ao mesmo tempo, o Jerry ocorreu e faz, uh fez uma, uma pausa uh... dentro da.. uh aula do Tom e.. de facto, o gato pequeno quer fazer amizade com o Jerry (...)” (Participant 11)

b. *Mas* (“but”)

“(…) O Tom, o Tom vai à casa de banho para buscar o gatinho e caçar o Jerry, **mas** ele está, **mas** o Jerry é muito inteligente e fica atrás do gatinho para que o Tom não possa ver (...)” (Participant 11)

c. *Então* (“then”)

“(...) *ele é ainda muito jovem, uh mas o gato ajuda uh ajuda-o muito, uh então eles ficaram .. então eles tornam-se amigos (...)*” (Participant 12)

5. Discussion

Although this study did not carry out any test to detect any significant differences between these three experimental groups due to the limited sample size of the corpus, the results mentioned above still offer some interesting points for discussion.

Findings demonstrate that C1 group was found to use more discourse markers in narrative than the other two experimental groups, indicating a general rise in the frequency of discourse markers with increased proficiency in L2. It seems to reflect that these higher proficiency learners of EP may have a more sensitive communicative competence in their ability to mark discourse cohesion with more awareness in their oral narrative production, which could lead us to claim that the number of hours of learning and exposure to the L2 “(...) may provide learners with more opportunities for communication and thus make them more aware of how they express themselves (...)” (Ament & Paré 2018: 501).

The trend was also found when taking into consideration the use of discourse markers in the structuring category. Since the structuring discourse markers may be incorporated into narrative more easily than other discourse marker categories because of their functions in opening/closing of topics, sequencing topic shifts and continuation of or return to topics, all experimental groups were detected to use this class with the highest frequency in comparison with the other classes. However, it should be underlined that C1 group, in this case, also produced more the structuring category than B1 and B2 groups. This finding actually corresponds to those from Wei (2011) and Neary-Sundquist (2014), who claim that advanced L2 learners tend to produce more structuring discourse markers in an attempt to emphasize discourse information and help them become more fluent in L2.

Additionally, if we turn to the interpretation of the results in terms of the contrastive discourse markers, it was found that B1 group produced a higher rate of this class during the narrative production task, which, at the first sight, seems to be opposite to the finding from the corpus that learners at higher proficiency level in L2 EP use more discourse markers. However, when examining the empirical data with precision (see example (3a)),

it might be the case that, learners at lower proficiency tend to overuse the contrastive discourse marker *mas* (“but”) as a filler or delaying tactic when encountering the difficulty of finding appropriate words for a later utterance (Hasselgreen, 2004). Besides, other possibilities that may account for higher percentage of use of the contrastive marker *mas* (“but”) by the lower proficiency groups (mainly B1) can be that “they could be marking greater uncertainty about what they are saying, or they may be overusing this (...) to compensate for the fact that they do not have a command of a greater variety of expression” (Neary-Sundquist 2014: 654).

Hence, in terms of the variety of discourse markers in oral narrative produced by Chinese speakers of L2 EP, the number of discourse markers was relatively limited for all the groups, which occurred from 12 different items at C1 level (which belong to 5 categories) to 14 different items at B2 level (which belong to 5 categories), through 13 different items at B1 level (which belong to 4 categories). In addition, it should be pointed out that none of these experimental groups used any discourse markers in the reformulative or summary categories, which exhibits, to some extent, that Chinese speakers of L2 EP may acquire those two discourse marker classes in a more delayed fashion regarding the other classes. In this sense, this finding probably does not align with those from Neary-Sundaquist (2014), who indicated that speakers at higher level use a larger repertoire of discourse markers than speakers at lower level.

In relation to syntactic distribution of the discourse markers used by Chinese speakers of L2 EP, diversity of syntactic positions was not detected, for all the discourse markers found in the corpus occurred in the sentence-initial position, except only one utterance where the marker *por acaso* (“by chance”) was used in the end. Moreover, it was also found that some speakers, even at higher level, produced occasionally some discourse markers considered to be syntactically ungrammatical in EP, such as **no mesmo tempo* (“at the same time”), produced twice by B1 group and **no final* (“finally”), produced five times by B2 group and once by C1 group.

Taken into account the lack of richness in the different expressions and in the syntactic distribution of the discourse markers used by these learners in narrative, it seems that the use of discourse markers might cause a special learnability problem for Chinese speakers of L2 EP when producing an oral narrative. In fact, according to Ellis (1997, 2002), some criteria for determining the difficulty of grammatical items can be: (a) Linguistic complexity (formal and functional complexity); (b) Reliability of the pedagogical rule; (c) Metalanguage; (d) L1/L2 contrast; (e) Frequency of the grammatical

item in input; (f) Redundancy in communication and (g) Perceptual saliency. As for the use of discourse markers, all of these areas can be possible explanations when it comes to the use of discourse markers in narrative by L2 learners.

More precisely, although discourse markers sometimes may contribute little to the message (redundant features), they are formally and functionally complex in EP, since they are syntactically heterogeneous class of linguistic expressions and can be associated with a large number of discourse functions and pragmatic values. However, the use of discourse markers is seldom taught in formal instructed L2 setting and these linguistic expressions are usually considered to be “secondary, extraneous and optional compared with the necessity of mastering categories such as verbs, nouns and prepositions” (Neary-Sundquist 2014: 653). L2 teachers usually rely on their intuition when explaining them and textbooks even do not offer any reliable rules in relation to the use of discourse markers. From the perspective of input frequency, discourse markers, especially discourse markers in narrative, rarely occur in formal L2 learning context. And even when the input occurs, discourse markers are not easy to be noticed by L2 learners. Nevertheless, further studies should be carried out in order to analyse if the previous linguistic knowledge (mainly L1) affects the use of discourse markers in narrative produced by Chinese speakers of L2 EP.

6. Conclusion and directions for future research

In the current study, two research questions are proposed: (a) how is the frequency, variety and distribution of discourse markers used by Chinese speakers of L2 EP in a narrative discourse and (b) if the proficiency level in L2 can affect their use of discourse markers. Regarding these two questions, the findings showed that in narrative production, Chinese speakers of L2 EP at a higher proficiency level (C1) seem to produce more discourse markers than those at lower levels (B1 and B2), especially with regard to the structuring discourse markers, which could be a sign of increased oral fluency and a more sensitive communicative competence. Moreover, it was found some learners at a lower level (mainly from B1 group) tend to overuse the contrastive marker *mas* (“but”) as a strategy to solve problems such as lack of appropriate expressions.

However, when it comes to the variety and distribution of discourse markers, it seems that the L2 proficiency is not a factor that affects the use, for the richness of these expressions does not increase across proficiency levels in EP. Additionally, the

acquisition of the reformulative and summary discourse markers may be considered to be more delayed in comparison with the other classes.

Faced with these findings, we presume that the patterns of how Chinese speakers of L2 EP use discourse markers are highly related to the pedagogical rules during their L2 learning, including teaching materials, teaching methods and so on. Thus, taken into account the pragmatic values and discourse functions of discourse markers, we here suggest the L2 EP students should be exposed to more real communicative situations.

To confirm our findings of the current study and to learn more about the acquisition of discourse markers by Chinese learners of L2 EP, it is important to do more future researches triggered by this one, that include a much-increased number of participants (which should involve EP native speakers as control group) and a larger variety of tasks, such as interactional conversations or even writing tasks. Meanwhile, to ensure that the data could be analysed more scientifically in the future, some statistic tests should also be applied.

Reference

AIJMER, Karin (2002) *English Discourse Particles. Evidence from A Corpus*. Amsterdam: John Benjamins.

AMENT, Jennifer & PARÉS, Júlia Barón (2018) «The acquisition of discourse markers in the English-medium instruction context». In *Learning context effects: Study abroad, formal instruction and international immersion classrooms*, ed. by Vidal, C. P. et al., pp. 43–74. Berlin: Language Science Press.

BLAKEMORE, Diane (2002) *Relevance and Linguistic Meaning. The Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

BUYSSE, Lieven (2012) «So as a Multifunctional Discourse Marker in Native and Learner Speech». *Journal of Pragmatics*, 44: 1764-1782.

CANALE, Michael & SWAIN, Merrill (1980) «Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing». *Applied Linguistics*, 1: 1–47.

DEKYSER, Robert (2017) «Knowledge and Skill in ISLA». In *The Routledge Handbook of Instructed Second Language Acquisition*, ed. by Shawn Loewen & Masatoshi Sato, pp. 15-32. New York: Routledge.

ELLIS, Rod (1994) *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.

Ellis, Rod (1997) *SLA Research and Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.

Ellis, Rod (2002) «The place of grammar instruction in the second/foreign language curriculum». In *New Perspectives on Grammar Teaching in Second Language Classrooms*, ed. by E. Hinkel & S. Fotos, pp. 17–34. Mahwah: Lawrence Erlbaum.

FISCHER, Kerstin & DRESCHER, Martina (1996) «Methods for the description of discourse particles: Contrastive analysis». *Language Sciences*, 18: 853–861.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, Ruqaiya (1976) *Cohesion in English*. London: Longman.

HASSELGREEN, Angela (2004) *Testing the Spoken English of Young Norwegians: A Study of Test Validity and the Role of “Small words” in Contributing to Pupils’ Fluency*. Cambridge: Cambridge University Press.

HAYS, Paul R. (1992) «Discourse markers and L2 acquisition». In *The Proceedings of the Twelfth Second Language Research Forum*, ed. by D. Staub and C. Delk, pp. 24–34. Michigan: Papers in Applied Linguistics – Michigan.

HYMES, Dell (1972) «On communicative competence». In *Sociolinguistics. Selected Readings* ed. By J. B. Pride & J. Holmes, pp. 269–293. Harmondsworth: Penguin Books.

JAWORSKI, Adam (1998) «Pragmatic competence». In *Encyclopedic Dictionary of Applied Linguistics*, ed. by K. Johnson & H. Johnson, pp. 249. Oxford: Blackwell.

JUCKER, Andreas & ZIV, Yael (1998) *Discourse Markers. Descriptions and Theory*. Amsterdam: John Benjamins.

LENK, Uta (1995) « Discourse markers and conversational coherence». In *Organization in Discourse. Proceedings from the Turku Conference*, ed. by B. Wårvik, S.-K. Tanskanen & R. Hiltunen, pp. 341–352. Turku: University of Turku.

LENK, Uta (1997) «Discourse markers ». In *Handbook of Pragmatics*, ed. by J. Verschueren, J.-O. Östman, J. Blommaert & C. Bulcaen, pp. 1–17. Amsterdam: John Benjamins.

LIU, Binmei (2017) «The use of discourse markers but and so by native English speakers and Chinese speakers of English ». *Pragmatics*, 27(4): 479-506.

LOPES, Ana Cristina Marcário (2016) «Discourse Markers». In *The Handbook of Portuguese Linguistics*, ed. by W. Leo Wetzels, João Costa & Sergio Menuzzi, pp. 441-456. Malden, MA: Wiley-Blackwell.

LOPES, Ana Cristina Marcário, PEZATTI, Erotilde Goreti & NOVAES, Norma Barbosa (2001) «As construções com *portanto* no Português Europeu e no Português Brasileiro». *Scripta*, 5(9): 203-218.

MÜLLER, Simone (2005) *Discourse Markers in Native and Non-native English Discourse*. Amsterdam: John Benjamins.

NEARY-SUNDQUIST, Collen (2014) «The use of pragmatic markers across proficiency levels in second language speech». *Studies in Second Language Learning and Teaching*, 4(4) : 637–663.

RÖSLER, Dietmar (1982). «Teaching German modal particles». *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching (IRAL)*, 20: 33–38.

SCHIFFRIN, Deborah (1985) «Conversational coherence: The role of *well* ». *Language*, 61: 640–667.

SCHIFFRIN, Deborah (1987) *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

SCHOURUP, Lawrence (1999) «Tutorial overview: Discourse markers». *Lingua*, 107: 227–265.

SINCLAIR, John M. (2001) « Preface ». In *Small Corpus Studies and ELT. Theory and Practice*, ed. by M. Ghadessy, A. Henry, and R. L. Roseberry, pp. vii–xv. Amsterdam: John Benjamins.

WATTS, Richard J. (1988) «A relevance-theoretic approach to commentary pragmatic markers: the case of *actually*, *really* and *basically*». *Acta Linguistica Hungarica*, 38 : 235–260.

WEI, Ming (2011) «A comparative study of the oral proficiency of Chinese learners of English across task functions: A discourse marker perspective». *Foreign Language Annals*, 44(4) : 674–691.

Appendix 1 Transcription symbols

Units

Word {space}

Truncated word -

Speakers

Speaker identity/turn start :

Speech overlap []

Transitional continuity

Final .

Continuing ,

Appeal ?

Pauses

Long, medium ...

Short ..

Non-word notations

Filled pause uh, um

Agreement (backchannel). mhm, uh huh

Negation nhn

**O Governador Ferreira do Amaral e Zhiliang
Uma reflexão sobre heróis criados em Macau,
a partir de experiência pedagógica com alunos chineses**

Alda MOURÃO

Politécnico de Leiria

Centro de Estudos Interdisciplinares – CEIS20 da

Universidade Coimbra

alda.mourao@pleiria.pt

Resumo

O trabalho resulta duma experiência pedagógica, realizada com alunos chineses de História de Portugal. Ao abordar o tema do Liberalismo oitocentista, analisamos a nova conjuntura política decorrente do desfecho da guerra civil, em 1834, nomeadamente a relação do Governo de Lisboa com a sua colónia do oriente. Neste contexto, Macau assumiu, a partir de 1848 autonomia administrativa.

Identificamos personalidades conhecidas em Macau, mas não na historiografia portuguesa: João Maria Ferreira do Amaral e “Mi Shen, conhecido por Zhiliang”. Amaral tornou-se Governador de Macau (1846), num período de convulsões mais prejudicado na região do Rio das Pérolas e na China, com o desfecho da primeira Guerra do Ópio (1842).

A atuação política de Amaral, explica o seu assassinio por Zhiliang, (1849). Em simultâneo nasceram dois heróis: a vítima e o justiceiro. O nosso estudo centrou-se nos discursos que se produziram sobre ambos os heróis, em língua portuguesa e em língua chinesa.

Palavras-chave: herói; memória histórica; João Maria Ferreira do Amaral; Macau; soberania.

Abstract

This paper is the result of a pedagogical experience, carried out with Chinese students of Portuguese History.

By approaching the theme of nineteenth-century Liberalism, we analyze the new political situation resulting from the outcome of the civil war, in 1834, namely the relationship between the Government of Lisbon and its eastern colony. In this context, Macau assumed administrative autonomy from 1848 onwards.

We identified well-known personalities in Macau, but not in Portuguese historiography: João Maria Ferreira do Amaral and “Mi Shen, known as Zhiliang”. Amaral became Governor of Macao (1846), in a period of upheaval that was more affected in the region of the Pearl River and in China, with the outcome of the first Opium War (1842).

Amaral's political activities explain his assassination by Zhiliang (1849). Two heroes were born simultaneously: the victim and the vigilante. Our study focused on the speeches that were produced about both heroes, in Portuguese and Chinese.

Keywords: hero; historical memory; João Maria Ferreira do Amaral; Macao; memory; sovereignty

Introdução

No âmbito da UC de História de Portugal, lecionada a alunos chineses, habitualmente fazemos a aproximação dos conteúdos programáticos à História da China. A abordagem que fazemos à implantação definitiva do Liberalismo em Portugal, após a revolução de 1820 e até cerca de meados do século, integra a política colonial do séc. XIX, nomeadamente na Ásia. O Governador João Maria Ferreira do Amaral (1846-1849) é uma personalidade incontornável: pelo seu papel decisivo na instauração da soberania portuguesa em Macau, mas também porque, ainda na atualidade, a toponímia portuguesa da cidade está carregada da sua presença.

Decidimos realizar uma experiência pedagógica, analisando fontes portuguesas e chinesas que se referissem ao exercício do poder de Amaral. Dividiram-se tarefas: pelo nosso lado, desenvolvemos pesquisa de estudos e documentos, em língua portuguesa, sobre este período da História de Macau; aos alunos coube exatamente o mesmo procedimento, mas em textos em língua chinesa. Desta etapa, destacaram-se duas personalidades: o Governador Ferreira do Amaral e um chinês, homem do povo, Zhiliang. No final, o espaço de reflexão sobre as diferenças identificadas, bem como sobre a função ideológica da memória histórica que cria e silencia “heróis”, permitiu desenvolver o nosso objeto de estudo: criação e manipulação de heróis.

O texto começa por apresentar a nossa personalidade central, João Maria Ferreira do Amaral, a geografia e o contexto político em que decorreu a sua intervenção, cruzando, para tanto, o percurso da política colonial no processo de estabilização do regime liberal, em Portugal, com as condições resultantes da ascensão da presença inglesa na China, em particular no delta do Rio das Pérolas. No sentido de suportar a análise dos resultados obtidos, a partir das leituras realizadas por alunos e professora, refletimos sobre conceitos agregadores, como “herói” e “memória histórica”. A “história de vida” dos nossos heróis finaliza com o apagamento e a exposição a que hoje estão votados, um e outro, respetivamente.

1. João Maria Ferreira do Amaral

Em setembro de 1950, o Banco Nacional Ultramarino (BNU), através do departamento da Inspeção Geral do Ultramar, enviou para o Ministério das Colónias o pedido de encomenda de notas de 100 Patacas, para as quais fora escolhida a efígie de João Maria Ferreira do Amaral. Foram remetidos os desenhos da nota para aprovação ministerial. A produção das notas foi interrompida, devido a um ofício desse Ministério, recebido pelo BNU em 2 de julho de 1951. Era, então, requerido que não se utilizasse a efígie de Ferreira do Amaral «por evocar graves incidentes ocorridos há um século», o que faria com que as notas não tivessem uma aceitação positiva da parte da população macaense, tanto a portuguesa como a chinesa (Carvalho 2012). Passados 100 anos, este Governador de Macau continuava a suscitar evidente “incómodo” na colónia asiática, que ele dirigira em nome de Portugal.

Imagem 1:
**“Prova de Nota” (frente e verso) da Emissão de Ferreira do Amaral,
Macau, 1950.**



Fonte: Coleção de Notafilia. Património Histórico — Direção de Comunicação e
Marca Caixa Geral de Depósitos

Quem foi João Maria Ferreira do Amaral? Como se havia tornado um governante de má memória?

Ferreira do Amaral iniciou a carreira militar na Marinha logo a seguir à revolução liberal de 1820. Participou em várias expedições e batalhas, nomeadamente no Brasil, onde perdeu um braço. Participou no desembarque do Mindelo, em 1832, como apoiante das forças liberais, lideradas por D. Pedro. Mais tarde, no início dos anos de 1840, prestou serviço relevante em Angola (*Idem*, 2012), tendo sido deputado desta colónia às Cortes, em 1846. Neste ano foi nomeado Governador de Macau por D. Maria II, cujo reinado foi particularmente difícil, na tentativa de institucionalização do Liberalismo. Internamente, finda a guerra civil (1832-1834), esta era a primeira monarca no poder, após a vitória dos liberais sobre os defensores do sistema de monarquia absoluta, chamados de miguelistas. Fátima Bonifácio (1993), num estudo sobre a instabilidade política vivida em Portugal, entre 1834 e 1851, chamou-lhe um período de “guerra de todos contra todos”, pela falta

de princípios essenciais a um sistema de governo representativo. Vivia-se um tempo pós-guerra civil, sem acordos sobre a Lei fundamental (Constituição), sem cultura política pluralista, sem partidos políticos organizados. Era um tempo em que se registou um sistemático recurso a meios inconstitucionais e violentos de luta pelo poder, que estiveram na origem de sucessivos golpes de Estado. Este era, em traços muito largos, o ambiente político vivido em Lisboa, cidade a partir da qual se registou a nomeação do novo Governador de Macau. Externamente, após a total dependência das autoridades de Pequim e de Cantão no que respeita ao bom relacionamento entre Portugal e a China, visou-se a clarificação da soberania sobre Macau. Tinha-se registado reforço de contactos, com o crescimento da presença de europeus na região do delta do Rio das Pérolas. Hong Kong passara a estar sob bandeira britânica, no culminar da primeira Guerra do Ópio, e a China assinara o primeiro dos “Tratados Desiguais” (Nanquim, 1842). A posição de neutralidade assumida por Portugal, quer na primeira Guerra do Ópio (iniciada em 1839), quer no novo conflito, iniciado em 1843, não tinha favorecido as relações luso-britânicas¹. Esta vizinhança provocou grande prejuízo em Macau, com a entrada e residência de estrangeiros, a instalação de missões diplomáticas, a abertura de portos (Estorninho 1965). A ocupação de Hong Kong pelos britânicos provocou uma rápida reação do governo de Lisboa: “pelo Decreto de 20 de Setembro de 1844, Macau foi libertado da tutela de Goa e colocado na dependência direta da metrópole...” (Serrão 1998). Ganhava prestígio e poder ao encabeçar a nova província, então criada, que incluía Timor e Solor². Mas a quebra do protagonismo comercial na região que Macau registou “tornou-a uma cidade pacata de vida simples e tranquila”, segundo anotou Estorninho, na entrada “Macau” do *Dicionário de História de Portugal* (1965: 861). Se a fundação da vizinha Hong Kong, em 1842, prejudicou a prosperidade e o desenvolvimento de Macau, o triunfo do imperialismo ocidental abriu a possibilidade a que Lisboa refletisse sobre a questão da sua soberania no território. Serrão (1998) lembra a fragilidade da China face aos avanços de países europeus centrados, principalmente, no negócio do ópio. As Guerras do Ópio, marcaram não só o triunfo do capitalismo mercantilista britânico, como também a subjugação da China aos poderes ocidentais.

¹ A relação entre os dois Estados é profundamente analisada por Geoffrey Gunn em *Encountering Macau: a portuguese city-state on the periphery of China*.

² Lembramos que, somente na sequência do protocolo assinado em Lisboa (1887) e pelo Tratado de Pequim (1887-1888), entre Portugal e China, esta declara, no Artº II, reconhecer a "perpétua ocupação e governo de Macau por Portugal". Cfr. *Tratado de Amizade e Commercio entre Portugal e o Imperio da China* ...Lisboa, Imprensa Nacional, 1888, p.7.

Nas palavras de Serrão (1998: 727) “...Só restava um caminho [a Portugal]: o endurecimento das posições”.

É neste contexto geopolítico que se explica a tarefa que Ferreira do Amaral levava de Lisboa. Ele ia com a missão de proceder à plena integração de Macau na soberania portuguesa. Como afirma Serrão (1998: 736), foi no seu governo “que se deram os primeiros e decisivos passos, no sentido de uma progressiva apropriação do espaço político, social e territorial... Numa palavra, foi ele que deu início à verdadeira *colonização* de Macau.”. Na opinião de Claudius Madrolle, um viajante francês que visitou Macau em 1896³ e publicou as suas impressões pouco depois (1902), em Paris, foi reconhecida a sua ação desta forma: “[...] o governador Ferreira do Amaral suprimiu em 1848 a sombra de suserania [chinesa] e os habitantes de Macau passaram a responder apenas à administração portuguesa.” (Sousa 2014:374). Em suma, Macau passou, então, a território de administração portuguesa, sujeito ao poder central de Lisboa.

A atuação de Ferreira do Amaral caracterizou-se por dureza no trato com os residentes locais, o que conduziu a grande mal-estar. Acabou por ser assassinado por um camponês, Shen Zhiliang, em 1849. Assim nasceram dois heróis: o português, vítima da sua grande coragem; o chinês, que limpou a honra de toda a comunidade. Como fator de convergência e reforço de identidade de grupo, passaram a existir dois heróis que a memória histórica registou, como um espelho. Partilharam o mesmo momento de nascimento, em campos opostos dos acontecimentos, mas cumprindo função semelhante.

2. Heróis e memória histórica

Como a História constrói heróis? Para que servem? A quem servem? – são questões muito pertinentemente colocadas, quando emergem novos protagonistas; quando se silenciam ou ignoram tantos outros.

Os currículos escolares e a memória coletiva encarregam-se de difundir uma cultura histórica, por norma vinculada ao sentimento de pertença patriótica (Cerri, Caimi & Mistura 2018). O herói nacional, como uma categoria específica, é o cimento que

³ Ivo Carneiro de Sousa selecionou, traduziu e publicou um conjunto de textos de viajantes franceses, que visitaram a cidade, sobre a qual escreveram as suas impressões, mais ou menos valiosas para o conhecimento da região, no largo período considerado, em vários domínios. Ver: *Descrições históricas de Macau em viajantes franceses (1623-1900)*, Macau: East-West Institute for Advanced Studies (EWIAS), 2014.

solidifica a construção da Nação que representa. Luís Cunha caracteriza-o como alguém que “deve transcender a sua singularidade encarnando o que se acredita serem os valores perenes da nação” (1995:1). O autor chama a atenção para a temporalidade que define o estatuto de ser herói nacional, em função das circunstâncias históricas. Não é uma entidade acabada “para poder ser ajustada a novas necessidades e justificações.” (idem). Esta condição pressupõe a criação de consensos, importantes em períodos de crise, em circunstâncias que levam à procura no seu passado do fermento necessário para cozinhar a “verdade que convém à nação” (Cunha 1995). O preâmbulo do Decreto n.º 21103, de 15 de abril 1932, emanado do Ministério da Instrução Pública ⁴, nas vésperas do início formal do regime do Estado Novo português (1933-1974), justificava a normalização da História Pátria, entre outros considerandos: “Na falta de um juiz infalível [sobre a opinião crítica do historiador]... o Estado, sem se arrogar à posse exclusiva duma verdade absoluta, pode e deve definir a verdade nacional “ (*Diário da República*, p.625). O papel da consciência histórica necessária torna-se uma tarefa mental, pela qual se processa o exercício de atribuir significado ao tempo, ao passado (Rusen 2009), podendo sofrer interferência externa ajustável a condições mutáveis, acrescentamos nós.

Ferreira do Amaral integra-se no grupo de heróis nacionais portugueses que contribuem, tardiamente, para a construção da ideia do “Império”, ao lado de Gama, Cabral, Jorge Álvares, entre tantos outros. Em 1898, aquando do *IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia*, houve uma primeira manifestação, liderada por Camilo Pessanha, para lhe ser erigida uma estátua, em Macau⁵. No *Jornal Único*, publicado nesse mesmo ano festivo de 1898, escreveu Gomes Silva: “Com o nome glorioso de Vasco da Gama engloba Macau nas actuaes festas outros nomes symbolicos da gloria nacional. Levanta um obelisco à memoria de Ferreira do Amaral que a emancipou da tutella secular do celeste império” (p.15). Não se concretizou tal monumento, mas não foi esquecido, como se verifica em notícia de 1924 da *Gazeta das Colónias*. Aqui se lamenta que, desde o ano de 1917, o governo de Macau não tenha concretizado a construção do monumento ao “heroico defensor de Macau”, para o qual já recebera autorização superior, de Lisboa⁶. Ferreira do Amaral, reconhecido em tempos de Monarquia e de I República, esperou pelo período do Estado Novo para que lhe fosse

⁴ Disponível em <https://files.dre.pt/1s/1932/04/08900/06250625.pdf>

⁵ Cfr. José Simões Morais (2018). Ferreira do Amaral e o Passaleão. *Hoje Macau*, 15 junho.

⁶ Disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadasColonias/N12/N12_master/N12.pdf

erigida uma estátua, o que lhe confere a atribuição de estatuto de herói por diferentes regimes. Em 1940, gozou em pleno um tempo simbólico: nesse ano, foi inaugurada a sua estátua, da autoria de Maximiliano Alves⁷, num lugar central de Macau. Deve lembrar-se o ano de 1940 como de celebração do Estado Novo⁸ para melhor se entender a manifestação ideológica do regime na colónia asiática. Isto é, pode aplicar-se à escultura, como expressão do poder político, uma função alargada: “[...] é decisiva a sua inserção no aparelho político e cultural totalitário e a perceção da sua função ideológica e propagandística” (Rosmaninho 2006: 279). Manuela Ribeiro (2000) reforça esta opinião, associando a construção e a inauguração de um monumento, uma estátua, a um momento com significado político. Assim era o ano de 1940: duplo centenário da fundação da nacionalidade (1140) e da restauração da independência do domínio espanhol (1640). Parafraseando a autora, dizemos sobre a estátua de Ferreira do Amaral: “O monumento é [era,] o símbolo da memória coletiva” (2000: 65).

Imagem 2: Estátua do governador Ferreira do Amaral, Praça em Macau



Fonte: Postal Ilustrado, anos de 1960

Durante cerca de 50 anos, o Governador Ferreira do Amaral participou, através da sua presença simbólica no alto do seu pedestal, na representação do poder de Portugal na

⁷ Vide <http://www.parlamento.pt/VisitaParlamento/Paginas/BiogMaximianoAlves.aspx>

⁸ Trata-se da Exposição do Mundo Português, em Lisboa, celebrado pelo regime e gizado por António Ferro.

então colónia asiática. Na verdade, ele era o herói nacional que estava na génese deste poder.

Por seu lado, o outro herói, Zhiliang, integra-se numa dimensão mais regional. Enquanto herói, cumpre as funções que reconhecemos a Amaral, neste caso como protagonista da construção de um passado de matriz colonizado, contrariado por episódios de patriotismo, como o ocorrido em 1849, que faziam perigar o relacionamento entre países. Zhiliang encarnou o sentir e a coragem de um povo para manifestar a sua identidade, a sua cultura. Assumiu maior reconhecimento nos últimos anos, como herói importante para o sentimento de identidade nacional da própria região, principalmente divulgado através de expressões culturais. Em comum, ambos os heróis partilham um longo processo de reconhecimento dos seus méritos, pautado pelo bem maior que era a manutenção de boas relações entre Portugal e a China. Afastam-se hoje por seguirem percursos diferentes em cada um dos contextos: no caso em apreço, Zhiliang é hoje, por exemplo, personagem principal de uma ópera chinesa⁹; Ferreira do Amaral tem a descrição de estátua que embeleza um jardim sem memória histórica.

3. Heróis “em espelho”: metodologia duma tarefa pedagógica

O que sabemos sobre a ação de Ferreira do Amaral? Trabalhos de autores portugueses, publicados em Macau, constituem fonte importante, apesar de pouco numerosos¹⁰. A historiografia portuguesa mais recente, publicada em Portugal, quase o ignora. O *Dicionário de História de Portugal*, (Joel Serrão, org., 1965) uma das mais importantes obras desta área científica produzida durante o regime do Estado Novo, não tem entrada em seu nome e não o refere no texto sobre Macau. Silenciado o seu nome, fica, excecionalmente, a descrição sumária da sua missão no território asiático¹¹. Entre as publicações de *História de Portugal* compulsadas, a obra de Damião Peres debruça-se,

⁹ *A Alma de Macau* ou *A Alma do Mar de Espelho*, texto dramático de autoria de Mok Ian.

¹⁰ Não são numerosos, como escreve Rui Manuel Loureiro, *Guia da História de Macau* (1999): "sobre o governo de João Maria Ferreira do Amaral, polémico Governador de Macau responsável por um importante surto de modernização e de autonomização do território face à China, não existe ainda nenhum estudo recente em língua portuguesa". Monsenhor Manuel Teixeira tem obra publicada sobre aquele governador. Por exemplo, *Macau através dos séculos*, 1977, Imprensa Nacional. Também destaco *Estudos de história do relacionamento luso-chinês: séculos XVI-XIX*, de Saldanha & Alves, 1996, Instituto Português do Oriente; ou ainda, com o mesmo editor, *Sob o signo da transição: Macau no século XIX*, de Alfredo Dias, 1998.

¹¹ A mais antiga referência que encontramos, para o século XX, foi *O significado do govêrno de Ferreira do Amaral em Macau (1846-1849)*, da autoria de Lia Ferreira do Amaral. Coleção Pelo Império. N.º 106. Divisão de Publicações e Biblioteca. Agência Geral das Colónias. Lisboa, publicado em 1944. Sobre a missão do Governador, vide, por exemplo, Manuela Lucas, in José Mattoso, *História de Portugal*, vol.5.

de forma mais alargada, sobre as diligências diplomáticas estabelecidas entre Portugal e a China, bem como sobre a situação criada em Macau durante o governo de Amaral. Sumariamente também refere o seu assassinato¹². O estudo de José Vicente Serrão, incluído na *Nova História da Expansão Portuguesa*, sobre Macau no séc. XIX¹³ é uma verdadeira exceção. O autor recua até ao final do séc. XVIII para fazer um exaustivo contexto não só dos anos de ação do Governador Ferreira do Amaral, do período que se vivia no delta do Rio das Pérolas, mas também do desenvolvimento do urbanismo macaense de Oitocentos.

Em 1846, Ferreira do Amaral vinha fazer cumprir, em Macau, “instruções para tornar a colónia independente das autoridades chinesas” (Peres 1992: 553). A ação era a de tornar claro quem mandava em Macau, o que até então não fora decidido pelas autoridades chinesas. Determinado e corajoso, Amaral mostrou ao que vinha: eliminar o poder chinês e disciplinar os portugueses para os fazer sentir que estavam sujeitos às leis de Lisboa. Assim, encerrou as alfândegas, com a expulsão dos funcionários e o derrube da bandeira e das insígnias da autoridade imperial; proibiu os mandarins de entrar em Macau com símbolos usados na China; ocupou militarmente as ilhas de Taipa e Coloane; colocou a população chinesa sob a dependência portuguesa, nomeadamente com o pagamento de foros pelas suas terras e pela obrigatoriedade do pedido de autorização para construir casa; estabeleceu novos impostos. Para nos aproximarmos das razões invocadas para o seu assassinato, recorremos, novamente, a Serrão (1998: 736): “Numa tentativa para demonstrar que a soberania portuguesa abrangia todo o território da península [de Macau], o seu governo elaborou e deu início à construção de um plano de estradas”. A concretização desta medida obrigava à remoção de muitas sepulturas espalhadas pelos terrenos circundantes. Jurien de La Gravière, militar francês que chegou a Macau três dias após o assassinato do Governador e testemunhou os dias tumultuosos aí vividos¹⁴, apresenta de forma muito clara ter sido este o ato que mais “exasperou os espíritos” da população chinesa. Registou nas suas memórias de viagem: “...de todas as medidas tomadas por este homem energético... Amaral teve a imprudência de provocar este sentimento popular.”. Trata-se de um longo relato, escrito com o olhar de um visitante europeu, sobre os acontecimentos explicativos que antecederam o assassinato.

¹² Damião Peres (dir.), Capítulo II -Domínio português no Oriente, v. 7, p. 537-562.

¹³ Joel Serrão e Oliveira Marques (dir.), vol. X, p. 719-765. Título vol. X - *O Império africano 1825-1890* (coordenação de Valentim Alexandre e Jill Dias).

¹⁴ Edmond Jurien de La Gravière. *Voyage de la corvette "La Bayonnaise" dans les mers de Chine par le vice-amiral Jurien de La Gravière*. Paris: Henri Plon, 1872, p.252 e segs. In Sousa, op.cit.

Tal como em meados do século XIX, também o sentir dos alunos chineses não parece divergir. Leonor, aluna do 3.º ano do curso de Tradução Interpretação Português/Chinês (TIPC), escreveu sobre Ferreira do Amaral:

O que ele fez mais grave, mais sério, mais horrível é que destruiu os túmulos chineses intencionalmente. Na minha pátria, os túmulos da família são os sítios santos, especialmente os dos antepassados. Na opinião tradicional, a morte não é o fim, a sua alma vai iniciar outra vida novamente, o túmulo é a ligação entre o nosso mundo e o mundo dos mortos. Na China, destruir o túmulo da família é a ação mais cruel e horrível. Qualquer pessoa na China nunca permite a ninguém fazer isso.

A questão das sepulturas não era nova em Macau. Um ano antes da chegada de Amaral, em 1845, uma autoridade portuguesa oficiara para Lisboa o seguinte:

. o povo china que habita esta Península sumamente respeitador das cinzas dos seus maiores, desconfiou que a nossa pretensão que eles julgaram nova e estranha se dirija a querermos entender com o grande número de sepulturas que existem entre os muros da cidade e a porta do cerco [barreira que prevenia a expansão portuguesa para a China], para ali edificarmos; o que, se assim acontecesse, seria causa de alguma espantosa revolta¹⁵.

Por esta mesma altura, lembramos que também em Portugal a população se sublevava contra as autoridades que, num esforço de modernização e defesa da saúde pública, construíam cemitérios por todo o país, proibindo o enterramento em espaços das igrejas. Uns e outros, isto é, portugueses e chineses, mostravam estabelecer uma forte relação com os seus mortos.

Por tudo isto, a que se juntava o estilo autoritário e pouco conciliador, o Governador Ferreira do Amaral criou muitos inimigos nas duas comunidades, portuguesa e chinesa.

¹⁵ 26 janeiro de 1845, Ofício do Governador J. Gregório Pegado. In *Colecção de Fontes documentais*. Vol. I, p.352.

Foi assassinado, em 1849, na zona de fronteira entre Macau e a China, nas Portas do Cerco, por Zhiliang, um jovem camponês que teve ajuda dos seus, como relatou, em 1850, José Carlos Caldeira (1852-1853: 112), que chegou a Macau um ano depois deste episódio: “Cortaram-lhe a cabeça e a mão, e sem medo ou precipitação as levaram, passando pela porta do Cerco, onde então havia um posto de guarda chinesa, que a duzentos passos observou pacificamente tudo isto, e deixou passar em sossego os assassinos!”. As autoridades portuguesas reclamaram junto das chinesas a entrega do homicida, bem como das partes do corpo em falta.

De Shen Zhiliang pouco sabíamos, para além do ato de decepar a única mão e a cabeça do Governador. Um ato que ganha contornos agravados, quando sabemos da importância da unidade do corpo para o gozo de uma “outra vida” em pleno. Esta condição de o corpo ter ficado incompleto, mais atemorizou a comunidade portuguesa, como constatou Caldeira (1852-1853).

O objetivo da tarefa proposta visava confrontar a opinião expressa por autores portugueses e chineses, relativamente ao episódio do assassinato do Governador, procedendo a análise de conteúdo dos textos e documentos selecionados, para identificar as formas utilizadas para expressar empatia por Ferreira do Amaral ou por Zhiliang.

O nosso trabalho iniciou-se com uma leitura exploratória para identificação de expressões e vocábulos utilizados. Como lembra Clara Coutinho (2011), após este reconhecimento “é preciso comparar enunciados e ações entre si, para ver se existe um conceito que os unifique” (p.196). Pretendíamos criar categorias, para posterior trabalho de organização de uma grelha de análise, facilitadora de todo o processo subsequente. Através de um sistema de uso de cores, procedemos à organização da informação.

Verificamos a frequência, diversidade e carga valorativa de vocábulos e expressões, no que diz respeito à expressão de ideias e opiniões de adesão ou repúdio pelos actos relatados. Todos os estudantes responderam ao desafio, apesar de a metodologia descrita anteriormente não ser compatível com o nível de domínio de PLE. Isto é, não foram aplicadas à tarefa técnicas de análise de conteúdo a dados qualitativos em que “o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem”, como lembra, Caregnato & Mutti (2006: 682). Os alunos não criaram categorias.

Um número muito considerável de estudantes não conhecia nem Amaral, nem Zhiliang. Os resultados foram muito enriquecidos pela diversidade de fontes utilizadas:

enciclopédia de acesso e construção livres (Wikipédia), motor de busca (Baidu), imprensa local (Macau e Zuhai), manuais escolares, estudos de investigadores chineses. Foi possível fazerem análise do conteúdo dos textos traduzidos de chinês para português, identificando vocábulos e expressões caraterizadoras do governante assassinado e do responsável pelo ato. Na verdade, dado o contexto de turma e objetivos de aprendizagem, ficámos pela análise dos vocábulos e das ideias veiculadas, distinguindo os contextos sociais, políticos e culturais nos quais o texto foi produzido. No final, era pedida uma opinião pessoal sobre o conjunto da tarefa realizada, pelos alunos e pela professora.

Sobre o consulado de Ferreira do Amaral, identificou-se informação e vocabulário partilhados entre autores portugueses e chineses, ao narrarem práticas de exercício do poder: **aboliu** a alfândega chinesa, **cobrou impostos** altos, **decidiu sem autorização** das autoridades chinesas, **expulsou** os mandarins e os seus familiares; **implementou regras radicais e coloniais** para governar os chineses de Macau, **ocupou** mais terras, **destruiu** muitos túmulos, **recusou** o pagamento de vários impostos e rendas às autoridades chinesas. O destaque da ação levada a cabo, através do uso de negrito, visa identificar o sentimento expresso na transmissão da informação.

Para criar o ambiente justificativo da tomada de decisão de Zhiliang de eliminar o Governador, os documentos chineses referem: **ameaçou destruir** os túmulos e **lançar os ossos** no mar, **destruiu o documento legal** chinês de soberania do governo chinês sobre Macau, **escorraçou os funcionários** das Alfândegas da China, **ignorou os sentimentos** nacionais dos residentes chineses, **mandou construir forçosamente** uma estrada, **destruindo os túmulos dos antepassados** locais, **matou** residentes chineses, **prejudicou a soberania** territorial de Macau, **violou o poder judicial** da China.

Numa leitura de texto em português, recorreremos ao *Jornal Único* (1898: 20), assinalando os vocábulos e expressões que reforçam a justificação da ação política desenvolvida pelo governante, criando, por sua vez, o ambiente propício à construção do juízo de injustiça de que foi alvo:

Corria o anno de 1849, quando **foi trucidado** o **benemerito governador** d'esta província João Maria Ferreira do Amaral. A extraordinária **energia e o civismo** de que deu provas na **libertação da colónia** e na **repressão das imposições e abusos** das auctoridades

chinezas, **feriu o orgulho e o interesse** dos mandarins, que exasperados **premeditaram o bárbaro e traiçoeiro assassinato** a que se devia seguir o inteiro **extermínio dos europeus**.

Em 1904, a entrada sobre Amaral, na obra *Portugal; Dicionário Histórico*, reforçava a robustez das suas qualidades:

Amaral foi **assaltado** por um grupo de **seis chins armados** que começaram **barbaramente a acutila-lo** e ao cavallo que montava... e procurando **derrubar o cavalleiro**. Amaral **não esmoreceu**; largando as rédeas da mão, ... e **só com o braço que tinha**, usando do **chicote, sua única arma**, defendia-se, como **um leão**, gritando ao mesmo tempo contra os assassinos¹⁶.

Ambas as apreciações continuam a refletir, na visão dos portugueses, exatamente o oposto que encontramos nos textos chineses: duas leituras duma mesma realidade, encontrada algures na interseção da construção de ambos os heróis. O sentido da interpretação dos diferentes autores reflete a sua identidade nacional (portuguesa/chinesa), os afetos, as crenças, as tradições, as experiências e vivências. Reflete também a ideologia influenciada pelo contexto político-social-cultural do seu autor. A síntese dos dois ângulos de abordagem foi feita por Josefina, aluna do 3.º ano de TIPC, desta forma:

Eu penso que considerar Amaral bom ou mau significa ter duas visões. Uma é do povo chinês sentir que ele agiu mal naquela situação [arrasar túmulos]. Se somos chineses é normal achar que Amaral é mau. Mas por outro lado, se fosse português claro que pensava que Amaral deu benefício a Portugal, desenvolveu muito a cidade [Macau].

¹⁶ *Portugal; dicionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismático e artístico* (p.432): <https://archive.org/details/portugaldiccion00peregoog/page/n431/mode/2up>

Procurar vocábulos ou expressões utilizadas sobre João Maria Ferreira do Amaral e sobre Zhiliang e/ou a comunidade chinesa em que se integrava, levou-nos aos resultados, organizados nas tabelas seguintes:

Tabela 1: Vocábulos/expressões atribuídas aos heróis em fontes de língua chinesa

<i>João Maria Ferreira do Amaral</i>	<i>População chinesa e Shen Zhiliang</i>
<ul style="list-style-type: none">• General de um só braço• Desafiador• Fanático• Colonialista• Promotor de ilegalidades• Cruel• Fez política de invasão• Agiu brutalmente• Soberbo, arrogante, vaidoso• Narciso• Sangrento• Violador de túmulos• Herói de Portugal	<p>População chinesa:</p> <ul style="list-style-type: none">• Sofredora de indignidades• Muito irritada• Humilhada• Resistente às atrocidades <p>Shen Zhiliang:</p> <ul style="list-style-type: none">• Generoso• Justo• Vingador de afronta• Corajoso• Herói sacrificado• Figura notável• Criou realizações heroicas e extraordinárias• Herói da China

Tabela 2: Vocábulos/expressões atribuídas aos heróis em fontes de língua portuguesa

<i>João Maria Ferreira do Amaral</i>	<i>População chinesa</i> <i>e</i> <i>Shen Zhiliang</i>
<ul style="list-style-type: none">• Barbaramente trucidado pelos chineses• Corajoso como leão• Ínclito governador• Benemérito• Mártir da Pátria• Heroico defensor de Macau• Grande português	População chinesa: <ul style="list-style-type: none">• Opressora• Respeitadora dos seus antepassados Shen Zhiliang: <ul style="list-style-type: none">• Vil• Cobarde

Foi notória a carga de vocabulário marcado pela humilhação e injustiça sentida pela população chinesa, nos textos produzidos por chineses. Zhiliang foi a mão justiceira que vingou toda a comunidade, a que se juntavam os antepassados privados de pacificação numa “outra vida”, em virtude da perda do espaço tumular. Zhiliang era um deles, também na sua condição social e económica. A profusão de qualificativos ligados à violência, autoritarismo, arrogância de Amaral é assinalável, entre os autores chineses, alguns dos quais também partilhados por autores europeus e mesmo portugueses; também é lembrado como herói de Portugal, pelos chineses, elevando-o à categoria a que Zhiliang também pertencia. O conflito de valores expressa-se quando autores chineses escrevem que o governante era desrespeitador das tradições, enquanto os autores portugueses consideram a comunidade chinesa respeitadora dos seus antepassados.

As características atribuídas a Zhiliang cabiam perfeitamente na pessoa de Ferreira do Amaral: também ele herói nacional, generoso (para com Portugal), justo, vingador de afronta (instituída pelo exercício do poder das autoridades chinesas), corajoso, herói sacrificado, figura notável.

Serrão (1998) lembra a matriz colonizadora de Portugal em Macau, bem distinta do que ocorreu, por exemplo, em territórios africanos: o reconhecimento de cultura milenar permitiu a aceitação de diferenças num quadro de valores comuns. O autor reforça esta relação, afirmando que “Em relação à comunidade chinesa não se pode falar sequer de uma política de integração, mas tão-só de uma política de sujeição formal, e limitada, à autoridade política” (1998: 739). A reduzida expressão numérica da comunidade portuguesa em Macau¹⁷, por certo justifica o completo silêncio a que os textos chineses a votam.

4. O convívio com a memória histórica – os heróis na atualidade

No século XX, o salazarismo assumiu a importância da atuação do Governador Ferreira do Amaral, transformando-o no herói representado na estátua, colocada sobre um grandioso e elevado pedestal em pedra, que ocupou o centro de uma movimentada praça de Macau, a partir de 1940, como já foi referido.

As autoridades portuguesas, em Lisboa e em Macau, representavam-se politicamente como líderes da paisagem social macaense. Não houve hesitação em ocupar um importante espaço urbano com uma estátua de um governante português que, do cimo do seu cavalo, brandindo a sua espada, desferia golpes sobre populares que o hostilizavam. Na linha do que afirma Fernando Pimenta (2008) sobre a presença portuguesa em Angola, onde esta assumia uma presença euro-africana, em Macau adequava-se a forma euro-orientalista. O local onde esteve a estátua longos anos era (é) conhecido entre a comunidade chinesa por “Praça do Cavalo de Bronze”; para os portugueses era (é) a Praça Ferreira do Amaral. Na toponímia atual mantem-se esta duplicidade, nas duas línguas oficiais.

No início da década de 1990, eram negociados os princípios da transição do território para a China. Em dezembro de 1992, a revista *Macau* (p.199) noticiou:

A estátua equestre do governador Ferreira do Amaral foi retirada a 28 de Outubro de 1992, da Rotunda com o mesmo nome. O apeamento

¹⁷ Os autores são unânimes a reportar dificuldades sobre a demografia de Macau no séc. XIX. Entidades mandarínicas, párcos, viajantes estrangeiros ou autoridades portuguesas publicaram dados sobre a população com critérios dispares. Serrão (1998) deixa um valor estimado para 1847 (p. 751) de 22 500 habitantes, 18 000 dos quais chineses.

da estátua do pedestal, que foi demolido, irá dar lugar à remodelação da Rotunda Ferreira do Amaral que inclui a construção de um parque automóvel subterrâneo. A estátua foi levada para o cais de contentores do porto de águas profundas de Ka Hó, em Coloane, a aguardar embarque para Portugal.

Portugal foi confrontado, então, com o pedido de eliminar a representação desta memória, o que veio a acontecer com alguma brevidade. O que fora “símbolo do pior colonialismo”¹⁸, caía do seu lugar cimeiro alguns anos antes da transição da administração portuguesa para a chinesa.

Quebrou-se o consenso que aceitara a estátua do governante português, à volta da qual toda a população se passeou por mais de 50 anos, alheada da representação da forma como fora conquistado o domínio português que ela representava. Quebrou-se a unidade de uma singular relação entre duas comunidades. Uma nova realidade política fraturou a memória social, construída com dificuldade e persistência por ambas as partes, ao longo de cerca de 150 anos. Em final do século XX partia “a alma” do Portugal colonizador com o fim do estatuto de herói de Ferreira do Amaral, incapaz de se adequar ao novo destino do território.

Após o regresso atribulado a Portugal, a estátua do Governador Ferreira do Amaral desafiou a reconfiguração de um novo discurso político, legitimador do seu estatuto de herói nacional. O regime pós 1974 não alinhou, ainda, o resultado da discussão sobre o tema central e fraturante que Amaral representa e que alguns historiadores têm reconhecido mais recentemente: o colonialismo português. Sem contexto histórico, perdeu a função de exemplo, de que nos fala Cunha (2001), desnudou-se da aura imperial e a estátua ficou limitada à obra de arte, limpa de simbologia. Em 1999, o antigo Governador de Macau foi embelezar um jardim público, no Bairro da Encarnação, em Lisboa.

Em Macau, a sua memória é recuperada na literatura chinesa como personagem que dá e engradece a glória do herói Zhiliang.

¹⁸ Expressão de página de *Memória de Macau*, Fundação Macau. <https://www.macaumemory.mo/index?lgType=pt>

Imagem 3: Zhiliang – herói na ópera *A Alma de Macau*



Fonte: revista *Macao*, march, 2015

A Alma de Macau, texto dramático de autoria de Mok Ian Ian, foi adaptado para a Ópera de Pequim e apresentado em Macau em 2015¹⁹. Em folheto de divulgação deste evento, disponibilizado pelo Instituto Cultural, lia-se:

A expropriação de terras, uma história arrasadora; um grupo de pessoas afáveis de Macau, uma pintura em rolo de episódios históricos passados no sul da China. Macau e a Ópera de Pequim, Oriente e Ocidente; História e realidade, um romance desoladoramente belo sobre o amor pela terra natal, volta ao palco. Em *A Alma de Macau*!

Sabemos ser uma referência ao herói chinês, Zhiliang. Poderíamos aceitá-la sobre o herói português, Ferreira do Amaral, também ele protagonista “dum romance” sobre o amor pela terra natal.

¹⁹ Sobre o assassinato de Ferreira do Amaral, Han Lili, estudiosa da cultura portuguesa, tem um texto profícuo na informação sobre o olhar chinês. <https://www.extramuros.net/2017/12/04/a-alma-de-macau-recordar-a-historia/>

5. Notas finais

A história e a cultura foram o pano de fundo que fez o contexto onde se podem encontrar explicações para a orientação discursiva dos autores dos textos, quer portugueses, quer chineses.

Quando os alunos acrescentaram uma reflexão pessoal ao trabalho de tradução realizado, apresentaram frequentemente a visão de ambos os lados. Não contestaram a opinião favorável a Zilihang, ele é um herói chinês; caso fossem portugueses aceitariam a heroicidade de Amaral. Enquanto aprendentes de língua, história e cultura portuguesas, a que se associa a presença da professora portuguesa, a generalidade dos alunos demonstrou disponibilidade em se colocar do “outro” lado. Para muitos a experiência de vida cruzou-os com portugueses: avós, namorados, amigos, professores. A integração das duas culturas, informal e individualmente realizada, leva-os a assumir parte da identidade portuguesa.

Os distintos olhares que identificámos sobre um mesmo acontecimento decorrem dos dois sentidos de construção do passado, que fortaleceram identidades nacionais distintas, dentro do mesmo pequeno território. Duas construções que se ignoram entre si, tal como a expressão linguística da população de Macau: a colonização excluiu a alfabetização em língua portuguesa. O mesmo princípio foi replicado no que à religião diz respeito: não se verificou a conversão à religião católica, forçada em outras colónias. Assim, não foi possível encontrar em Macau uma única versão do passado: língua, escola, religião, história pátria não convergiram para tal.

Nas personagens em apreço, conhecemos o herói Ferreira do Amaral, que o salazarismo engrandeceu e monumentalizou, através da sua estátua, como símbolo do poder português, da sua ideia de “Império”. Hoje, tornou-se um símbolo desconhecido para a população que o acolhe no Bairro da Encarnação, em Lisboa. Este espaço urbano foi construído nos anos de 1940 e apenas partilha com a estátua ali colocada o regime que os criou e o tempo de criação. No que respeita a Zhiliang, ele foi o herói que as autoridades do tempo puniram com a morte e que o povo chinês tornou grande, porque expressou o sentimento comum da pertença de cultura e valores.

Hoje, a expressão da memória dos acontecimentos registados em 1849 faz-se, principalmente por autores de origem chinesa, na literatura, no teatro e na ópera.

Para concluir, Tim, aluno do 3.º ano, professor de profissão, lembrou o seguinte: “Quando eu era pequeno, muitos residentes de Macau gostavam de comemorar os festivais, como o Festival da Lua, sob a estátua de bronze de Amaral. É muito irónico!”.

Bibliografia:

BONIFÁCIO, Maria Fátima (1993). “Costa Cabral no contexto do liberalismo doutrinário”. *Análise Social*, vol. 28: 1043-1091.

CAREGNATO, R.; MUTTI, R. (2006). “Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo”. *Texto e Contexto Enfermagem*, v.15., n.4: 679-684.
<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>

CARVALHO, Nuno (2012). “«João Maria Ferreira do Amaral», A história de uma emissão de notas em 1849 e 1950”. Lisboa: Gab. Património Histórico da CGD.
<https://www.cgd.pt/Institucional/Patrimonio-Historico-CGD/Estudos/Documents/Joao-Ferreira-do-Amaral.pdf>

CERRI, L.; CAIMI, F.; MISTURA, L. (2018). “A força da cultura histórica: representações de estudantes brasileiros”. *Perspectiva. Revista do Centro de Ciências da Educação*. Vol.36, nº4: 1357-1377.

COUTINHO, Clara (2011). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.

CUNHA, Luís (1995). “Entre ideologia e propaganda: a construção do herói nacional”. *Jornadas Interdisciplinares. Poder Sociedade*. Lisboa: U. Aberta.

CUNHA, Luís (2001). *A Nação nas malhas da sua identidade*. Porto: Afrontamento.

ESTORNINHO, C. (1965). Macau. In Serrão, J. *Dicionário de História Portugal*. Iniciativas Editoriais, vol.II, p.858-862.

GUNN, G. C. (1996). *Encountering Macau: a Portuguese city-state on the periphery of China, 1557-1999*. Westview Press.

HENRIQUES, I. Castro (2020). *Descolonização da História. Portugal, a África e a desconstrução de mitos historiográficos*. Lisboa: Caleidoscópio.

LOUREIRO, Rui M. (1999). *Guia de História de Macau, 1500-1900*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

PERES, Damião (1992). *História de Portugal*, vol. 7. Porto: Livraria Civilização.

ROSMANINHO, Nuno (2006) *O poder da arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa Universidade.

RÜSEN, J. (2009). “Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história”.

Revista História da Historiografia. Nº2 :163-209.

<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12/12>

SERRÃO, J. Vicente (1998.). “Macau no século XIX: um território, dois impérios”. In Serrão, Joel & Marques, A.H. Oliveira *Nova História da Expansão Portuguesa* vol. X. “O Império africano 1825-1890” (coordenação de Valentim Alexandre e Jill Dias), pp. 719-765. Lisboa: Editorial Estampa.

SILVA, J. (1999). Ferreira do Amaral e a reabilitação de Macau. *Revista da Armada: Publicação Oficial da Marinha*. Lisboa: Marinha Portuguesa. Ano XXIX N.º 323: 8-12.

TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, F.; SOUSA, J.(2008). *Comunidades Imaginadas. Nação e Nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa Universidade.

Fontes:

CALDEIRA, C. J. (1852-1853). *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa*. Lisboa: Typ. G M Martins.

Colecção de Fontes documentais para a história das relações entre Portugal e a China (1843-1846). (1996-2000). Macau: F. Macau/Univ. Macau Vol. I.

GRAVIÈRE, Edmond Jurien de La. *Voyage de la corvette "La Bayonnaise" dans les mers de Chine par le vice-amiral Jurien de La Gravière*. Paris: Henri Plon, 1872 [cartes; ill.]. In SOUSA, Ivo Carneiro de (2014). *Descrições históricas de Macau em viajantes franceses (1623-1900)*, p. 235 e segs. Macau: East-West Institute for Advanced Studies (EWIAS).

MADROLLE, Claudius. *De Marseille à Canton, guide du voyageur*. Paris: Comité Asie Française, 1902. In SOUSA, Ivo Carneiro de (2014). *Descrições históricas de*

Macau em viajantes franceses (1623-1900), p. 371 e segs. Macau: East-West Institute for Advanced Studies (EWIAS).

PEREIRA, E.; RODRIGUES, G. (1904). *Portugal; dictionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico*. Lisboa: J.R.Torres,p.430-432:

<https://archive.org/details/portugaldiccio00peregoog/page/n431/mode/2up>

RIBEIRO, M. M. T. (2000). Crise de identidade nacional e a festa da comemoração nos anos 90 em Portugal. *Anos 90*, 8 (13), 63–84. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6716>

Tratado de Amizade e Commercio entre Portugal e o Imperio da China assignado em Pekim pelos respectivos Plenipotenciarios. Lisboa, Imprensa Nacional, 1888

Gazeta das Colónias n.º 12, 30 Outubro de 1924. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadasColonias/N12/N12__master/N12.pdf

Ilustração Luso-Brazileira, vol.I, n.º 7, 17 de Fevereiro; n.º 10, 8 de Março. 1856.

[Jornal Único, IV Centenário Descobrimento Caminho Marítimo para Índia. Macau, 20 Maio, 1898.](#)

Macau (1992) II série N.º 8. Gabinete C. Social do Governo RAEM.

Portugal; dictionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico (p.432). Disponível em:

<https://archive.org/details/portugaldiccio00peregoog/page/n431/mode/2up>

ECOS DA MEMÓRIA

A escrita do como forma de denúncia em *Estátua de sal* de Maria Ondina Braga

Memory echoes

Writing the self as a way of denouncement in Estátua de sal de Maria Ondina Braga

Pedro d'Alte*

Universidade Politécnica de Macau
pedrodalte@outlook.pt

Resumo:

Maria Ondina Braga (1922-2003), escritora portuguesa itinerante e contemporânea, convoca, frequentemente, os temas da viagem e da alteridade para a sua estética literária. A par destas linhas temáticas, a obra em estudo, *Estátua de Sal* (1983), constitui-se como autobiografia romanceada onde a experiência biográfica de Ondina Braga é ficcionada, literarizada e, sobretudo, autoanalisada. O presente artigo, debruçando-se exclusivamente sobre o livro referido, intenta o seguinte: (i) num primeiro momento, revisitar aspetos da teoria literária enquadrando, por um lado, especificidades da escrita do Eu em Maria Ondina Braga e, por outro, apresentando genericamente a obra; (ii) de seguida, dois objetivos primordiais. O primeiro é o de problematizar a *arquitetura da memória*, ou dito de forma diferente, o modo como a memória é estruturada no espaço da narração e partilhada com o leitor; o segundo aspeto relaciona-se com a concretização de uma primeira análise dos excertos textuais selecionados; (iii) num terceiro quadro, o exercício

* Pós-doutorando em Estudos Portugueses, na Universidade Aberta, Portugal. Doutor em Literatura Infantil pela Universidade do Minho, Portugal. O presente artigo resulta do projeto de investigação de pós-doutoramento apresentado à Universidade Aberta e que se intitula “A mulher na literatura em português a Oriente: o caso de Luís Cardoso e de Senna Fernandes”. Membro do Centro de Estudos Globais (CEG-UAb), Literaturas Globais e Hipermedia. Colabora, atualmente, com a Universidade Politécnica de Macau. ORCID: 0000-0001-7264-9106.

explora a revisitação e a partilha do mundo interior da personagem à luz de uma linha de leitura que entende a escrita como espaço de denúncia e de crítica de vetores sociais e culturais.

Palavras-Chave: Maria Ondina Braga, Literatura portuguesa a Oriente, Literatura de Macau, Literatura no feminino, Escrita do Eu.

Abstract:

Maria Ondina Braga (1922-2003), a Portuguese itinerant and contemporary writer, frequently calls upon the themes of travel and otherness for her literary aesthetics. Alongside these thematic lines, the work under study, *Estátua de Sal* (1983), constitutes a novelized autobiography where Ondina Braga's biographical experience is fictionalized, literalized and, above all, self-analyzed. This article, focusing exclusively on the aforementioned work, intends the following: (i) to review aspects of literary theory by framing, on the one hand, specificities of the writing of the I in Maria Ondina Braga and, on the other hand, by generically presenting the work; (ii) then, two main objectives. The first is to problematize the architecture of memory, or to put it differently, the way memory is structured in the space of narration and shared with the reader; the second aspect is related to the achievement of a first analysis of the selected textual excerpts; in a third moment, the exercise explores the revisitation and the sharing of the inner world of the character in the light of a line of reading that understands writing as a space of denunciation and criticism of social and cultural vectors.

Keywords: Maria Ondina Braga, Portuguese literature in the Orient, Macao's literature, Feminine literature, Writing the self.

Introdução

É recuperado, no título, a figura mitológica de Eco. Na versão de Ovídio, Eco é uma bela ninfa, conhecedora dos jogos de sedução entre Zeus e outras beldades. Consciente da repercussão que tais atos teriam caso Hera, mulher de Zeus, descobrisse tal perjúrio, Eco ludibriava Hera, entretendo-a com conversas ininterruptas, dando tempo, a Zeus, para escapar. Quando a artimanha é descoberta por Hera, Eco é punida pela deusa

e vê-se privada da fala. Contudo, é destituída de um modo bastante peculiar: torna-se incapaz de produzir um enunciado original, ficando condenada à repetição das últimas palavras proferidas por outrem¹.

O jogo simbólico, trazido pelo título, adensa-se com a evocação do segundo termo: ‘memória’. Neste sentido, “ecos da memória” aponta para a ideia da repetição de algo, mas, tal como Eco, é uma replicação inexata, pois, em verdade, apenas representa parcialmente, ou seja, consubstancia-se como um fragmento em lugar de um ausente maior.

O parágrafo anterior entrecruza-se, metaforicamente, com o livro *Estátua de Sal* de Maria Ondina Braga² e que constitui uma autobiografia ficcional, um eco de um passado pessoal³. O presente exercício intenta, pela leitura da obra mencionada, teorizar e problematizar, numa primeira parte, a questão da escrita a partir de memórias individuais. Num segundo momento, a intenção é a de explicitar o modo como a memória se estrutura e se partilha na obra para, num terceiro momento, analisar, literariamente, os diferentes tipos de denúncia concretizados pela instância narradora. É de crer que o esforço intelectual se revele oportuno em diferentes vertentes: (i) no acesso à visão interior e crítica de uma voz narrativa feminina, a Oriente, nas décadas do regime de Salazar; (ii) na construção de conhecimento sobre a representação e encenação literárias femininas a Oriente; (iii) na partilha de temas e de imagens apresentados na literatura de Macau; (iv) no contributo para estudos de literaturas no feminino, tão invisíveis ou ausentes nas sociedades de feição patriarcal⁴.

¹ Sobre a ninfa Eco, Hard escreve o seguinte: “To save her fellow nymphs from being caught by Hera while they were dallying with Zeus in the mountains, Echo used to distract her with a constant flow of talk until they could escape. When Hera came to realize that she had been tricked, she curtailed Echo’s power of speech, declaring that the nymph would no longer be able to express any thought of her own, but merely to repeat the last words that she heard from others (Hard, 2004:217).

² Maria Ondina Braga nasce em Braga, no início do ano de 1922. Sai do país natal nos anos 50 para prosseguir os seus estudos e vive, o que se poderia entender, uma vida cosmopolita. Viria a formar-se em literatura inglesa pela Royal Society of Arts, em Inglaterra. Nos anos seguintes, assume funções letivas em diferentes latitudes: Angola (1960), Goa (1961), Macau (1961-1965). Após a experiência em Macau, volta a Portugal, em 1965. Regressaria ao Oriente, em 1982, para lecionar português, em Pequim. A vivência inspira a redação das crónicas intituladas *Angústia em Pequim* (1984). Mais tarde, a convite da Fundação Oriente, viaja para Macau em 1991, registando as memórias do reencontro na obra *Passagem do Cabo* (1984). Para além da atividade docente, é de destacar a colaboração com o *Diário de Notícias*, o *Diário Popular*, *A Capital*, *Panorama*, *Colóquio/Letras* e *Mulher* e, claro está, a sua bibliografia que lista mais de vinte obras publicadas. Na qualidade de tradutora viria a traduzir obras de Anaïs Nin, Erskine Caldwell, Graham Greene, John Le Carré, Bertrand Russel, Herbert Marcuse e Tzvetan Todorov. Falece em Braga, em 2003, com 71 anos (d’Alte, 2021).

³ A transposição da experiência biográfica para a obra literária é visível em variados títulos da autora: *Estátua de Sal* (1983); *Angústia em Pequim* (1984), *Passagem do Cabo* (1994) e, de certa forma, *Nocturno em Macau* (1991).

⁴ Sobre este apontamento, pode ler-se a obra “A outra metade do céu. Escravidão e orfandade femininas, mercado matrimonial e elites mercantis em Macau (séculos XVI-XVII)” de Ivo Carneiro de Sousa e onde se dá a conhecer como a figura da mulher é, histórica e culturalmente, periférica – tanto na China como em Macau (Sousa, 2011).

1. Reconstrução memorialista: dos símbolos às implicações discursivas

Com enorme capacidade de sugerir e de antecipar conteúdo, o título apresenta-se como temático e remático (Jung 1996; Genette 2009). De facto, este exhibe uma ressonância bíblica e, pela intertextualidade e pela universalidade da referência, recupera um episódio relatado no Génesis: a transformação de uma mulher em estátua de sal. No décimo nono capítulo do primeiro livro da *Bíblia*, o leitor pode encontrar: “a mulher de Ló olhou para trás e virou uma estátua de sal” (Gn, 19:26-29).

A ocorrência evocada é o desfecho da fuga da família de Ló da cidade de Sodoma, antro de degradação sexual e moral, segundo a narrativa bíblica. O mesmo relato esclarece que a mulher, anónima e sempre hesitante em partir daquele lugar, desobedece a um mando divino que a impedia de rodar e de se voltar para trás. Assim, quando da fuga e após desobedecer à referida ordem, o Senhor transforma-a em sal, como punição (Edwards 2017:104).

Existe, paralelamente, um outro sentido implicado no título, com ampla carga arquetípica e que se relaciona, sobretudo, com uma outra dimensão: a da memória⁵. Esta significação é obtida pelo acesso ao subtítulo em páginas interiores e pela ficha técnica do livro: “Estátua de Sal, autobiografia romanceada” (p. 4⁶). É, esta, uma atualização que surge seis anos após a primeira edição e que melhor demonstra a intenção de escrita memorialista pela própria autora. O teor metaficcional do acrescento paratextual torna-se mais profundo quando cotejado com uma outra passagem: “Não sei quem foi que disse que um diário equivale a um lento suicídio. Não estou a escrever um diário. Estou é a passar para o papel recordações de tempos idos ocasionalmente misturadas com impressões que vão surgindo” (Braga 1983:87).

⁵ Jung concebe a ideia de um inconsciente coletivo, repleto de símbolos de força universal (Jung, 1996, p. 96). No presente texto, entende-se que o título partilha de tal força, ao evocar, implicitamente, a ideia de “olhar para trás”. Em termos de linguagem, “olhar para trás” é uma expressão linguística que, globalmente, traz a ideia de reminiscência. Em diferentes línguas espalhadas pelo globo, como o português, o inglês (looking back) e o francês (regarder en arrière) todas comportam a mesma aceção de rememoração. Outras línguas, amplamente faladas, mas mais circunscritas geograficamente, tais como a indonésia (melihat kembali), a chinesa (往回看) ou Híndi (पीछे मुड़कर) também possuem sentidos idênticos: a revisitação do passado a partir de um momento presente, sincrónico ao do início da lembrança.

⁶ Por economia textual, sempre que referida apenas a página, a citação refere-se à obra *Estátua de Sal*, editada pela livraria Ulmeiro e cuja primeira edição foi concretizada no ano de 1983. Ainda que existam versões mais recentes do texto – desta obra e de outras evocadas – o facto de residir em Macau e de ter um acesso físico mais limitado a determinados títulos, condiciona a escolha pessoal do acervo a usar.

As linhas citadas trazem um fio de Ariadne para a leitura da obra, lembrando o leitor a concretizar uma leitura à luz de um protocolo de ficcionalidade (Azevedo 2012) e a suspender a mais imediata associação entre narrador e entidade biográfica, Maria Ondina Braga. Ainda que o relato exhiba traços autobiográficos⁷, o que a teoria literária esclarece é que a narrativa literatiza, quando muito, as experiências do escritor, reais ou imaginadas, e que, em rigor, as experiências narradas não são as mesmas situações vividas por Maria Ondina Braga.

Tal como sistematiza Robert Scholes, aquele que lê e escreve é ontologicamente diferente a cada reescrita e a cada releitura. Desta forma, ainda que o ser biográfico seja o mesmo, existe uma distinção entre as entidades: “ao viver condicionado e afetado pelo tempo, o ser ontológico que concretiza a produção e a leitura, ainda que possa corresponder à mesma entidade biológica, não é a mesma pessoa” (Scholes 1989:65). Max Saunders partilha desta mesma ideia, distinguindo o *eu* que narra do *eu* narrado: “This splitting of selves is itself well established in autobiography theory, and we have seen a special case of it in autobiografiction. It is seen as inherent in the structure of autobiographical narrative, if only because of the different phases of the self-involved. Because of the retrospective nature of the form, the ‘I’ that is narrating is other than the ‘I’ that is narrated” (Saunders 2010:512). Por conseguinte, não existe qualquer necessidade de fazer coincidir o *ser de papel* com o escritor. Para o mesmo aspeto, alerta Walsh: “all narrative, fictional and nonfictional, is artifice. Narratives are constructs and their meanings are internal to the system of narrative” (Walsh 2007:14).

A textualização imbrica, pois, a revisitação de episódios biográficos e factuais com uma tessitura literária. O fenómeno tem diferentes implicações. Pode dizer-se que a *escrita do Eu*, em Maria Ondina Braga, faz eclodir uma fenda na conceção de um tempo linear. Ao inscrever-se num espaço dialógico *intertemporal*, no qual passado, presente ou futuro estão à distância de um verbo e, decorrente deste efeito, erodem a sua demarcação e se influenciam, o narrador concretiza um relato no qual: “it belongs to the future as well as the past. It is not something which already exists, transcending place, time, history and culture, [it undertakes] constant transformation” (Hall 2003:236). Decorrente deste

⁷ No sentido estrito da palavra, “autobiografia será a biografia de alguém realizada pelo próprio, de tal forma que o narrador e o objeto narrado sejam equivalentes. Em termos literários, a autobiografia assume algumas regras (sempre passíveis de transgressão) [e que se podem] reduzir ao seguinte: o autor assume a responsabilidade pessoal de criação e de organização do seu texto; o indivíduo revelado ao longo da organização textual é idêntico ao referenciado; admite-se, portanto, a existência real desse indivíduo, de tal forma que essa existência pode ser comprovada publicamente; aceita-se uma espécie de pacto autobiográfico, segundo o qual os acontecimentos relatados são tidos pelo leitor como verídicos” (Lamas 2000:43).

aspeto, verifica-se a desagregação de uma tríade típica e sincrónica entre indivíduo, tempo presente e espaço. Dito de outra maneira, no relato memorialista de Braga, a possibilidade de revisitação rápida, livre e desregrada da memória cria um vórtice espiralado onde se mesclam o tempo de enunciação (presente), o tempo da memória (passado), o tempo da leitura (futuro)⁸, seus espaços ora físicos, ora imaginados e as diferentes identidades do ‘eu’⁹.

No entanto, apesar do fluxo imagético e temporal erráticos, onde convivem, por exemplo, num mesmo capítulo, diferentes cronótopos¹⁰, existem âncoras discursivas, alegóricas e espaciais que situam o leitor. O primeiro interstício espaço-temporal é, porventura, o mais acentuado e funciona, sincronicamente, como mapeamento inicial do ser ontológico e como abertura de uma varanda para si mesmo. Conforme teoriza José Gil, verifica-se a presença de um espaço interior, um parapeito para o *eu*: “o que é o espaço interior? Aquele em que não somente o interior e o exterior “se fundem” e se interpenetram”, mas em que também o sentido decorre naturalmente desse facto: a paisagem exterior, projetada no espaço interior, faz imediatamente sentido” (Gil 1993:10)¹¹.

O espaço exterior parece, pois, potencializar a vertigem do Eu que é, premeditadamente, partilhada com o leitor. O lugar primordial, a primeira paragem da viagem, o espaço *ab initio*, o berço da verbalização é a cidade de Macau. Aqui, dá-se a conhecer a força justificativa e gestante da narrativa: “ando a viver esta ponta de Portugal na China com tal perscrutação e sentimento como alguém a fazer exame de consciência

⁸ O texto literário tem uma natureza defectiva. Como escreve Aguiar e Silva, “sem a nossa leitura, [o texto literário] terá sempre uma existência defectiva, pois que nenhum texto fala por si (Aguiar e Silva 1989:182). A ativação de possíveis sentidos, pelo leitor, será sempre em momento ulterior à produção, podendo falar-se, nesta lógica, de um certo ascendente do autor sobre o leitor. Conforme esclarece Reis, o enunciado criado pelo autor é, num primeiro momento, unidirecional, na medida em que o leitor não pode responder de imediato, isto é, não há qualquer *feedback* sobre o enunciado. Tal facto, acentua a primazia do autor no que respeita ao plano estético, cultural e ideológico (Reis 2008:119).

⁹ Na escrita do eu, o sujeito assume a escrita e torna-se, a si mesmo, objeto do texto que escreve. Verifica-se, no processo, um desdobramento do eu, oscilando entre entidade autotélica e um *outro* que é contado e analisado, criando-se como que um “nós” relacional.

¹⁰ Evoca-se Bakhtin (1986) e o conceito de cronótopo onde se associa a dimensão espacial e temporal. Também em *Estátua de Sal*, o cronótopo surge bem definido em diferentes pares: os tempos da infância em Braga; do juvenil trabalho como *au-pair* em Inglaterra e de uma idade mais adulta, já professora, em Goa e, mais detalhadamente, em Macau.

¹¹ Pela percepção, o ser ontológico acede ao meio em que vive, intentando e visando a criação de um reportório de relações definidas, localizadas, racionalizadas e, desse modo e para esse sujeito, visíveis e inteligíveis (Merleau-Ponty 2011; Romdenh-Romluc 2011). Admitindo que o ser típico possui a habilidade dual - da consciência e da fisicalidade corporal-, para compreender o seu mundo, é inegável, também, que o faz a partir de uma perpetuamente renovável varanda de si mesmo, na qual os estímulos externos se (re)processam e se (re)atualizam no espaço interior e individual que corresponde ao saber do próprio sujeito.

na véspera de morrer” (Braga 1983:5). No breve excerto, percebe-se a itinerância, a viagem, a alteridade e a finitude como motivos de escrita. Nas palavras de Martins,

o rizoma da relação múltipla com o Outro alimenta a inspiração de vários escritores-viajantes contemporâneos, como Maria Ondina Braga. Por outras palavras, a identidade é nesta escrita tecida na relação com o Outro e o diverso, sem esquecer as suas origens, mas sempre hostil ao espaço fechado, antes vocacionalmente permeável a outras ligações e horizontes culturais, pois em última instância o Ser é relação num mundo em movimento constante (Martins 2021:299-300).

O tema da movimentação opera, pois, como elemento catalisador e influenciador da escrita, revelando um certo ascendente de um cariz nómada, de uma ausência de chão, no sentido de ancoragem, de demora e de pertença - tal como é referido no roteiro à fotobiografia de Maria Ondina Braga, dedicado pelo sobrinho Luís Soares Barbosa e que recupera, precisamente, uma frase da tia que lhe ecoava na memória: “que nem para morrer há um lugar”¹². A frase ilustra, segundo o mesmo, que a tia desconsiderava a importância das raízes¹³. No entanto, sem que daqui se retire qualquer importância à carga sentimental e simbólica, resta importante referir que cada lugar, sobretudo Macau¹⁴, se assume como um elemento preponderante para a narrativa. E é, de máxima importância para o presente ensaio, ver o modo como o espaço se afigura como elemento estruturante da memória e como suporte de leitura para o leitor, conferindo como que uma organização interna para a narrativa – aspeto ao qual se dará importância no ponto seguinte.

2. A rememoração em *Estátua de Sal*: intenção, organização e partilha

No que tange o efeito de rememoração em *Estátua de Sal*, as memórias perpassam diferentes geografias. Nas páginas iniciais, pode ler-se:

¹² O texto, que celebra o centenário do nascimento de Maria Ondina Braga, pode ser lido no seguinte espaço: <https://setemargens.com/que-nem-para-morrer-ha-um-lugar/> [consultado a 3 de janeiro de 2023].

¹³ Em *Estátua de Sal*, uma frase resume, dir-se-ia inequivocamente, o expressado: “Donde é que vim que não guardo saudades de nenhum lugar?” (Braga 1983:78).

¹⁴ Metaforicamente, a cidade chinesa começa por demarcar duas diferentes áreas: a do silêncio e a da fala.

Palmilhei capitais europeias. Sonhei nas terras úberes de África os mais puros, os mais ardentes sonhos telúricos. Nasci numa cidade sossegada com pedras do tempo dos romanos e Nossas Senhoras de todos os nomes. E não posso esquecer Paris – a sedução, o charme de Paris, na grandeza dos Campos Elíseos ou nas ruelas cosmopolitas e boémias de Saint-Michel. Tenho também de lembrar o perfil dos monumentos de Londres por entre os véus do nevoeiro ou o chuvisco gelado. Tenho também de confrontar Angola com Macau para ser que há sangue e saber que há sono. Mas, acima de tudo, quero encontrar-me comigo (Braga 1983:6).

Curiosamente, para além da já referida dimensão fulgurante da temática da viagem, urge destacar a última frase, tão reveladora de um cariz programático duplo, de vida e de escrita, que pauta toda a obra (Pereira 2015). De facto, na escrita, sente-se um pulsar que canaliza a força etérea do ser rumo a uma viagem de descoberta, de gnose e de revelação: “Despi-me. Abri o chuveiro. Ele entrava e saía, tirava embrulhos do guarda-fato, estendia um tapete. Não era ninguém. Um autómato, talvez. E eu? Quem era eu? (Braga 1983:45). A procura pela resposta, ainda que intangível, faz a escrita narrativa de Braga avançar e, sincronicamente, partilhar das seguintes características:

La décision initiale des écritures du moi exprime le vœu d’une remise en jeu de l’existence, sous l’effet d’une nécessité intime, d’un désaccord entre le sujet e sa vie propre. Un individu, jusque-là satisfait de se laisser aller jour après au fils du temps comme la plupart des hommes ressent la nécessité, à la suite de telle ou telle circonstance intime de marquer un temps d’arrêt, de prendre du recul, et de tenter de regrouper la matière éparpillée de son être personnel. Ce besoin d’un nouveau contact de soi à soi corresponde à une intention critique. Le sujet se demande s’il n’a pas perdu son temps, gaspillé sa vie, anxiété ou angoisse suscitant un besoin de récapitulations avec désir latent de justification (Gusdorf 1991:257).

Os excertos citados assumem-se fulcrais porque permitem identificar uma busca transversal pela ipseidade do Eu por meio do recurso à memória e pelo confronto com o passado. Completando a observação, em diferentes momentos, o leitor pode aceder a reflexões sobre o modo como o exercício é concretizado, como o passado é revisitado e

é partilhado. Com efeito, chegada a quinquagésima página da obra *Estátua de Sal*, pode ler-se, no seu término, um vislumbre do processo composicional estético-literário: “Horas compridas. Tempo de anotar tudo: o que a memória ressuscita (ou reinventa), o que o peito gastou de entesourar” (Braga 1983:50).

Conforme se lê, a reflexão sob o signo da metaficção, ainda que breve, desvenda a consciência de vários aspetos sobre o relato, sobre o trabalho a partir da memória: o esforço de relembrar; a subjetividade pessoal no processo seletivo e a (re)invenção¹⁵. Ainda que, em dados momentos, se leia o desmando no pensamento que corre livre rumo ao passado, “não sei porque artes me vem à ideia a Ventaneira” (p. 106), é legítimo supor que, para que o eu-narrador se mantenha no espaço-tempo da memória, exista um esforço consciente de *relembramento*. Tal é passível de ser lido em expressões como “E teimo na minha terra: as ruas de Braga” (p. 130) ou “Se um dia soubesse contar das minhas viagens e das pessoas que nelas conheci, penso que teria um assunto de romance” (p. 155).

Outras passagens implicam a mesma intenção e, também, um efeito de credibilização da memória: “Mas o que não posso esquecer é aquela manhã de ar muito nítido e de céu a receber-me na porta da rua como um abraço de nostalgia. Muito antiga, essa manhã. Todo familiar, um céu assim. O meu último dia na Escócia. Tinha posto um fato elegante de lã cinza-claro, saltos altos, cabelo entrançado” (p. 33); “Foi no último dia de um Agosto ardente que meu pai adoeceu de morte. (...) A mim não mais se me apagaram da lembrança aqueles tempos: o médico vinha duas vezes por dia (de luvas claras, à noite, a caminho do casino do Bom-Jesus) (p. 90).

A natureza dos episódios, marcadamente fraturantes para o Eu-narrador, concorre para uma pretensa fidedignidade da memória e para o adensamento do efeito de verosimilhança. Podem, neste tópico, elencar-se os seguintes fragmentos:

- (i) a morte do pai e o arranjo do cadáver: “manhãzinha, despertei com o martelar abafado dos cangalheiros que nas paredes da sala pregavam os panos de luto, e com os gritos histéricos de uma das tias. Levaram-me a vê-lo. Tinha um lenço atado nos queixos” (p. 92).

¹⁵ Para se problematizar este ponto, é preponderante esclarecer propriedades da memória humana. Neste caso, o leitor está perante a memória episódica que retém experiências pessoais associadas a um espaço-tempo quando da sua aquisição. A memória episódica recorda o evento e a experiência subjetiva do sujeito. Um ser com amnésia não consegue projetar-se no passado e no futuro. A memória episódica permite, pois, uma viagem mental no tempo, de forma consciente, manifestando o sujeito, ao longo do processo, consciência de si mesmo, da sua existência (Tulving 2002; Rosenbaum *et. al.* 2005).

- (ii) as chegadas e as despedidas: “Perguntei ontem à alemã, que se vai embora, se lhe custava deixar Macau. Disse-me que sim, prontamente, começando a falar das boas recordações” (p. 76); “Paris, ao contrário de Londres, dava-nos a beleza espontânea, fácil, sem ser necessário persegui-la” (p. 84); “Hong-Kong. Asiáticos pequenos, amarelos, de olhos apertados. Ingleses de pele encarnada, membros angulosos” (p. 100).
- (iii) a fuga de Goa: “Quando cheguei a Hong-Kong, fugida de Goa, havia coroas de azevinho, com laços garridos, nas portas dos quartos do hotel britânico onde me instalei” (p. 44);
- (iv) ou aspetos demasiado particulares e altamente contrastantes do *outro*: “no mercado de Pangim, as mulheres de brinco a pender na narina e boca escarlata de mascar a folha de bétele vendiam inhome” (p. 125); “transbordando da terra para a água, Macau alonga-se em ruas de juncos e lorchas – uma cidade balouçante, de chão metade rio, metade mar, onde vivem milhares de chineses, famílias inteiras, cada qual com o seu cão, seu gato, sua criação, passarinhos” (p. 150); “Aquele chinês que trincava as pevides de melancia mais rápido do que os outros tinha também o mais bonito ramo de flor de pessegueiro. É médico. De manhã, vem de pijama atender os clientes” (p. 47).

Entre memórias, tempos e espaços, o relato apresenta-se desarranjado temporalmente, cabendo ao leitor a sua esquematização em torno de lugares-tempo. O processo é auxiliado, pois existe uma intencionalidade prévia de partilha. Ou seja, o exercício intencional de revisitação do passado revela-se colaborativo porque nenhuma memória se dissocia do espaço, organizando-se, numa espécie de arquitetura da memória onde a idade do Eu-narrador e o lugar são as grandes referências organizacionais, estruturantes e, como se percebe, são explicitamente evocadas e contextualizadas.

Reveladas as principais características técnicas e compositivas da escrita em *Estátua de Sal* e, abordadas, sistematicamente, algumas das implicações da escrita do Eu, reserva-se, para o terceiro ponto, a análise textual que permite ler a escrita de Maria Ondina Braga, em *Estátua de Sal*, como espaço de denúncia. Dito de outra maneira, serão

postas em evidência as passagens narrativas que permitem aceder à visão interna do eu-personagem sobre questões dominantes como a religião, o patriarcado ou outros fenómenos sociais relevantes.

3. A escrita do Eu como espaço de crítica e de denúncia em *Estátua de sal*

O eco da memória em Ondina Braga surge como uma atitude consciente de rememoração e, como a própria escreve, de luta, de reivindicação do Eu: “ou me volto toda para trás (fique embora transformada em estátua de sal) ou me perco neste mundo remoto, como que eterno, de uma raça sem idade” (Braga 1983:6). A breve declaração inicial, destituída de qualquer hipótese de felicidade, relaciona-se, toda ela, com a busca e com a afirmação da identidade singular, o grito da diferença em demarcação do outro¹⁶, sobretudo o outro que é imutável, de face coletiva e que não se deixa conhecer¹⁷: “Mas o que eu sei de certo – e penso que isto representa uma das principais atracções do Velho Mundo – é que pode um europeu aqui habitar durante dez, vinte, cinquenta anos, estudar a Língua e a história destes homens, viver com eles todos os dias, que jamais há-de saber quem eles são” (Braga 1965:102).

A caracterização do gesto de rememoração é, como se adiantou, sombria, sofrida e disfórica. Efetivamente, o primeiríssimo *jogo de espelhos* revela: “Haverá alguém mais triste do que eu?” (p. 14). Gradualmente, emerge a paródia cínica, o riso cáustico e o delineamento mórbido que conferem, à narrativa, passagens de uma toada fantasmagórica e de ambiente mortiço. Sobre este aspeto, Simas e Marques entendem que a escrita evidencia traços de “tanatografia”: “aquela cujo centro é o espaço da morte, simbólico ou real, sentido como o de busca por uma identidade perdida para sempre” (Simas & Marques 2016:72).

Fica por esclarecer se a aura negra decorre de traços idiossincráticos da personalidade, da experiência de vida, da consciência da finitude, do gosto pelo

¹⁶ Levinas escreve: “To be I is, above and beyond any individuation that can be derived from a system of references, to have identity as one’s content. The I is not a being that always remains the same, but is the being whose existing consists in identifying itself, in recovering its identity throughout all that happens to him” (Levinas 1969:36).

¹⁷ Ana Cristina Alves, na obra *Cultura Chinesa, uma perspectiva ocidental* esclarece a assimetria no entendimento do sujeito e que tal tem implicações, por exemplo, ao nível de ideais de justiça: “É claro que a valorização da harmonia, particularmente da social, levanta problemas quando se passa ao nível individual. Onde não existe debate e confronto e não se valorizam as perspetivas individuais e os estilos próprios, não se pode esperar grande atenção aos valores mais prezados no Ocidente, como sejam os da liberdade individual e os direitos humanos” (Alves 2022:23).

tratamento destes temas ou da articulação entre todos os fatores. Porém, independentemente de tal facto, é inequívoco que o estado anímico do narrador é conducente a uma atitude de libertação, metaforizada, desde logo pela tomada da palavra contra a força do silêncio. Intencionalmente, a personagem não sairá desta vida calada, sem contar os males do mundo e, sobretudo, os seus próprios demónios.

Se o primeiro momento de caracterização é feito em oposição às figuras do Presente e do Oriente, outros jogos emergirão em dinâmicas de fronteira, mas com a mesma força disruptiva. Um possível bloco inicial de reflexão pode construir-se ao redor da religião e dos seus traços identitários. Após a fuga de Goa, nas ruas de Hong Kong, o eu-narrador assume-se um espectro entre culturas: “Sentia-me eu própria um fantasma. De um lado, a onda sôfrega da multidão. Do outro, a ironia das ornamentações do Natal europeu, o escarlate e o ouro dos anúncios sínicos, os motivos asiáticos. A envolver-me o encontro das luzes com a água, o cheiro do mar” (p. 46). O desfecho do percurso eclode num sem-sentido de esvaziamento onde até as emoções mais antagónicas se confundem, transmutam ou se ironizam¹⁸: “–É cristã, não é? Temos católicos e temos protestantes. Reunião de Natal, amanhã. Dê-nos o prazer. Fiquei a olhá-la, quase com pena dela. Como a iludia! Eu que não era nada. Depois, já no quarto, a porta fechada sobre o Natal inglês e o mundo lá fora, desatei a rir. Bem podia ter chorado” (p. 46).

A existência de um hiato entre hetero e autoimagem cria desconfortos internos e revela que a personagem surge habitada de solidão e de silêncios contidos¹⁹, caminhando entre ritos edificados e poderes seculares que cerceiam a liberdade e desejos disruptivos de experimentar o sabor da transgressão (Lima 1989). Ora o próprio desejo de transgressão tem que ver, inúmeras vezes, com a falta de reconhecimento de sentido, de lógica, de verdade ou de autenticidade. Leia-se a crítica à reza instrumentalizada, meramente utilizada para combater um medo ignorante: “o estampido do trovão. Parávamos a meio da partida de dominó, curiosos e descrentes. Rezar para quê, se não é o Senhor a ralar? Se nem tem nada a ver com Ele? – Tudo tem a ver com Ele. Mais respeito. (...) Novo relâmpago. A sem-vontade de rezar. E porquê o medo? Trovoada de verão, assim mesmo: de supetão e seca” (p. 74). Também a convivência com Mrs. Mills,

¹⁸ Outros exemplos se podem encontrar: “No entanto, ao contrário do que senti à hora do almoço, não me apeteceu rir. Chorar acho que era o que estaria bem” (Braga 1983:79).

¹⁹ Na opinião de Isabel Pires de Lima, este esforço de conter é, ele próprio, “o traço primordial das personagens da autora, de modo que parece constituir a própria essência da condição feminina” (Lima 1989:11).

em Inglaterra, e muito particularmente as manhãs dominicais atestam o que se tem vindo a afirmar:

Na igreja, mal me ajoelhava. Para quê esforço ali também? (...) Em vez de rezar, de adorar, de oferecer, era abrigo o que eu nesse tempo procurava na igreja. (...) A essa hora Mrs. Mills preparava-se para a *high-mass* na catedral. Ela costumava ir quando não tinha visitas, e, de regresso, elogiava muito os cânticos. Parecia até que ia lá só por causa do coro. Eu comparava as nossas religiões. Ambas visitávamos a casa de Deus egoistamente, sem nenhuma rectidão: eu, por um conforto ético; ela, em busca de um conforto estético. Católica eu, protestante ela, ambas havíamos recebido a mesma herança de amor e não nos amávamos (Braga 1983:64).

Verifica-se, no material lido, um confronto corrosivo da diferença entre a fé artificial, exterior e de mostrar, e a verdadeira, interior e de sentir, e que resvala, inevitavelmente, para atitudes incongruentes, destituídas do verdadeiro espírito religioso: “em chegando a Sexta-Feira Santa, a mãe dizia para ficarmos tristes. O seu rosto compenetrava-se. Vestia de escuro” (p. 94). A crítica às práticas religiosas não se limita ao ambiente familiar. Também instituições de ensino católicas são visadas, questionando-se-lhes o uso do dinheiro: “Hoje, não dei aulas. Estou doente. Doente, sim, de revolta. Até me envergonho de dizer quanto ganho. Colégio católico, de religiosas, mais de mil alunas, as filhas de chineses ricos, as filhas do governador!” (p. 166).

A denúncia da falsidade humana pode também encontrar eco no relato das condições de vida dos leprosos – marginalizados em Hác Sá, zona remota de Coloane²⁰: “Os leprosos nas suas casas de morro. Eu tinha-os visitado. As velhas sem dedos, sem nariz, sem orelhas, mantinham cães, gatos, com as sobras do jantar. A rapariga que usava cabaia elegante, exibindo as coxas, guardava no rosto a marca da doença e as suas mãos de unhas pintadas eram claras e finas como pétalas” (p. 87). Curiosamente, a voz narradora, pretensamente mais afastada da Fé, é quem exhibe verdadeiras coordenadas

²⁰ Coloane é a zona geográfica mais distante do centro de Macau. À época do relato, configurava-se como lugar de difícil acesso. O seu carácter remoto e a irregularidade da encosta permitiram abrigar, até início do século XX, inúmeros piratas (d’Alte 2022).

humanistas ao visitar os leprosos e ao ocupar o pensamento com este drama humano - ainda que pouco lhes possa valer:

os leprosos em Coloane. (...) Fui vê-los. Homens, mulheres. Ficou-me, porém, a impressão de ter ido a um lugar fora do mundo ver fantasmas de homens e de mulheres. O pôr-do-sol no morro. Rostos deformados, braços ulcerados acenando adeus. Como se deixássemos para trás uma grande fogueira e aquela gente a consumir-se nela. Como se o fim do mundo começasse ali, todos os dias, a imolar nesses escolhidos toda a corrupta humanidade. (...) Continua a chover. Como será o morro dos leprosos em dia de chuva? Os pés inchados, disformes, dessa gente renegada do mundo hão-de imprimir pegadas sangrentas na areia amolecida. Talvez que algum deles cante também com a chuva uma canção monocorda (Braga 1983:104-105).

A empatia pelo próximo, pelo humano, vai adquirindo uma centralidade na atitude pessoal do eu-narrador que denuncia a *húbris*, os ociosos e ancestrais poderes, assim como os silenciamentos por eles permitidos: “as Pirâmides pareceram-me a própria pedra em exaltação, como se mãos humanas lhe não houvessem tocado, como se fosse tudo obra dos ventos do deserto. Estremeço. E os dez mil escravos debaixo das pedras para aqui arrastadas das margens do Nilo?” (p. 129). Um outro episódio, a par deste, é marcadamente forte. Contrariamente à trupe que segue sem se comover, a narradora concretiza o seguinte:

À porta do pagode, música e teatro chinês. Numa azáfama, as tancareiras levando forasteiros aos palácios do mar. E, à proa dos tancares pintados de novo, as luazinhas das candeias vermelhas a multiplicarem a noite. Foi então que parei contra o fluxo da corrente humana. Sentada nas pedras do cais, indiferente à multidão e à festa, uma velha rezava. Era uma velha de pés atados, trôpega, incapaz de arrostar com a turba. Uma velha que não podia ir ao templo e que, não tendo casa, não tinha oratório. Vivia na pedra do cais. A seu lado, o tijolo do travesseiro, a tigela do chá. Parei e enterneci-me (Braga 1983:160-161).

Como que inevitavelmente, porque assim o leitor é como que convidado a suspeitar, a linha evolutiva apresentará a total dessacralização da religião e dos seus símbolos - reduzidos a uma convivência pagã, a uma manutenção pelo gosto decorativo da imagem, do objeto, do ornamento: “Arrumei o quarto. Tirei os retratos da parede, o Cristo de metal todo verde, o Buda de porcelana” (p. 72).

Um outro pilar que recebe a atenção crítica da narradora é a imutabilidade do pensamento social, político e cultural, sobretudo, em relação aos papéis desempenhados pela mulher portuguesa e aos efeitos do patriarcado. A perspectiva sobre estes assuntos é acutilante. Dois recortes textuais, entre muitos outros possíveis, servem para tornar explícita a visão mais *avant-garde* da narradora. O primeiro escolhido, é revelador da diferença atitudinal e cultural entre a instância narradora e a mãe: “Minha mãe era uma senhora de antigamente. Ia à missa às seis horas da manhã, nunca saía à rua em cabelo, criou os filhos com uma austeridade quase monacal. Aos treze anos, porém, eu tinha lido tudo, todos os livros do falecido pai e outros que se me deparavam” (p. 138). No segundo, pode ler-se que a narradora se libertou, de alguma forma, da esfera patriarcal: “o casamento para mim não contava. Custava-me a compreender que alguém ficasse tolhido a vida inteira pelo facto de um dia ter resolvido coabitar com outrem. Daí o meu espanto ante a maneira como as demais raparigas reagiam para com os homens: Reparei que não usava aliança, mas preciso de saber se vive acompanhado” (p. 122).

À luz deste enquadramento, são interessantes as descrições de um Portugal que se apequena, se mostra provinciano ao jeito de Eça, no qual as mulheres são descritas como entes supersticiosos, beliscadas com uma aura de ignorância e reduzidas ao ambiente hermenêutico da própria habitação: “Católica até aos ossos, a minha tia Graça vivera muitos anos no Brasil e nunca quisera assistir a qualquer sessão espírita. Falava, no entanto, do que acontecia no casarão da fazenda, coisas do outro mundo: uma mão escrita na porta, de manhã, e toda a noite, no alpendre, o estropear de um cavalo invisível” (p. 39). Também as roupas não se atualizam e o baú metaforiza a própria existência, porventura inútil, das mulheres do país: “trouxas dos farrapos com blusas de *faille* à moda do século passado? Se as vestíamos, rangiam a cada movimento como se vestíssemos papel. Raposas de pêlo traçado e melancólicos alinhos de vidro. Luvas de pele de porco com botões de frios de madrepérola. Faziam-se bonecas de meias de seda, a cara redonda, rija, de moinha” (p. 69). Em contraste, o homem como detentor e leitor de livros, como potencializador da viagem, da fuga, do elitismo. Recorde-se a figura do tio, “ao pé de

outros homens, doutores ou capitalistas, sempre eu avaliava em meu tio a sua superioridade” (p. 71). O exposto permite colocar Ondina Braga,

na senda das Três Marias, esta “criadora de almas” – como a própria também se definiu – não se coibiu de denunciar a miséria, a opressão e a alienação da mulher em páginas de uma sensibilidade erudita que se erguem como um grito no silêncio que aflora numa certa sociedade contemporânea. É interessante observar que as figuras femininas que povoam as suas histórias são geralmente apresentadas por duplicação ou por contraste com uma alteridade interior ou exterior, determinante na afirmação e na construção do Eu feminino, nutrindo sentimentos de proximidade e identificação ou reforçando a distância onde se espelha o que não são, o que poderiam ou gostariam de ser (Silva 2018:13-14).

A mesma autora sumaria: “Nos textos que têm por pano de fundo a terra natal, a inscrição temporal cristaliza-se através de referências históricas ou de diálogos sobre a vida política e social do país, em que se evidenciam a insatisfação e as decepções coletivas vividas sob os longos anos do regime salazarista. Neste contexto sociopolítico onde reinam os valores veiculados pela ideologia burguesa dominante, as mulheres sofrem o peso da moral religiosa e da tradição que as tolhe” (Silva 2018:14). Efetivamente, uma figura secundária, Ângela, serve para ilustrar a realidade portuguesa da perseguição política e da ausência do pensamento livre: “De família de posição, o pai arruinara-se com a política. Que terrível aquela vida com ele, a toda a hora preso, exilado! A mãe vendendo jóias, gastando-se na ansiedade, no terror, no empobrecimento” (p. 157).

O derradeiro ato crítico é reservado à própria narradora que, ao longo das páginas narradas, se mapeia, se autoavalia de um modo único e singular. Este exercício, ainda que transversal a toda a obra, é fortemente explicitado no término da obra, após perspectivada toda a vida e o que dela sobra. Aqui, no desfecho, o conflito interno surge maximizado e é verbalizado em tom bélico. Em clara sensação de fim de linha, escreve: “Guerra? A partir de quando? De ontem à noite? Da hora em que iniciei estes escritos? Ah, minha infância escassa, minha mãe resignada, minhas andanças sem rumo, meu viver sem ambições!” (p. 166). A citação mostra-se como uma verdadeira personificação do termo grego “katábasis” – uma descida ao inferno na qual as personagens tentam “averiguar o que de pouco claro se lhes afigura na vida terrena, ou para cumprirem qualquer missão

de importância, em geral em favor de qualquer pessoa ou comunidade humana” (Fernandes 1993 p. 347). Nesta descida ao inferno, o eu-narrador anui que o estado de coisas se rompeu de modo irreconciliável: “Quer dormir? Nos hábitos ociosos, falsos, espantinhos ao luar. Hora da libertação? Eis o derrubar da estante. As minhas “armas” retumbando no sossego da casa” (p. 166).

Curiosamente, a última página do livro põe em comparação a narradora e um gato: “eu sonâmbula, ele desperto” (p. 169). Ora, sabendo-se que o sonambulismo ocorre, mormente, em situações de extrema fadiga²¹, parece legítimo supor que se chegou ao fim da “sangria” do *ser de papel* e que personagem principal cumpriu o seu propósito. Após este momento, aguardará o seu destino, não passivamente, mas como um exercício ativo de paciência: “há uma certa ideia de morte como paciência de tempo, isto é, não existe qualquer ação na passividade do tempo que é a própria paciência” (Levinas 2012:35).

Considerações finais

Existe a possibilidade de, a respeito de Ondina Braga e de *Estátua de sal*, se recuperar, metaforicamente, Mircea Eliade. Escreve o professor romeno o seguinte: “situar-se num lugar, organizá-lo, habitá-lo, são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do universo que se está pronto a assumir” (Eliade 2016:40). Também Braga, conforme se leu, assumiu a ação voluntária de se reorganizar, de se reabitar internamente, problematizando o seu universo interno. O modo escolhido para lidar com o universo interior envolveu a revisitação do passado e a consequente escrita literária e reflexiva a partir das memórias pessoais, quebrando-se, pelo caminho, diferentes silêncios.

O estado deteriorado da personagem, quando do momento *ab initio* da narração, faz com que a escrita do Eu revele, processualmente, contornos de tanatografia, de *katabásis* ou de metanoia onde se confrontam os demónios interiores de modo a chegar-se a alguma forma de resolução - eventualmente positiva para entidade narradora e entidade narrada. Paralelamente, também concorre para que a voz narradora evidencie uma espécie de desdém pela consequência do próprio ato. Sobre esse prisma, a obra constitui-se como espaço de denúncia e de reivindicação isolada e singular: “Eu hirta, arquejante, rebelde. Eu e a minha guerra” (Braga 1983:166).

²¹ Segundo Ahad *et. al.*, o sonambulismo ocorre, em grande parte dos casos, na infância e na pré-adolescência e, sobretudo, em situações de fadiga extrema (Ahad et al. 2010: 176-177).

Nesta guerra, sagaz, altiva e multidirecional – de fora para dentro e de dentro para fora -, são criticados, sem quebras ou hesitações, os universais convencionalismos e as universais falsidades, em múltiplos jogos de espelho e em diferentes geografias. Ainda que o leitor possa antever um percurso fatalista e um previsível desfecho disfórico para o eu-narrador, a luta solitária contra poderes vigentes é, todavia, inspiradora. Nas palavras de Inês Pedrosa, “as mulheres de Maria Ondina Braga não são frustradas, nem passivas, nem convencionais. Que lhes liguem os pés, ao lado da China, que as casem, que as fustiguem, que se esqueçam delas, atrás das portas deste Minho, luas de sangue, tanto faz: elas revertem a opressão, sugam-na, vomitam-na em gatos imaginários, em futilarias, vomitam-na e permanecem” (Pedrosa 1987:13).

Bibliografia

- Ahad, H.; Kumar, C.; Reddy, K. & Mahesh, K. (2010). Somnambulism – Sleep walking disease. *JITPS*, 1 (4), 175-180.
- Alves, A. C. (2022). *Cultura chinesa – uma perspetiva ocidental*. Coimbra: Almedina.
- Azevedo, F. (2012). *Metodologia da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Bakhtin, M. (1986). *Speech genres and other late essays*. Austin: The University of Texas Press.
- Bíblia de Jerusalém* (2002). São Paulo: Paulus.
- Braga, M. O. (1983). *Estátua de sal*. Lisboa: Ulmeiro.
- Braga, M. O. (1965). *Eu vim para ver a terra*. Lisboa: Agência do Ultramar.
- d’Alte, P. (2022). Figurações da mulher na literatura de expressão portuguesa a Oriente: os casos de Luís Cardoso e de Senna Fernandes. *E-Rei, Revista de Estudos interculturais*, 10, 1-22.
- d’Alte, P. (2021). Figurações da mulher nos contos macaenses de Conceição, Ondina Braga e Senna Fernandes. *Asas da palavra*, 18, 2, 20-35.
- Genette, G. (2009). *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Edwards, J. (2017). *The folly of looking back in fleeing out of Sodom*. Ontario: Devoted Publishing.
- Eliade, M. (2016). *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: Relógio d’Água.
- Fernandes, R. M. (1993). Catábase ou descida aos infernos: alguns exemplos literários. *HVMANITAS*, XLV, 347-359.

- Gil, J. (1993). *O espaço interior*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gusdorf, G. (1991). *Les écritures du moi. Lignes de vie I*. Paris: Ed. Odite Jacob.
- Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hard, R. (2004). *The Routledge handbook of Greek mythology*. London: Routledge.
- Jung, C. (1996). *The archetypes and the collective unconscious*. London: Routledge.
- Lamas, E; Botelho, A. & Castelo Branco, M. (2000). *Dicionário de metalinguagens da didáctica*. Porto: Porto Editora.
- Levinas, E. (2012). *Deus, a Morte e o Tempo*. Lisboa: Edições 70.
- Levinas, E. (1969). *Totality and Infinity: An essay on exteriority*. Pittsburg: Duquesne University Press.
- Lima, I. P. (1989). Para uma poética da suspensão em Maria Ondina Braga – *A casa suspensa* – uma novela exemplar. *Letras & Letras*, 19, 10-11.
- Martins, J. C. O. (2021). Poética da relação em Maria Ondina Braga: viagem, auto-exílio e errância cosmopolita. In Moniz, A.; Pinheiro, J.; Coelho, L.; Sousa, A. & Pinheiro, C. S. (coord.). *Viagem e cosmopolitismo. Da ilha ao mundo*. (pp. 297-310). Famalicão: Húmus.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pedrosa, I. (1987). Maria Ondina Braga: ninguém conta três vezes como ela.... *Jornal de letras, Artes e Ideias*, 5-1-1987, p. 13.
- Pereira, J. C. S. (2015). *O delta literário de Macau*. Macau: IPM.
- Reis, C. (2008). *O conhecimento da literatura – introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almedina.
- Romdenh-Romluc, K. (2011). *Merleau-Ponty and phenomenology of perception*. New York: Routledge.
- Rosenbaum, R. S.; Kohler, S.; Schacter, D. L.; Moscovitch, M.; Westmacott, R. & Black, S. E. (2005). The case of K.C.: contributions of a memory-impaired person to memory theory. *Neuropsychologia*, 43, 989-1021.
- Saunders, M. (2010). *Self-Impression: Life-writing, autobiografiction and the biographical forms*. London: Fitzroy Dearborn.
- Scholes, R. (1989). *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70.
- Silva, M. A. (2018). Avatares do feminino em Maria Ondina Braga. *E-letras com vida*, 1, 12-21.
- Silva, V. M. A. (1989). O texto literário e o ensino da língua materna. AA.VV, *Congresso sobre investigação e ensino do Português*. Lisboa: Ministério da Educação.

Simas, M. & Marques, G. (2016). *Contributos para o estudo da literatura de Macau*. Macau: ICM.

Sousa, I. C. (2011). *A outra metade do céu. Escravatura e orfandade femininas, mercado matrimonial e elites mercantis em Macau (séculos XVI e XVII)*. Macau: Universidade de S. José.

Walsh, R. (2007). *The rhetoric of fictionality: Narrative theory and the idea of fiction*. Columbus: The Ohio State University Press.

Tulving, E. (2002). Episodic memory: from mind to brain. *Annu. Rev. Psychol*, 53, 1-25.